Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Maio 1979
Segunda-feira

ANO 59.º
N.º 19 954
10$00

14

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Incêndio na Serra de Sintra foi extinto esta madrugada

...mas os bombeiros continuam de prevenção Pág. 12

PR promulgou descongelamento das contas bancárias

Marcelo, Ramalho Eanes, Champalimaud e responsáveis do PSD pedem-lhe abrangidos

Pág. 24

Esta tarde: 34 graus em Lisboa

Os lisboetas suportam, esta tarde uma das maiores inflações dos últimos anos... em calor. D facto, os termómetros anunciavam esta tarde 34 graus, o que ultrapassa os valores dos últimos anos no mesmo mês. Já esta manhã em Lisboa estávamos a 25,2 graus. O ano passado à mesma hora, a temperatura foi 18,8. Aliás, o valor médio das temperaturas máximas registadas o ano passado no mês de Maio foi de 23 graus, o que já foi ultrapassado esta manhã. O dia mais quente do mês de Maio de 78 foi o dia 12 com 27 graus. No resto do País, a situação é idêntica. No Porto, por exemplo, às 10 horas, na serra do Pilar, a temperatura era 26,8, enquanto que no ano passado tinha sido de 19 graus. Desta vez, a «culpa» não «vem dos Açores» mas de um anticiclone situado na Europa Central.

(FOTO JOSÉ TAVARES)

Fátima 79

Elas vão cumprir uma promessa. De joelhos. Metro a metro, no itinerários de Fátima, duas mulheres, sob o sol, no humilde conhecimento que têm do céu, sinceras, ignorando a alta matemática do Universo, irão rastejando, rastejando, rastejando... Ninguém, na verdade, as pode condenar. Elas vão em direcção ao seu Deus, tão puras nas intenções como o deslocamento de um astro pelo espaço... Gravitam, enfim, nos campos obscuros da sua sinceridade. Mas...

Mas há um outro Deus que, do mais íntimo de nós, se projecta no espaço – e esse outro Deus é precisamente a grandeza racional do homem, as suas conquistas, o seu avanço ao longo dos séculos. Um caminho de milénios que é, em suma, a aproximação directa à imagem materialista de Deus. Directa, mas demorada na consciência e inteligência dos povos.

Assim, nesta ordem de ideias, as duas mulheres que vão oferecer os joelhos à terra, merecem toda a nossa compreensão. Só o tempo, só o lento correr dos dias, só o fatal desenvolvimento da História, é que, no momento oportuno, levarão no futuro outras duas mulheres a saudar uma nave cósmica, outros mundos – e não a ideia abstracta de uma potência que, na verdade, não pode concordar que nenhum de nós se arraste...

Pág. 13

Trabalhadores reagem contra a repressão nas empresas

Na sequência de um plenário de responsáveis sindicais e membros de CT's realizado este fim-de-semana na Mague, os secretariados da União dos Sindicatos de Lisboa e da CIL reuniram-se esta manhã para fazer o levantamento de todosos dados revelados nesse encontro, referentes a largas dezenas de casos de repressão nas empresas do distrito.

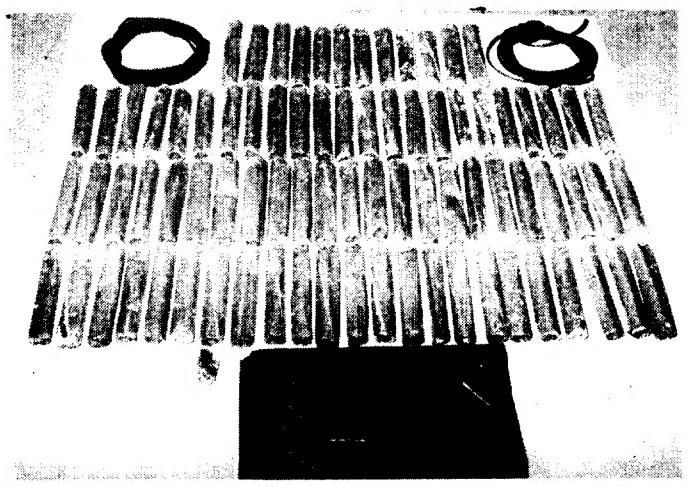
«Assiste-se ao crescente aumento de métodos repressivos das forças da reacção e do seu Governo derrotado, tentando destruir o maior obstáculo que têm à sua frente para consumar os seus designíos anticonstitucionais e antidemocráticos – **a unidade e organização** dos trabalhadores, a sua participa ão criadora na vida nacional», afirmara, durante o plenário, um dirigente sindical da USL.

A ilustrar estas palavras referiu casos como o da Sorefame, que mereceria, no final, uma moção de solidariedade para com os trabalhadores despedidos a suspensos, todos eles delegados sindicais ou membros da CT. Trata-se de um caso da «actuação repressiva, arbitrária e ilegal da administração», a justificar o desenvolvimento de «acções concretas» que levam a rever esse tipo de conduta – decidiu o plenário da Mague.

A lista de empresas onde se verificam atentados às liberdades sindicais e métodos repressivos de actuação é vasta. Alguns exemplos, citados pelo membro da USL: Cometna, Lusalite, Cabos d'Ávila, Standard Eléctrica, TLP, RDP, AGPL, Pastelaria Suíça, Lanalgo, Hotel Lutécia, Sugal, Comportel, J. Pimenta, Garagens Vitória, Antunes e Borges, CP, Rodoviária, Nacional, Previdente, Precix, Lisnave, CTM, Icesa, Habitat....

Estas situações serão oportu-

Continua na pág. 24



Cada uma destas velas de gelamonite, devidamente armadilhada, pode corresponder a um petardo.

Oitenta petardos apreendidos na Trafaria

Pág. 12 e 24

CONCURSO DL

HOJE 4.º CUPÃO

O Presidente do Conselho defende, na Assembleia Nacional, a posição oficial em relação à questão de Goa. Um discurso que em nome Império, essa tradição distante, nos aproxima da derrota e nos encaminha para o isolamento.

O grande jornalista que foi Artur Portela fala, numa evocação dramatizada mas sugestiva, de Almeida Garrett, do doce Garrett amado das mulheres que o poeta evocaria.

E, como presente de Natal, um desenho de Botelho. Mas os desenhos de Botelho são presentes para todo o ano. É mais um presente que, pelo aniversário, o «DI» oferece aos leitores no Caderno Especial desta edição.

Caderno especial 1954

CONCORRA!

post-scriptum

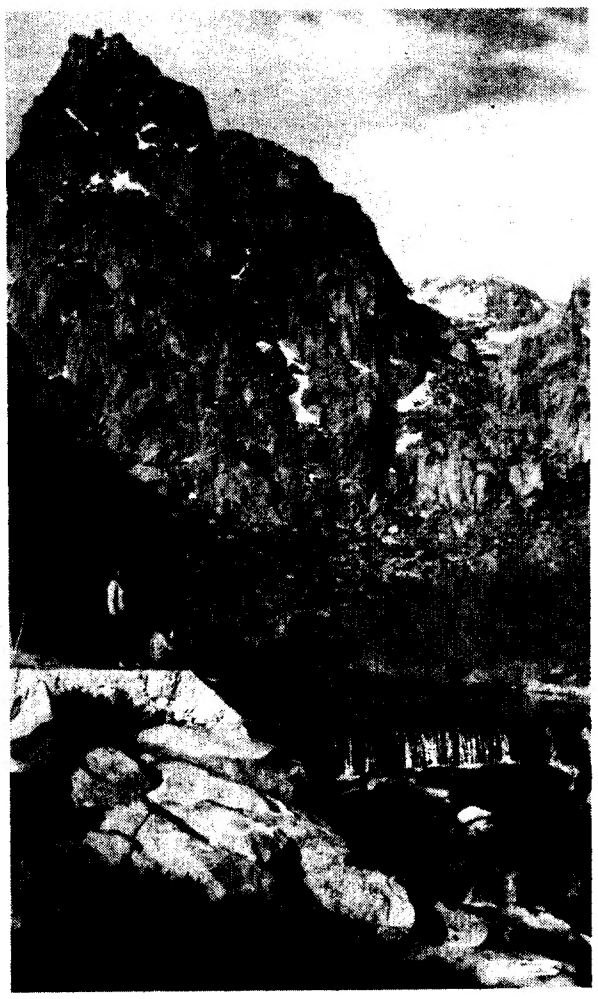
SECTARISMO DAS «COMPETÊNCIAS»

Além de «apartidário» e composto de «independentes», este Governo seria e fomentaria a competência. Tem-se visto. Na remoção (não, não são «saneamentos»!...), por indisfarçáveis razões político-ideológicas, de profissionais de prestígio, não tem sido, apesar de tudo, o PS a pagar o preço. Basta recordar dois casos recentes – o de Jacinto Baptista e o de Mário Ruivo – homens sem partido, e cuja qualidade intelectual e competência profissional não podem sofrer desmentido. Mas são democratas genuínos, o que é suspeito de novo. Afastado um da direcção de um jornal outro da Conferência do Mar, é Portugal que perde.

Outra forma de ir perdendo Portugal é distribuir a técnicos competentes tarefas menores ou alheias à sua competência especializada, por razão análoga às «remoções». Num certo departamento de Estado, inspectores-gerais de elevada craveira, e experiência provada, porque são, desgraçadamente, democratas genuínos também, são ocupados na elaboração de processos disciplinares e em outras tarefas rotineiras; ou são-lhes distribuídas as de estudar e relatar matérias – por exemplo: educação física – que não são do seu foro e, para as quais há outros inspectores-gerais, especializados e competentes, a quem são cometidos outros assuntos... Ou vão-se buscar, para matérias importantes, funcionários superiores que o próprio ministro caetanista pusera na «prateleira», por imprestáveis e inconformes, então, com os projectos de expansão e dinamização do sector...

Eis ao que conduz o sectarismo das «conpetências» (apartidárias e independentes) que nos governam, para mal da nossa Pátria. São uns «patriotas»!

Leitor devidamente identificado



Os preços da hotelaria

No dia 28 de Abril último organizei uma excursão à serra da Estrela, tendo-me comprometido a arranjar dormida para 40 pessoas. Para o efeito contactei a «Residencial Covilhã» sita na Rua Marquês de Ávila e Bolama, 117-1.º Dt. na cidade da Covilhã e cujo proprietário se comprometeu a alojar diariamente aquelas 40 pessoas ao preço de 300$00 por casal e 150$00 quartos individuais. Até aqui tudo certo. Porém qual não foi o espanto dos excursionistas quando se aperceberam de que aquele «hoteleiro», não tendo alojamento senão para 29 pessoas, se decide alojar (!) 3 casais em cada quarto ao preço de 300$00 por casal e até mesmo uma criança de 5 anos que dormiria com os pais pagaria 150$00.

Perante tal afronta à dignidade das pessoas foi pedida a intervenção da Polícia que, a custo, conseguiu demover o agiota das pretensões, apenas alojando pouco mais de 20 pessoas.

Sr. director, peço-lhe desculpa pelo tempo e espaço que lhe tomei, mas espero que as autoridades deste País não deixem de meter na ordem estes oportunistas que procuram explorar os incautos já que, segundo uma óptica que só vê o lucro, os meios justificam sempre os fins.

Grato pela publicação desta carta subscrevo-me com elevada estima.

Isaías Lourenço

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Qontacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jacinto Baptista

Redacção do "Diário Popular" homenageia Jacinto Baptista

O quarto aniversário da posse do jornalista Jacinto Baptista como director do vespertino «Diário Popular» foi assinalado ontem pela maioria dos membros do respectivo corpo redactorial.

A celebração constou de um balanço com o homenageado, no qual participaram todos os jornalistas que votaram contra a entrada em funções da nova Direcção do «DP», nomeadamente o ex-director adjunto, Abel Pereira, actual chefe da Redacção daquele vespertino.

Estiveram ainda presentes todos os elementos do Conselho de Redacção, delegados sindicais e os representantes da Redacção na Comissão de Trabalhadores.

Além disso, o turno de dia do sector enviou uma mensagem de apoio.

Jacinto Baptista, recorde-se, foi demitido do cargo de director do «Diário Popular» há dois meses.

● Publicamos hoje o quarto cupão da 2.ª série, referente a 1954 e que tem o n.º4. O leitor deve recortá-lo e, com os novos 29 cupões mais o boletim de identificação ficará com uma colecção completa.

● Esta 2.ª série, também terá 30 cupões, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais pode completar a sua colecção da 1.ª série no caso de ainda lhe faltar algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos jornais seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries. Em resumo, fazemos o possível para não complicar a vida ao leitor!

● Poderá, assim, completar duas colecções **e ficar com** o dobro de possibilidades **no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de 30 cadernos especiais com textos e imagens de um tempo já próximo – 1951 a 1979 – que serão publicados no decurso da 2.ª série.**

● O leitor tem tempo (pelo menos mais de um mês, e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. **O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual, e remeta para DL/CONCURSO – Rua Luz Soriano, 44 – 1200 LISBOA**

ANO 34.º TERÇA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1954 N. 11.492

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

O caso de Goa na Assembleia Nacional

Estamos prontos a negociar

mas não podemos ceder sobre a soberania portuguesa

— afirmou esta tarde o chefe do Governo

depois de analisar a situação criada pela União Indiana

OS VELHOS

Sir Winston Churchill

Dulles expõe as condições

que os Estados Unidos põem

para negociar com os Sovietes

Este número foi visado pela Comissão de Censura

4

Diário de Lisbôa

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

A actual situação do CCT dos jornalistas

● Dos 30% de aumento ao subsídio dos repórteres-fotográficos passando pela retroactividade de todo o corpo redactorial

A Direcção do Sindicato dos Jornalistas tem vindo a efectuar todas as diligências para que (uma vez já fixado, por Partaria dos ministros da Comunicação Social, Finanças e Trabalho, o limite máximo do aumento salarial) se volte a reunir a Comissão Técnica que vinha funcionando no Ministério do Trabalho e que elaborará a PRT.

Este diploma fixará, atendendo ao aumento global da massa salarial de 30%, a tabela final do CCT, para as diferentes categorias profissionais. A Comissão Negociadora Sindical (CNS) não abdicará da total aplicação do aumento de 30%, estando certa de que os representantes dos departamentos governamentais na Comissão defenderão idêntica posição, visto terem sido os ministros que fixaram os 30%de aumento.

Entretanto, o restante clausulado, assinado em 29 de Março de 79, continua à espera de publicação no Boletim de Trabalho e Emprego (BTE). Segundo informações dos Serviços do Ministério de Trabalho, o clausulado está em ordem e a sua publicação apenas aguarda um despacho do ministro da Comunicação Social para a sua aplicação à RDP, que pela primeira vez se encontra empreendida no CCT.

A CNS propõe-se também defender, na Comissão Técnica cuja reunião deverá verificar-se o mais breve possível, a consignação da retroactividade possível para o CTT, procurando compensar a demora na aplicação do novo contrato, que não é da responsabilidade do Sindicato.

Falta ainda decidir a questão do subsídio de máquinas para os repórteres-fotográficos, o que também deverá ser feito na Comissão Técnica. A AID insiste em três mil escudos mensais (doze meses), tendo a CNS proposto quatro mil escudos.

"Forum Internacional" — diário económico francês

Surgiu em Paris, um novo diário económico e financeiro francês para responder às necessidades da comunidade financeira.

Trata-se do jornal «Forum Internacional», de doze páginas de fotografias e artigos económicos. A França dispunha até aqui de apenas um diário financeiro, «Les Echos».

O «Forum Internacional» é constituído por artigos de informação geral e colunas especializadas sobre diversas actividades financeiras, tanto em França como no estrangeiro.

Criado pelos jornalistas Roland e Colette Dana, o jornal propõe-se fornecer aos meios financeiros franceses uma informação rápida e precisa, «essencial no actual período de dura competição comercial internacional».

O diário estreou-se com uma tiragem de quarenta mil exemplares e custa três francos (cerca de trinta escudos).

Escola de Jornalistas terá ajuda sueca

O Governo sueco vai ajudar Portugal a criar uma Escola de Jornalismo – disse à ANOP, em Estrasburgo, o ministro português dos Negócios Estrangeiros.

Freitas Cruz, antes de chegar a esta cidade para assistir às reuniões do Conselho da Europa, esteve dois dias em Estocolmo, onde conferenciou com governantes da Suécia.

A ajuda para a Escola de Jornalismo ocorrerá no âmbito da cooperação entre os dois países, estando previstos a curto prazo contactos com organismos portugueses responsáveis pelo sector.

"O Jornal" entra no quinto ano de publicação

«O Jornal», semanário de que é director José Carlos de Vasconcelos, director-adjunto José Silva Pinto e chefe de Redacção Manuel Beça Múrias, celebrou quatro anos de existência na passada sexta-feira.

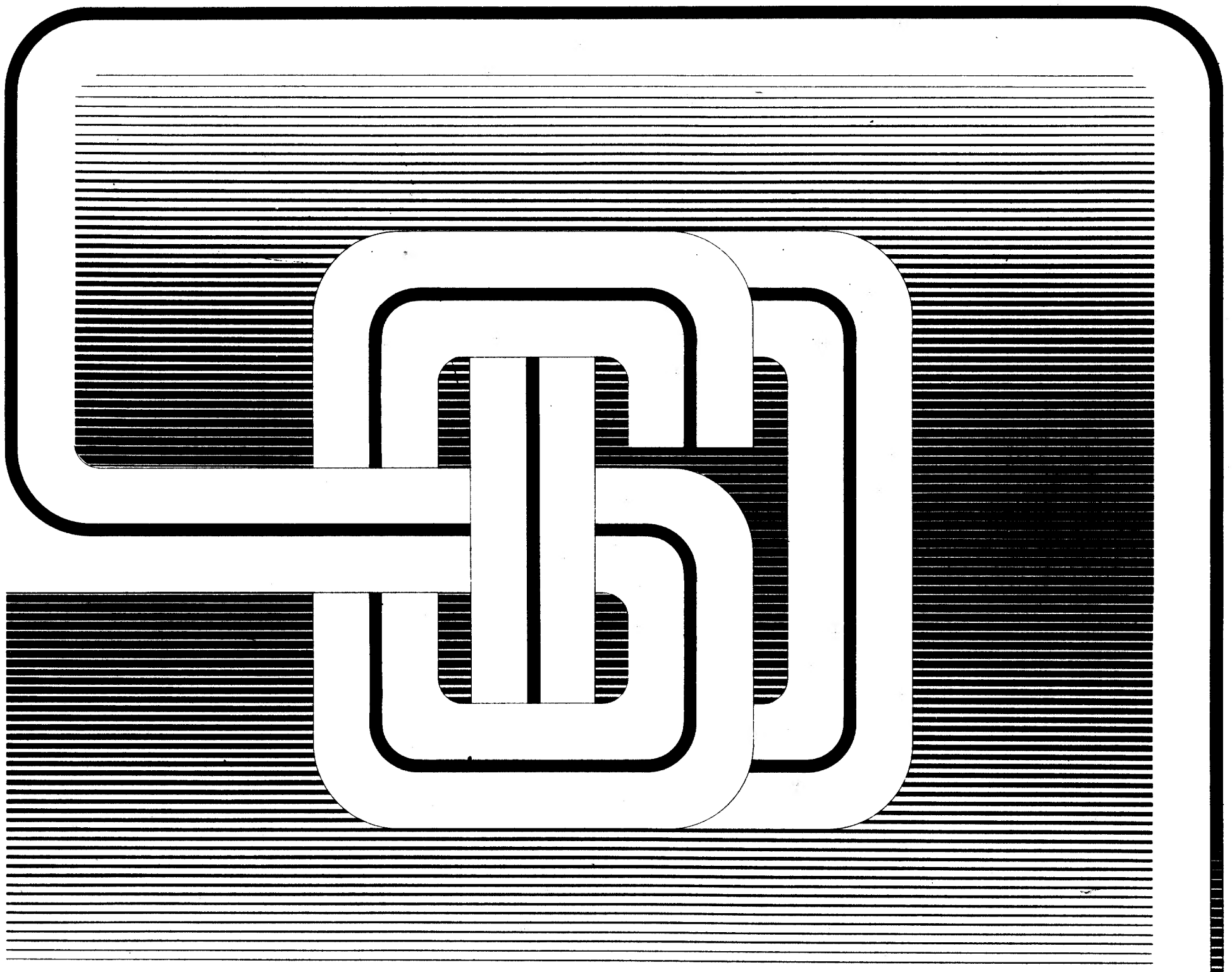
A todos quantos trabalham naquele periódico, endereça o «DL» os mais sinceros votos de camaradagem e de aturado trabalho a bem da Informação.

Jornalista checoslovaco agredido na RFA

O jornalista checoslovaco Cyril Smolik, correspondente da Televisão do seu país na Alemanha Federal, foi agredido e a sua câmara de filmar destruída quando filmava, em Kamem (RFA), um estabelecimento de formação de jovens nazis.

Segundo a Polícia local, o jornalista foi atacado por um grupo de jovens do «NPD», partido neonazi, que lhe arrancaram a câmara e inutilizaram a película.

O jornalista checo declarou que tudo isto se passou diante de vários polícias, que observaram a agressão e demoraram a intervir.



No início do 60.º ano de actividade reafirmamos a nossa vontade de continuar a contribuir firmemente para o progresso económico do País

1919 BPA 1979

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

SEDE SOCIAL – PORTO-PRAÇA D. JOÃO I ■ **SEDE CENTRAL** – LISBOA-RUA DO OURO, 110 ■ **SUCURSAL EM PARIS** – 5-7, RUE AUBER, 75009 ■ **AGÊNCIAS EM FRANÇA** – CRETEIL ● VILLIERS SUR MARNE ■ **AGÊNCIA EM NOVA IORQUE** – 2, WALL STREET, N. Y. 10005 ■ **DEPENDÊNCIAS NO PORTO** – AMIAL ● ANTAS ● AREOSA ● AVENIDA DA BOAVISTA ● CAMPANHÃ ● CENTRAL ● CEUTA ● CIRCUNVALAÇÃO (SENHORA DA HORA) ● GONÇALO CRISTÓVÃO ● INFANTE ● JÚLIO DINIS ● PADRÃO ● RAMADA ALTA ● SANTA CATARINA ■ **DEPENDÊNCIAS EM LISBOA** – ALCÂNTARA ● ALMIRANTE REIS ● ALVALADE ● AVENIDA ● AVENIDA DA REPÚBLICA ● BENFICA ● CAMPO DE OURIQUE ● CAMPO PEQUENO ● CAMPOLIDE ● CONDE BARÃO ● CONDE REDONDO CÓRPO SANTO ● FONTES PEREIRA DE MELO ● GRAÇA ● MARTIM MONIZ ● MISERICÓRDIA ● POÇO DO BISPO ● PRAÇA DE LONDRES ● RESTAURADORES ● SALDANHA ● S. SEBASTIÃO ● TERREIRO DO TRIGO ■ **AGÊNCIAS** – ALBERGARIA DOS DOZE ● ALBUFEIRA ● ALCOBAÇA ● ALFÂNDEGA DA FÉ ● ALGÉS ● ALHANDRA ● ALHOS VEDROS ■ ALMADA ● ALPIARÇA ● ALVAIÁZERE ● ANGRA DO HEROISMO ● ARRAIOLOS ● AVEIRO ● BEJA ● BOMBARRAL ● BORBA ● BRAGA ● CALDAS DA RAINHA ● CASCAIS ● CASTANHEIRA DE PÊRA ● CASTELO BRANCO ● CASTRO DAIRE ● CASTRO MARIM ● CASTRO VERDE ● CELORICO DE BASTO ● COIMBRA ● COVILHÃ ● CRATO ● ESPINHO ● ESTARREJA ● ÉVORA ● FAFE ● FARO ● FERREIRA DO ZÊZERE ● FIGUEIRA DA FOZ ● FUNCHAL ● GAFANHA DA NAZARÉ ● GONDOMAR ● GRÂNDOLA ● GUARDA (GARE) ● GUIMARÃES ● HORTA ● ÍLHAVO ● LAGOS ● LEIRIA ● LOULÉ ● MARINHA GRANDE ● MATOSINHOS ● MIRANDA DO DOURO ● MONÇÃO ● MONTIJO ● MORTÁGUA ● MOSCAVIDE ● MURÇA ● ODEMIRA ● OLHÃO ● PENICHE ● PONTA DELGADA ● PONTE DA BARCA ● PORTIMÃO ● PÓVOA DE VARZIM ● REBORDOSA ● RÉGUA ● RIBA D'AVE ● RIBEIRA DE PENA ● RIO MAIOR ● SABUGAL ● SANTARÉM ● SANTO TIRSO ● S. BRÁS DE ALPORTEL ● S. JOÃO DA MADEIRA ● SETÚBAL ● TAVIRA ● TOMAR ● TONDELA ● VIANA DO CASTELO ● VILA NOVA DE FAMALICÃO ● VILA NOVA DE GAIA ● VILA NOVA DE OURÉM ● VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO ● VISEU ■ **POSTOS DE CÂMBIOS** – FUNCHAL (AEROPORTO) ● LAJES ● MELGAÇO ● VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO (FRONTEIRA) ● VILAR FORMOSO

TRIBUNA LIVRE

Realidade e mito em "Bastardos do Sol"

José Coutinho

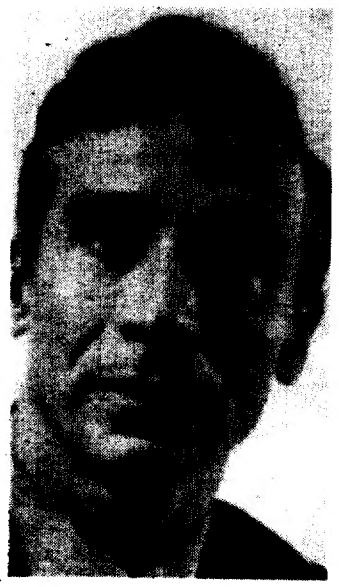
Neste romance de Urbano Tavares Rodrigues, um dos seus primeiros, o leitor é confrontado com a vida no Alentejo, a planície na região Sul de Portugal. É uma região pobre e seca, onde o trigo é cultivado a custo e os sobreiros e as azinheiras se desenham contra um céu infindo, queimado pelo sol. A população é pobre, o trabalho nos campos pesado – quase que não se pode falar de uma actividade industrial – e muitas vezes ainda, primitivo, porque não existe qualquer mecanização. Ao contrário do Norte, onde a terra está repartida de forma que quase cada um tem o seu bocado de terra –, no Alentejo, a terra pertence ao grande proprietário, o qual geralmente vive em Lisboa ou numa outra das grandes cidades, e só aparece uma ou duas vezes por ano, na época da caça e para descansar, mas, sobretudo, para meter o dinheiro ao bolso.

Como as grandes áreas não são intencionalmente cultivadas – os proprietários não estão de forma alguma interessados em explorar totalmente a terra – e os trabalhadores rurais dependem dos senhores e das escassas possibilidades de trabalho, o povo alentejano sofre as consequências do desemprego. Mesmo quando os trabalhadores rurais encontram trabalho, quase que não ganham para viver e são por isso obrigados a ganharem o seu pão no estrangeiro como emigrantes.

Nesta terra em que a vida é dura, onde os homens têm de lutar contra uma ordem social injusta e impiedosa assim como contra condições naturais que não são as mais suaves, neste Alentejo «sem sombras» desenrola-se a maior parte dos contos e dos romances de Urbano Tavares Rodrigues. Os seus livros são espelhos cristalinos que nos dão uma imagem da realidade social do Alentejo – o destino pessoal das personagens, a descrição dos conflitos do indivíduo estão sempre inseridos no contexto da resistência política e do protesto social contra uma ordem social criminosa que durante quase meio século só ofereceu a Portugal atraso e exploração. A prosa de Urbano Tavares Rodrigues é, para além de todas as qualidades estilísticas e das inovações sintático-lexicais, acima de tudo, um documento preciso sobre os homems que habitam essa região. Na sua obra, a obervação poética da realidade é cada vez mais claramente substituída de obra para obra por uma análise crítica impiedosa das condições de vida.

Num mundo em que a injustiça, a ignorância, a superstição, a pobreza, a diferença de classes surgem, sem peias, à luz do dia, o romancista vê como sua missão ser uma testemunha crítica desta sociedade estagnada, onde os indivíduos se movimentam em círculos cerrados e fechados, tomados de suspeitas, vigiando-se mutuamente. Precisamente com o seu romance «Bastardos do Sol», Urbano Tavares Rodrigues deu-nos uma imagem exacta do comportamento das pessoas numa pequena vila portuguesa. Estas pessoas que, isoladas do mundo, vivem entregues a si próprias, convivem numa tensão permanente que encontra compensação numa curiosidade mórbida por ninharias, na forma mesquinha como se fala dos outros, e como eles entendem o seu próprio horizonte limitado como o **non plus ultra**, tem obrigatoriamente de transformar-se em ira, ódio e vingança. Um exemplo típico é o do veterinário Arménio que, isolado na sua obstinação, se opõe a todos e é incapaz de ultrapassar o seu egoísmo e a sua rejeição de uma sociedade cujas regras de jogo ele repudia, sem, no entanto, as deixar de respeitar. Arménio, como representante de uma moral cega que degenera em moral hipócrita, que se tornou um rito formal de uma concepção de honra já ultrapassada, cada vez se desagrega mais; o vazio dentro dele torna-o incapaz para uma actuação colectiva. Este homem totalmente desamparado na sua brutalidade tornou-se vítima de uma ordem deshumana, que vive segundo o lema «cada um é o próximo de si próprio» e na qual os homens não podem deixar de se ver como inimigos, porque a guerra de todos contra todos se tornou o seu princípio de sobrevivência.

Também a irmã de Arménio, Irisalva, no princípio do livro, encontra-se ainda completamente prisioneira do mundo de pesadelo que é a casa em que tem de viver com o irmão, a quem se encontra amarrada pelo nascimento, pela tradição e pelos costumes. Nesta casa tem lugar um jogo cruel: o irmão e a irmã transformam-se em carrasco e vítima, em nome de uma «ordem» política, religiosa e social pervertidas, a qual, embora fale de amor, só semeia o ódio e a desconfiança. A casa torna-se o símbolo de Portugal durante os anos cinquenta, sob a ditadura salazarista. A «pequena casa lusitana» tornou-se um campo de concen-



tração onde as relações humanas são pouco a pouco aniquiladas. Mas a opressão cria a resistência. Como uma personagem da tragédia grega Irisalva procura o caminho que a conduzirá para fora do labirinto.

Ela protesta contra a situação desumana em que se encontra: dependente do irmão, homem caprichoso, sem profissão, sem amor, sem futuro, empurrada até à beira da loucura. Procura sem parar rebentar com as grades da prisão. A tentativa de se tornar hospedeira de uma companhia aérea fracassa; o seu amor por Delfino, filho de ricos agricultores, que a abandona, porque não tem força – também ele uma vítima – para se empenhar num modo de vida responsável, termina num fiasco. Mais amadurecida pelo sofrimento e pela experiência, Irisalva apenas vê um caminho: fugir para Lisboa que para ela se tornara uma verdadeira utopia. Nesta cidade, para ela cosmopolita, pretende começar tudo de novo. Mas reconheceu a irremediabilidade da sua classe e do seu sexo numa sociedade em que ela como mulher jamais é adulta e tira daí as consequências. A sua partida não significa apenas uma mudança geográfica: como o encontro com a rapariguinha no comboio o indica, é o início de uma nova existência – em direcção a uma nova aventura, a uma nova esperança.

Irisalva é um exemplo claro da situação da mulher portuguesa nos anos cinquenta e sessenta. A história dos irmãos – na qual devemos inserir também Delfino – mostra impiedosamente as possibilidades, mas também os limites, da pequena burguesia num mundo que todos os intervenientes sentem como opressivo: quanto mais Arménio, por seu lado, se envolve numa revolta desesperada e inútil, tanto mais consegue Irisalva avaliar correctamente a sua situação e tentar encontrar uma solução que modifique a situação.

Urbano Tavares Rodrigues nasceu, em Lisboa, em 1923, mas passou a sua infância e a juventude no Alentejo. Estudou Literatura em Portugal, indo depois para França. Leccionou em Paris, na Sorbonne, até ao seu regresso a Portugal, em 1955. Publicou novelas, romances e ensaios e nos anos sessenta foi preso por diversas vezes pelas atitudes que tomou contra o fascismo salazarista. Ultimamente docente na Universidade de Lisboa, escreveu logo a seguir à revolução de Abril o interessanten livro **Diário da Ausência e Textos da Presença Activa**, publicado em 1975, em que se refere, com o entusiasmo e o dinamismo do artista «engagé», aos novos tempos e à esperança que a revolução trouxe consigo. Em 1976 publicou a obra **Viamorolência** (Violência e Amor). Nesta obra torna-se visível a nova realidade portuguesa entre o 25 de Abril de 1974 e o 25 de Novembro de 1975. O autor é testemunha de uma evolução dinâmica que regista. Surge, assim, um testemunho muito vivo, original, no qual se misturam notícias de jornais, ficção e vivências pessoais.

De resto, Urbano Tavares Rodrigues sempre se ocupou intensamente das literaturas estrangeiras. Provam-no vários ensaios como por exemplo «O realismo, a vanguarda e a nova cultura», principalmente reflexões sobre o «noveau roman» francês. Assim em **Bastardos do Sol**, é possível encontrar elementos estilísticos do «noveau roman», assim como a influência do cinema como por exemplo nos «flash-back». O passado e o presente sobrepõem-se; o tempo parece anulado, o que deve ter durado três anos é, na ficção, reduzido a um dia, a reflexão que quase não é reconhecida como «flash-back» passa directamente para a acção. Mas seria, no entanto, totalmente errado pretender definir «Bastardos do Sol» como um «noveau roman». Tavares Rodrigues serve-se até para a acção do modelo convencional do romance regional ibérico, as próprias personagens pertencem a esse modelo: a seduzida, o sedutor, o enganado... Mas é apenas na amálgama de elementos estilísticos «modernos» com um assunto tradicional que ele consegue um exemplo, bem pessoal, da literatura realista.

Como nenhum dos nossos escritores contemporâneos Urbano Tavares Rodrigues consegue descrever, com uma sensibilidade psicológica e um conhecimento exacto dos pormenores, a vida no Alentejo. **Bastardos do Sol** é, assim, na verdadeira acepção da palavra, um romance regional, que com meios realistas descreve uma sociedade rural, paradigma da sociedade burguesa portuguesa daquele tempo. E o povo?

Urbano Tavares Rodrigues escreveu este livro durante a ditadura salazarista. Não se trata, **expressis verbis**, de um livro político, mas caracteriza-o, todavia, uma forte crítica social. Embora nunca surjam como personagem (o povo), os camponeses desempenham um papel importante. Pressente-se a sua miséria, a fome que muitas vezes só pode ser saciada pelo roubo. Fala-se de trabalhadores rurais sem trabalho, de mendigos que vivem das esmolas dos ricos, de pastores e de vagabundos que, sem esperança e sem dignidade, erram pelos campos e pelas propriedades abandonadas. Todos eles tentam – visto que uma vida com sentido se torna praticamente impossível – sobreviver por qualquer preço.

Precisamente nesta camada, a mais pobre, do povo, nunca a ideia da resistência aos poderosos se perdeu. A partir dos jornaleiros, dos criados e dos pequenos lavradores arruinados, que nunca tiveram outra coisa para vender que não fosse o seu trabalho, formou-se um proletariado rural. Os alentejanos sempre possuíram uma forte consciência de classe. Nunca viram na servidão uma fatalidade; pelo contrário, nunca deixaram de reclamar o seu direito ao trabalho, à liberdade a uma existência mais digna. Também o comprovaram quando o Movimento das Forças Armadas em 25 de Abril de 1974 fez cair a ditadura. A sua consciência política e a sua organização colectiva tornaram-no capaz de levar a cabo, dentro de pouco tempo, um dos objectivos mais importantes da Revolução: a Reforma Agrária. A criação de numerosas cooperativas, a mecanização do trabalho agrícola, mas sobretudo o facto de serem eles próprios a administrar e a explorar a terra que antigamente cultivaram como servos, são sinais de uma nova era no Alentejo, era que não é possível fazer voltar atrás.

Hoje em dia em que todos os portugueses se empenham em defender a revolução contra todos os ataques, o povo alentejano – como todo o povo português – compreende que é necessário continuar a lutar para poder viver melhor.

* Posfácio à edição alemã de «Bastardos do Sol» (Verlag Neue Leben, Berlim, 1978)

Falar de Novembro em Abril

Pedro Martins

Julgamos ser pacífico afirmar que a grande expectativa que sempre se forma à volta de anunciados discursos ou entrevistas do Presidente da República é directamente porporcional á decepção que esses discursos e entrevistas provocam quando se tornam do domínio público. O discurso pronunciado por Ramalhes Eanes perante a Assembleia da República em 25 de Abril e a entrevista concedida ao «Diário de Notícias» em 5 de Maio último, são, infelizmente, dois exemplos que ilustram perfeitamente o que atrás escrevemos.

Começando pelo discurso de 25 de Abril, facilmente constatamos que constituiu mais um passo para o isolamento político do Presidente da República, apenas apoiado pelos dissidentes do PSD, numa procura desesperada de paternidade política, e pelos deputados do CDS, em busca do tempo perdido em alianças instáveis e incoerentes com o Partido Socialista.

Com efeito, Ramalho Eanes começou por aproveitar a comemoração do «25 de Abril» para homenagear também as «forças militares e políticas» que fizeram o «25 de Novembro». Este aproveitamento parece-nos, no mínimo infeliz, pois enquanto uma data marca o encontro de todos os democratas portugueses, a outra só foi possível por se terem cavado perigosas divisões no seio desses mesmos democratas. Evocar o «25 de Abril» é contribuir para a unidade de todas as forças democráticas. Evocar o «25 de Novembro» é fomentar a divisão entre elas, e, assim, tornar mais vulnerável a jovem democracia portuguesa.

Mais à frente, o Presidente da República atacou os partidos políticos e acusou-os mesmo de serem responsáveis pela presente crise nos seguintes termos: «Se a confusão e a perplexidade persistem e a crise, se instala, é sobretudo, porque continuamos a não conseguir o que parece e é realmente mais fácil num regime democrático: o entendimento entre os partidos» e foi mesmo ao ponto de revelar algo original e espantoso: «Como noutras ocasiões aconteceu, também agora podemos dizer que os mais temíveis adversários da democracia não são os antidemocratas declarados – que não encontram acolhimento entre o povo português – mas os próprios democratas, quando se deixam prender na teia de conflitos secundários e esquecem o campo real de entendimento que melhor responderia aos interesses de Portugal»!

Uma outra nota saliente no discurso presidencial foi o apoio expresso (mais uma vez) ao Governo Mota Pinto, o «Governo mais à direita depois do 25 de Abril», o Governo que «infringe a lei por acções e omissões», o Governo cuja prática política faz recordar, em tudo ou quase tudo, os governos presididos por Oliveira Salazar e Marcelo Caetano. Pois, é um Governo destes (cuja impopularidade cresce hora a hora) que mereceu do Presidente da República as seguintes palavras de apreço: «não quero deixar de sublinhar que o actual Governo assumiu objectivos patrióticos de continuidade da acção governativa e de defesa institucional da democracia, e tem tido, como recentemente referi, uma actuação globalmente meritória. Por ambas as razões, mantém a minha confiança». E o senhor Presidente vai mais longe ao «avisar» a própria Assembleia da República: «ao juízo prático sobre a conveniência política da continuidade deste Governo terá de corresponder uma atitude consciente da Assembleia da República no sentido de, sem limitar a sua crítica e a sua fiscalização política, assegurar ao Executivo, de modo continuado, os instrumentos necessários à acção governativa».

Quanto à entrevista do General Ramalho Eanes ao «Diário de Notícias», destacamos dois pontos que nos parecem deveras significativos, até pela maneira como são abordados: a existência (ou inexistência) do MFA e a aplicação da Lei Barreto.

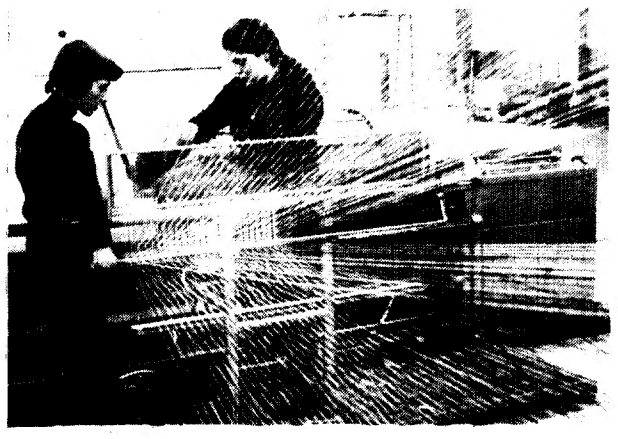
Sendo certo que no acto de posse o senhor Presidente da República eleito (o general Ramalho Eanes) jurou «defender e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa»; sendo, igualmente, certo que o artigo 10.º da Constituição é muito claro e afirma: «A aliança entre o Movimento das Forças Armadas e os partidos e organizações democráticas assegura o desenvolvimento pacífico do processo revolucionário»; sendo, ainda, certo que não houve nem haverá revisão constitucional antes de 1980, não se compre-

ende muito bem a afirmação do Presidente Eanes: «o MFA **cumpriu** a sua missão patriótica através da institucionalização da democracia. Tentar hoje **ressuscitá-lo** pela afirmativa ou pela negativa só poderá prejudicar a unidade das Forças Armadas».

Sobre a Lei de Bases da Reforma Agrária, diz o senhor Presidente que ela «terá que ser cumprida sem hesitações» e que «deverão ser tomadas as adequadas medidas à sua execução, o que aliás tem vindo a ser feito». Independentemente do juízo de valor que temos sobre a Lei Barreto (e enquanto esta não for revogada ou, pelo menos alterada) será bom que o general Ramalho Eanes zele pelo seu cumprimento, em ordem a acabar definitivamente com essa situação escandalosa criada na zona de Intervenção da Reforma Agrária, corajosamente denunciada pelo conselheiro Pezarat Correia ao afirmar que «o MAP tem recorrido sistematicamente ao emprego da força, a pretexto do cumprimento da lei. Mas na realidade o MAP tem é, arrogante e impunemente utilizado a força para fazer executar a sua vontade arbitrária e discricionária, em clara violação da lei e é contra isto que se tem levantado o clamor popular».

Aqui fica esta crítica às duas últimas intervenções do Presidente da República (e muito mais haveria para dizer) porque (também) nos recusamos «a esconder num falso optimismo os perigos reais que a democracia portuguesa corre» e porque julgamos que o silêncio é um cúmplice eficaz de certos tipos de Poder.

ponto a ponto



A Noruega embargou a importação de têxteis portugueses que havia encomendado. As remessas estavam a ser feitas ao abrigo do acordo sobre os têxteis que vigorava desde há 3 anos e que caducou em Março último. Segundo o gabinete da Portex, exposição de têxteis que tem lugar no Porto, a decisão norueguesa destina-se a pressionar Portugal para que assine um novo acordo o qual terá condições inaceitáveis designadamente na limitação dos contingentes de artigos que até agora não estavam sujeitos a quaisquer restrições.

Um outro ministro, Loureiro dos Santos, deixou ontem o País. O titular da pasta da Defesa seguiu para Bruxelas onde participará numa reunião ministerial da NATO. Para Loureiro dos Santos esta reunião é apenas de «rotina», segundo afirmou à partida O seu regresso a Lisboa está previsto para depois de amanhã. Em Bruxelas encontrar-se-á com o vice-chefe do EMGFA, Souto Cruz, que ali se encontra desde a semana passada.

Vindo de Manila regressou a Lisboa o ministro do Comércio e Turismo, Repolho Correia, que na capital das Filipinas participou na V Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). «Não somos nem um país em vias de desenvolvimento nem um país desenvolvido. Por isso a nossa posição é a de tentar obter um consenso entre os países desenvolvidos e os em vias de desenvolvimento» – disse o ministro à chegada. Na UNCTAD está a debater-se o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional.

Pinheiro de Azevedo tem problemas financeiros que põem em perigo a sua campanha eleitoral com vista às eleições presidenciais. Foi ele próprio que o confessou em conferência de Imprensa realizada na Madeira. Uma ida à Venezuela, em busca de apoios junto dos emigrantes portugueses, é uma das soluções que o ex-primeiro-ministro e ex-candidato de 1976 coloca a si próprio. Para além destes problemas, e se não houver complicações com a sua saúde, Pinheiro de Azevedo, disse-o claramente, não vê obstáculos à sua eleição.

O presidente do Governo Regional dos Açores encontra-se desde hoje na Madeira. Permanecerá ali quatro dias durante os quais travará conversações com o seu homólogo madeirense Alberto João Jardim. Problemas das duas regiões autónomas ocuparão os dois dirigentes que tentarão traçar linhas de actuação comum quanto a algumas das principais questões pendentes. Mota Amaral avistar-se-á ainda com o ministro da República para a Madeira.

CRÓNICA AGRÍCOLA

ALEXANDRE RAMOS

Um dirigente da EPAC – Empresa Pública de Abastecimento de Cereais – deu entrevista ao «Jornal de Notícias» (27-4-79). Descreve a Empresa. Tem 2.300 funcionários, 1250 dos quais na província.

«Devemos aliás, ser o aparelho que tem uma estrutura regional mais volumosa. Portanto, para além de sermos um instrumento do Governo (porque somos uma empresa pública) para pôr em prática uma política de preços, e assegurar que não faltem cereais no país, somos uma entidade que sobressai facilmente no mercado interno de cereais como única empresa que compra, seca, armazena, transporta e distribui pelos utilizadores os cereais produzidos no país, ou que, em caso de necessidade, são importados por nós.

P – Relativamente ao futuro, o que pensa será a actuação da EPAC?

«Com a entrada do país no Mercado Comum, esta estrutura terá que forçosamente alterar-se visto que a política agrícola comum não permite a existência de monopólios nos países membros. Portanto, esta actividade terá de ser liberalizada, tanto no campo da compra nacional, como na importação e a EPAC será, sem dúvida, um concorrente entre muitos outros. Isto é, será um dos agentes económicos no campo de cereais».

P – Quais os reflexos que se irão produzir com essa transformação? Isso irá causar alguns transtornos?

«Penso que numa primeira fase não irá haver transtornos porque continuaremos a ter a nossa sede e as nossas funções. O país não sofrerá muito com isso. Depois, a situação evoluirá e é natural que surjam outras Empresas a negociar e aquilo que nós não fizermos se-lo-à por outras, estabelecendo-se um equilíbrio».

As declarações aqui transcritas encerram todo um mundo de problemas, que, não dizem somente respeito à EPAC, mas a outras empresas públicas e organismos de coordenação económica) como o JAPO (Instituto dos Óleos) a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, a Comissão de Abastecimento de Peixe, etc.

Trata-se não só da sua actuação no mercado interno, como no externo (importação, exportação) face à exigência que a entrada na CEE requer. Ora, o Dr. Orlando de Carvalho, o entrevistado, é claro. A empresa, tal como existe, com o seu carácter monopolista, melhor seria dizer-se exclusivamente comercial não pode persistir.

A empresa tem 2.300 funcionários, um activo imobilizado em instalações – silos, armazéns, infra-estruturas administrativas de milhões de contos, que em cada ano exigem conservação, reparação, reintegrações.

A CEE exige a liberalização comercial, e, em consequência, entidades privadas aparecerão no mercado, a concorrer com a EPAC quer na importação quer adquirindo no mercado interno. É evidente que se por exemplo, os moageiros e os industriais de rações quiserem fazer um consórcio, um cambão, um cartel, para a importação dos trigos, dos milhos, dos sorgos, isto é, das matérias-primas que necessitamos, imobilizam a EPAC.

É ainda evidente, que se em qualquer Ministério das Finanças com intenção de reprivatização de actividade, torcer o nariz autorização de créditos de demorar, criar problemas, também imobiliza a EPAC.

É por todos sabido que o capitalismo não tem pátria. Um grupo de interesses daqui, alia-se facilmente a grupos internacionais do ramo – a uma Bungue, a uma Continental – para marginalização da EPAC. A EPAC ficará imobilizada.

Não há mais equilíbrio possível. As instalações da EPAC vão servir de base à actividade destas futuras empresas.

Depois, os 2.300 funcionários, vão ser sustentados pelo Estado.

Desde há muitos anos o comércio do trigo é um monopólio de Estado, como é o abastecimento da indústria de moagem e de rações.

E esta situação, é a que mais se coaduna com a situação da economia portuguesa, das suas necessidades, do seu futuro e do desenvolvimento agrícola do país. Fazer recuar de décadas organizações que foram imposts pela realidade nacional, que foram impostas exactamente pela anarquia, pelo descomando da liberalização capitalista, pelos abusos e prejuízos causados ao povo português, é agravar os males da nossa economia é desenvolver um intermediarismo poderoso e, ele sim, monopolista internacionalista.

É colocar um país num dos seus abastecimentos fundamentais, à mercê de grupos nacionais e internacionais, para os quais, os nossos interesses colectivos, nada contam.

Não se pode dizer que não é possível resistir às exigências do Mercado Comum. A questão é que, reconhecida por todos nós a necessidade absoluta do exercício das empresas públicas com carácter de exclusividade tenhamos a firme decisão de as defender. Eo caso não é único, dentro da CEE. Por mais esforços que os senhores de Bruxelas hajam feito para destruir a organização inglesa leiteira – o célebre Milk Marketing Board – não o consequiram. Na Inglaterra, libe-

Continua na pág. 6

REGRESSO DO TERROR

Desta vez, foram petardos. Desta vez, o explosivo utilizado teria sido pólvora vulgar ou gelamonite de primitivo fabrico. E – que o saibamos – não foi estabelecida ligação entre a granada que matou uma criança e os petardos que, nesse mesmo sábado, dia 12 de Maio, danificaram automóveis, estilhaçaram vidros, feriram duas pessoas.

E, também, não iremos além de registar uma coincidência se escrevermos que nesse mesmo sábado, dia 12 de Maio, se inaugurou a temporada dos incêndios.

Como é já clássico, na região de Lisboa, as preferências vão para as devastadas matas da região de Sintra. Foi, mais uma vez, a zona que dos Capuchos e da Lagoa Azul vai até Malveira da Serra, a escolhida pelos amadores do fogo. Os bombeiros não hesitam em afirmar que se trata de fogo posto.

Não nos precipitaremos na afirmação pessimista: vem aí uma nova ofensiva de bombistas e de incendiários. Não queremos elevar uma voz alarmista para censurar a indiferença, o silêncio em relação às actividades criminosas de reaccionários desorientados. Mais do que uma força, o petardo representa um desespero. Mas não reduzamos o caso, à banalidade da inadaptação ou ao protesto aceitável. Nem façamos dos incendiários de Sintra simples piromaníacos. Estamos segundo tudo leva a crer, perante acções de carácter político. Talvez, perante uma adesão juvenil à linguagem do explosivo e do fogo. Estamos perante um voluntário e voluntarioso recurso à violência.

A ineficácia preventiva e a indulgência repressiva explicam o novo surto de violência. A juventude e inexperiência militar dos praticantes, explica que, no caso dos petardos, os estragos tenham sido limitados. Mas, com meios mais poderosos, não será difícil imaginar o que poderia ter ocorrido no parque subterrâneo da Praça dos Restauradores.

E, sem querermos hoje insistir e sem querermos alinhar com os profissionais da ingenuidade política, não podemos deixar de referir que em matéria de actividades que são subversivas e de acções contra vidas e bens às quais se aplica a classificação de terroristas, se têm verificado estranhíssimas omissões, singulares silêncios, absurdas lentidões, espantosas benevolências.

Os reduzidos instrumentos de defesa da nossa jovem Democracia estarão infiltrados? Estarão corrompidos?

UMA CRISE ESTABILIZADA

Em **crise** vivemos. Um escritor dos nossos dias que, por ficção dominical, se promoveu a observador marciano da sociedade portuguesa, descobriu de mergulho neste «poço de inquetação e angústia», que é o queirosiano **sítio,** que aqui era «sem qualquer hesitação, o inferno da terra».

Céus! Mas neste país **de crise,** a vida política suspensa da incapacidade parlamentar para substituir um governo com a morte à vista, o Estado a degradar-se em acções de pequena política, o Presidente a esgotar o tesouro das palavras e a imaginação das iniciativas democráticas e constitucionais, dá gosto (e desgosto porque se goza sangrando da alma) ler nevoentas análises e rochosas conclusões a propósito de governo e desgoverno, de possibilidades e impossibilidades presidenciais.

Afirma-se, sem rir e sem chorar, num semanário da praça de Lisboa que o Presidente Ramalho Eanes: «Apresenta-se como disponível para cooperar em qualquer solução que sabe antecipadamente impraticável».

Assim, palavra por palavra. E, por seu turno, o Presidente diz numa linha, com sensato juízo: «O realismo mais elementar exige que se trabalhe com os partidos que temos». Mas, noutra linha, com uma aposta futuramente admite: «No entanto, se ocorrerem acontecimentos políticos mobilizadores, poderá haver uma nova distribuição de forças no Parlamento».

A realidade é contestada em nome da secreta esperança. A esperança dos «acontecimentos mobilizadores», vaga messiânica, concretiza nestes dias pardos o sebastianismo nacional. E a secreta esperança desequilibra o bom-senso, perturba a fria análise, adia a recta decisão.

Temos que trabalhar com os partidos que temos. Com eles – e com o Presidente que temos – temos de encontrar a solução democrática e constitucional da **crise.**

Sem esquecer, claro, que a **crise** não é só **crise política.** E tendo presente, claro, que a solução da **crise política,** em democracia e com estrita observância do quadro constitucional, é a condição básica do conjunto de soluções (políticas, financeiras, económicas, sociais) que o País reclama.

A **crise,** pela habituação, passou a ser uma «situação nacional» relativamente estabilizada. Mas é irresponsável aceitá-la como tal. Caminhamos para uma situação grave. Para o colapso institucional? Não o dissémos. Mas há quem nele aposte e o deseje.

PERDAS DE VELOCIDADE

Os que se surpreendem com o recuo táctico do PCP e se irritam com a lentidão de manobra do PS, que desesperam com o prolongamento dos dias contados de um Governo que perdeu credibilidade política e não alcançou prestígio técnico, registam evidentes perdas de velocidade da «Frente Democrática Eleitoral» do CDS e a não concretização, para além das declarações contraditórias, da política de alianças do PSD.

Com a sua vocação para a afirmação categórica e para os grandes papéis, no teatro político do Portugal Contemporâneo, a personagem «grande-homem-de-Estado», que constitui uma adiada esperança, alternativamente desempenhada por Francisco Sá Carneiro e por Diogo Freitas do Amaral, está já um pouco desacreditada.

Com efeito, nem Francisco Sá Carneiro, nem Diogo Freitas do Amaral, se mostram capazes de definir uma orientação política com a necessária incidência num sistema de alianças que convenha aos respectivos partidos e seja concretizável nas condições políticas conjunturais.

Num artigo do «Correio da Manhã», Sousa Franco anotava variações e contradições da direcção nacional do PSD. O Conselho Nacional do Porto constatou situações, reafirmou posições, não abriu um caminho.

Pelo que ao CDS se refere, a perda de velocidade política não encontrou compensação no anúncio do «governo sombra». Aquela «Frente Democrática Eleitoral» converteu-se numa pesada cruz. E o PSD, embaraçado com o que considera ser a indefinição socialista, parece condenado a disputar a direcção da «direita» a partir de posições que as bases nortenhas não desejarão ver confundidas com um projecto de «social-democracia». É o regresso ao **populismo.**

RÁDIO 78 — "BOA IMAGEM, MENOR AUDIÇÃO"

RDP — quebras nos programas 1 e 3 revela o GER/RDP

A Radiofusão Portuguesa acaba, de divulgar uma pequena brochura contendo alguns elementos estatísticos resultantes do Estudo sobre Audiência e Opinião sobre a Rádio, relativo ao Verão de 1978. Este «dossier» resume os dados do «dossier geral» preparado em Dezembro do ano passado. Partindo de uma amostra de 5215 entrevistas que incluiu Açores e Madeira, os índices obtidos permitem uma avaliação significativa do universo inquirido, com margens de erro da ordem dos 5-7% para um intervalo de confiança de 95,5%.

No Continente, o estudo orienta-se segundo oito regiões que respeitam critérios vários, nomeadamente os relativos às zonas servidas pelos diferentes programas e emissores da empresa pública de radiofusão. Este estudo permite ter uma ideia clara do comportamento da audiência no período estival. Cerca de 10% da população continua sem qualquer contacto com os «media». Situação paradoxal se pensarmos que a radiofusão quebrou as barreiras da comunicação. Existem no mundo mais de mil milhões de receptores de rádio, ou seja, um receptor por 4 habitantes. Em Portugal a posse de um receptor atinge cerca de 85%, sendo de 62% a percentagem dos cidadãos que escuta rádio pelo menos três vezes por semana. Em relação à televisão a percentagem atinge os 67%.

Os portugueses dão ainda preferência ao rádio de mesa, 43%, sendo de 18% os que têm receptor de bolso.

Em relação à distribuição do equipamento por região, não espantará serem as regiões do Grande Porto e Grande Lisboa que maior concentração de meios dispõem: cerca de 92-95% da população possui rádio, sendo de 65% a que dispõe de FM, Modulação de Frequência ou UKW.

As zonas com menor índice de equipamento, são as regiões I e III que correspondem, sensivelmente a todo o Norte, à excepção do Grande Porto, onde a posse de rádio é de cerca de 78%. Quanto à posse de aparelhos com FM a imagem é sensivelmente diferente: as zonas pior equipadas são as do interior, de Trás-os-Montes até ao Baixo Alentejo, inclusive, onde a percentagem é de 44%. Distingue-se o Minho onde a percentagem desce aos 37%.

DIMINUIÇÃO DE CONSUMO NOS «MEDIA ELECTRÓNICOS»

Os dados constantes no pequeno «dossier» preparado pelo GER/RDP, Gabinete de Estudos de Radiofusão, indica uma quebra geral nos índices de escuta da rádio. Estes índices não têm a ver unicamente com a RDP, mas envolvem igualmente a Rádio Renascença, sabendo-se também que em relação ao estudo anterior, referente ao Inverno, a televisão baixou os índices de escuta.

O estudo agora divulgado não inclui quadros que nos permitam qualificar o comportamento dos ouvintes face à Rádio Renascença, embora em Janeiro o ministro da tutela tivesse indicado que a Rádio Renascença era mais ouvida que a RDP o que ainda está por demonstrar. O presidente da RDP partilhava da mesma opinião infundamentada, desmentida pelo GER.

Terá pouco significado dizer-se que a escuta de rádio desceu em termos absolutos sem o devido enquadramento, como defende o GER que demonstra em estudos mais elaborados tratar-se de uma quebra generalizada para a qual existem apenas hipóteses de interpretação. Esta quebra de consumo dos «media», detectada no estudo de 1977, pode traduzir um fenómeno sociológico que se prende a factores vários, bem como reflectir o carácter sazonal da sondagem.

Terá de se referir que os resultados do estudo não abrangem o comportamento dos ouvintes face à programação introduzida pela administração Humberto Lopes/ Proença de Carvalho.

O GER conclui perante os dados do inquérito que «a exposição ao meio rádio diminui em geral, diminuindo especificamente a sua audiência em qualquer dos três tipos de dia de semana (2.ª a 6.ª, Sábado e Domingo)». Adianta que a diminuição de audiência se reflectiu na audiência da RDP nomeadamente ao nível dos canais 1 e 3, mantendo-se as audiências relativas dos programas 2 e ex-4. O programa 3 é o canal emissor que apresenta maior audiência. O GER, embora não apresente todos os dados referentes às conclusões que tira, afirma ainda que a RR apresenta índices de escuta mais reduzidos que os do programa 3, em 23 dos 40 períodos de meia hora da programação de 2.ª a 6.ª.

Aos sábados a posição reforça-se e o canal 3 passa a dominar em 36 dos 40 períodos de meia hora. Aos domingos a RR passa a dominar a maioria dos períodos de escuta em relação ainda ao programa 3 que não dispõe de FM.

RDP — IMAGEM AGRADÁVEL EM 1977

O GER aponta ainda que os entrevistados sublinharam o carácter informativo do programa 1, o nível de programação musical do programa 2, «os programas variados e interessantes» do programa 3 e a melhor «música de fundo» do programa 4. Em relação às imagens da RDP e da RR, o GER indica que os valores são muito próximos e relevantes. Neste caso, cremos que o ministro da tutela terá de apresentar desculpas à RR pois ao dizer que a imagem da RDP era muito negativa, desconhecia que estava a desconsiderar a Rádio Renascença que lhe tem merecido alogios vários.

Concluindo, apesar de uma quebra de consumo de rádio generalizada no Verão de 1978 em relação ao Inverno de 1976, os ouvintes portugueses podem considerar-se fiéis aos emissores que escutam habitualmente.

ENU autorizada a comercializar concentrado de urânio

A Empresa Nacional de Urânio está autorizada, nos termos de uma resolução publicada no «Diário da República», a apresentar ao Governo propostas concretas quanto à efectivação de operações de comercialização do concentrado de urânio que neste momento existe em armazém, na ordem das 855 toneladas.

No preâmbulo da resolução, e como justificação para tal decisão, afirma-se que os programas de actividade da ENU (Empresa Nacional de Urânio) apontam para crescentes produções em função do esforço de prospecção e valorização dos índices de urânio encarados na empresa, não se prevendo que a marcha industrial de uma primeira central nuclear portuguesa se verifique antes de 1987/88. O texto admite, contudo, que ainda durante o corrente ano venha a ser tomada uma decisão sobre o programa de centrais nucleares.

As 855 toneladas de urânio presentemente armazenadas pertencem ao Estado (700) e à ENU (155 toneladas).

Água vai voltar às fontes do Rossio

A CML está a proceder a profundas obras de remodelação do sistema de recirculação da água em círculo fechado e da iluminação das fontes do Rossio.

Secas desde 1972, devido ao desperdício total das águas, o que conduzia a consumos considerados insuportáveis, as fontes do Rossio voltarão em breve ao seu antigo aspecto.

Apesar de já na década de sessenta ter estado prevista a instalação de um sistema de reciclagem de águas, bem como o melhoramento da iluminação, só no final de 1978 foi adjudicada a obra que se espera esteja concluída no próximo mês de Junho, embora tenham surgido dificuldades na aquisição do complexo luminotécnico e de tubagem, cuja colocação, bem como a pintura das fontes, já se encontram na fase de acabamento.

As fontes foram mandadas construir pela Câmara Municipal de Lisboa em 1889, sendo de ferro fundido bronzeado as figuras que se destacam ao nível da água.

Novo aeroporto do Funchal

FUNCHAL, 14 — O presidente do governo da Madeira, Alberto João Jardim, anunciou que vai solicitar ao executivo central que considere a hipótese de novo aeroporto para a região no Santo da Serra, a 25 quilómetros do Funchal.

Este projecto, cujos estudos foram efectuados por um consórcio de firmas canadianas, composto pela «Projects Gerin-Lajoie International», «International Airport Consultantes. of Montreal» e «Aviation Planning Services», preconiza uma pista com 3 mil metros. O documento, já foi entregue ao governo central e regional, apresentando-se como alternativa ao projecto que a empresa brasileira «Hidro-Service» se encontra a elaborar, e que visa o prolongamento da actual pista de 1000 para 1600 metros.

Produtos portugueses em supermercados brasileiros

Representantes de uma cadeia de supermercados do Brasil deslocar-se-ão brevemente ao nosso país a fim de comprar cinco mil contos de produtos portugueses para venda directa ao público brasileiro.

A iniciativa, que conta com apoios governamentais no Brasil e Portugal, tem como objectivo a realização de «quinzenas alimentares» nos dois países, e visa incrementar, em futuro próximo, os produtos que mais tenham correspondido ao gosto do público. Também está em estudo a realização de «quinzenas alimentares» de Portugal na Checoslováquia. Tais quinzenas destinam-se ainda à venda de ferramentas e brinquedos.

Durante a quinzena do Brasil em Portugal estarão à venda feijão preto, feijoada brasileira, carne seca, maracujá, mandioca, caipirinha e outros produtos alimentares daquele país.

As trocas comerciais entre Portugal e o Brasil, no campo da alimentação, têm crescido: em três meses de 1978, foram exportados para o Brasil produtos avaliados em cerca de um milhão de dólares. Alguns desses produtos envolveram uma «operação triangular»: Portugal importou bacalhau em verde, secou-o e depois vendeu-o ao Brasil.

CRÓNICA AGRÍCOLA

Continuação da pág. 5

ral e capitalista, aquela organização tem tal prestígio, e são ainda tão vivos os malefícios da organização e desorganização capitalista anterior que os agricultores ingleses não consentiriam na sua destruição. Como aqui, antes das zonas organizadas a leiteira em Portugal, a EPAC, com a antiga Federação dos Trigos, como o Instituto dos Cereais, trabalham mal. Está a EPAC como estão outras empresas públicas do mesmo tipo, ou organismos de coordenaçao económica desacreditados perante os interessados, a quem deveriam servir em primeiro lugar.

A sua mentalidade é, ainda, uma mentalidade cooperativa.

A vida destas empresas, as suas perspectivas, a sua subserviência, não pode depender da CEE. Trabalhando bem, interessando-se a fundo pelo processo produtivo, desempenhando um papel activo na dinamização da produção, no desenvolvimento económico, no escoamento e conservação dos produtos defendem-se a si próprios , porque o Povo, e a força da democracia, a vontade dos políticos não capitalistas as saberão defender.

Seria bom que os milhares de funcionários destas empresas discutissem, dialogassem, se instruíssem e se consciencializassem do que pode vir a acontecer-lhes com a entrada na CEE.

A agricultura deste país, apesar de tudo, não pode aceitar a liquidação, de uma organização económica que, se trabalhar bem, melhor defenderá os seus interesses que os «trusts» internacionais e nacionais das moagens e das rações.

A história da moagem neste país, contra a agricultura nacional, é grave. Causou males profundos.

Os trabalhadores das empresas públicas, os trabalhadores de todo o país, os democratas e progressistas — o 25 de Abril — não podem aceitar de ânimo leve, que a CEE exija o desmantelamento de formações económicas base, que são suportes fundamentais da defesa da Democracia e de salvaguarda da Constituição.

As empresas públicas têm de trabalhar bem, têm de integrar-se, de empenhar-se profundamente no exercício das suas funções. A EPAC trabalha mal, trabalha distante, trabalha errada. E tem de trabalhar bem.

E anda por aí o feijão aos pontapés.

Faça alguma coisa por isso.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que, pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de acção com processo comum — sumária — mergente de contrato individual de trabalho registados sob o n.º 64/77 em que é autora DOMITILIA SOARES MACEDO, residente em Nova Oeiras, e. réus. MÁRIO DA ASSUNÇÃO NUNES, outros e AMÉRICO DAVID RAMOS VIOLANTE, com última residência conhecida na Quinta das Palmeiras, lote 63-3.º. E, em Nova Oeiras; JOSÉ MENDES FRANCO DO CARMO, com última residência conhecida na Quinta das Palmeiras, 63-1.º. E, em Nova Oeiras; e ANTÓNIO BARROSO, com última residência conhecida na Quinta das Palmeiras, lote 63-r/c dt.º, em Nova Oeiras, e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando estes reús identificados para, no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos e este a contar da data da 2.ª e última publicação dos anúncios, contestarem, querendo, a acção com processo comum — sumária emergente de contrato individual de trabalho, sob pena de o não fazendo, serem condenados no pedido formulado pela autora na sua petição inicial — cujos duplicados se encontram à disposição dos citandos na respectiva secção de processos — e que consta de definição de horário e de ordenado, retribuições não pagas de vários meses de 1975 e 1976, fefias não pagas e subsídios de férias e de Natal do ano de 1975 e ainda quntia a determinar devida pelos pagamentos da água, luz e artigos de limpeza, tudo no montante de setenta e três mil e trezentos escudos.

Lisboa, 20 de Março de 1979

O JUIZ,
José Maria Rodrigues da Silva

O ESCRIVÃO,
Álvaro Silva de Jesus

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR MANUEL CORDEIRO DE MENDONÇA FREITAS, JUIZ DO SEGUNDO JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA:

Faço saber que por éditos de trinta dias ficam citados os réus GASPAR LUÍS LOURENÇO que teve a sua última residência na Rua Catarina Eufémia, Lote B, número nove, quarto andar esquerdo em Alverca do Ribatejo e JOAQUIM DA CONCEIÇÃO RODRIGUES, que teve a sua última residência na Avenida Capitão Meleças, número noventa e cinco, primeiro andar direito também em Alverca do Ribatejo para no prazo de dez dias findo que seja o dos éditos contados da publicação do segundo e último anúncio, contestarem a acção de contrato individual de trabalho com processo ordinário que lhes move a autora Maria Mendes Libório, para haver daqueles a quantia de cento e cinquenta e três mil e seiscentos escudos, e bem assim o pedido de Assistência Judiciária, sob pena de se darem por confessados os factos alegados pela autora na sua petição inicial no processo a correr seus termos pela primeira secção do Segundo Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sob o número trinta e nove de mil novecentos e setenta e oito.

Lisboa, dezanove de Abril de mil novecentos e setenta e nove.

O JUIZ DO SEGUNDO JUÍZO,
Manuel Cordeiro de Mendonça Freitas
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
(assinatura ilegível)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

1.ª Secção — 10.º Juízo
Proc.º 313/77-CIT

O Exm.º Sr. Dr. Luís Valente da Silva, Juiz de Direito do10.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber: — pela 1.ª Secção do 10.º Juízo, correm éditos de **Trinta dias** citando a Ré Textilfer-Sociedade Têxtil, LDA, que teve a sua última sede conhecida na Rua St.ª Sofia, Lote 9-A-Cruz Quebrada Oeiras, para no prazo de oito dias, findos os dos éditos, e a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, contestar a acção emergente do contrato individual de trabalho que lhe move a Autora, Iria Aleixo Gonçalves Mendes, sob pena de não o fazendo ser condenada no pedido que consta do seguinte: — Indemnização por despedimento: — 68.640$00; Férias e subsídio de férias referentes aos anos de 1974 e 1975 e subsídio de Natal de 1974 no montante global de 3.960$00; — diferenças salariais dos meses de Março, Abril, Maio, e Junho de 1975, no montante de 11.440$00; — férias proporcionais subsídio de Natal proporcional do ano de 1975, no montante de 2.420$00, perfazendo o pedido total do autor o montante de OITENTA E SEIS MIL QUATROCENTOS E SESSENTA ESCUDOS.

O duplicado encontra-se à ordem do citando na respectiva Secção de Processos.

Lisboa, 7 de Maio de 1979
O JUIZ DO 10.º JUÍZO,
Luís Valente da Silva
O ESCRIVÃO,
Manuel dos Santos Serra

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela Segunda Secção do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de contrato individual de trabalho, com processo sumário, registados sob o n.º 9/78, em que é Autora ANA MARIA DA SILVA VENTURA DIAS SILVA, casada, costureira, residente na Rua de S. Gens, n.º 9-1.º Esq.º — Lisboa e Ré a notificanda LORENZA — Sociedade Comércio Representações, Lda.ª., com última residência conhecida na Rua Costa do Castelo, n.º 83-r/c N — Lisboa, e neles se encontra designado o dia 29 de Junho de 1979, pelas 14,30 horas, para se proceder a audiência de discussão e julgamento.

MAIS FICA A RÉ NOTIFICADA de que a comparência das partes é obrigatória no dia e horas indicados, nos termos dos art.º 83.º, n.º 1 do Código de Processo do Trabalho e de que tem o prazo de CINCO DIAS para efectuar o pagamento do preparo para julgamento no montante de 798$00, o qual será pago em estampilhas fiscais a entregar nesta Secção de Processos, nos termos dos artigos 68.º e 70.º do Código das Custas Judiciais do Trabalho.

Lisboa e 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho, aos 3 de Maio de 1979.

O JUIZ DE DIREITO,
(Fernando José Leal Loureiro Pipa)
O ESCRIVÃO ADJUNDO,
(Joaquim Marques Navalho)

CURSOS

MECANOGRAFIA

Conseguir uma profissão que lhe dê a independência económica, está agora ao seu alcance com um dos cursos de PERFURAÇÃO-ªVERIFICAÇÃO ou GRAVAÇÃOªVERIFICAÇÃO DISKETTES.

Sistemas: IBM E UNIVAC
Início dos cursos: 18 Maio
Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

SOLTAS

Quinta-feira na CP

A greve de doze horas decretada para a próxima quinta-feira por dois sindicatos minoritariamente representados na CP tem a franca oposição dos sindicatos ferroviários e da comissão sindical do ACT daquela empresa. «Tais paralisações de 12 horas, na situação actual, não têm o apoio dos ferroviários, são contra a sua unidade e encerram perigos para o êxito da sua luta», afirma a CNS. A greve em questão foi decretada pelos Sindicatos dos Quadros Técnicos e dos Maquinistas. Grande parte destes sectores, no entanto, aderiu à paralisação de duas horas efectuada na passada quarta-feira de manhã. A concretizar-se, a greve de quinta-feira poderá desorganizar a circulação ferroviária, prejudicando dezenas de milhares de utentes que se dirigem para os seus empregos.

O «QUARTO ESCURO»

Os dirigentes pró-UGT do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal querem transformar aquele organismo num «quarto escuro, onde só uns quantos 'iluminados' é que sabem», comenta a comissão de apoio ao projecto de estatutos «B» (de unidade), um dos três projectos em discussão presentemente. A referida comissão censura, no projecto da direcção (o «A»), a tentativa para reduzir a intervenção dos sócios na vida do sindicato, através de um «Congresso» a eleger apenas de três em três anos e da eliminação das assembleias gerais.

PLANO INCLINADO

A Federação Nacional dos Sindicatos de Quadros (FENSIQ) tentará opor-se «por todas as vias à consagração da inadmissível política do actual Governo», e repudia frontalmente a política económica que decorre da reformulação do projecto de Plano para o corrente ano. Contenção salarial, recessão, falta de garantias quanto aos níveis de inflação e de medidas destinadas a repor o poder de compra dos trabalhadores e atenuar o desemprego, são alguns dos aspectos criticados pela fensiq.

A REFORMA NÃO «DÁ»

«O dinheiro dos reformados não chega para a alimentação, para a compra de medicamentos que necessitam para viver, para a renda de casa, e muito menos para o anunciado aumento dos transportes», afirmam sete sindicatos do sector dos transportes, ao convocar os reformados para o grande encontro regional que se realizará em Lisboa, no dia 19 à tarde (Voz do Operário). «Temos a defender um caderno reivindicativo em que exigimos o aumento das pensões, a concessão de assistência medicamentosa gratuita, a concessão de descontos nos transportes e uma política de habitação social», acrescenta a convocatória.

HIGIENE E SEGURANÇA

O Estado deve assumir as suas responsabilidades

O Estado terá que assumir as suas responsabilidades no domínio da higiene e segurança no trabalho, competindo ao Movimento Sindical consciencializar melhor os trabalhadores para o problema e assegurar a luta reivindicativa nesta frente.

Esta foi uma das conclusões do Seminário Sindical sobre Higiene e Segurança no Trabalho, realizado este sábado em Lisboa, por iniciativa da CGTP-Intersindical Nacional. Cerca de 700 activistas sindicais participaram interessadamente nos trabalhos, que incidiram fundamentalmente sobre questões como acidentes de trabalho, doenças profissionais e condições de trabalho.

Segundo foi revelado, as estatísticas mostram que há no nosso país mais de meio milhão de sinistrados no trabalho, mais de 100 mil doentes profissionais, e mais de 800 mil acidentes de trabalho e doenças profissionais todos os anos. Trata-se de uma «ilustração dramática, desumana e vergonhosa no Portugal de Abril», segundo se afirma nas conclusões do seminário.

Esta iniciativa representou «um solene aviso a todos os responsáveis, particularmente aos órgãos do poder, de que os trabalhadores não abdicarão dos seus direitos constitucionais, e exigirão que a Constituição da República seja também aplicada neste importante campo da vida nacional». O seminário permitiu concluir, ainda, que «os trabalhadores saberão encontrar em unidade as melhores formas de luta por melhores condições de vida e de trabalho».

No final dos trabalhos foi aprovado um manifesto onde se procede ao levantamento da situação da higiene e segurança do trabalho em Portugal. Ela resulta, em primeira mao, das gravosas condições impostas aos trabalhadores pelo fascismo, e foi consideravelmente agravada pela apatia dos sucessivos Governos constitucionais.

As fastas receitas da Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais não têm sido adequadamente utilizadas, segundo se afirmou. De facto, em 1977, apenas 80 178 sinistrados foram beneficiados com pensões, quando é certo que o número de pessoas naquela situação era cerca de dez vezes maior.

Aos debates assistiu um técnico da Organização Internacional do Trabalho, que dirigiu algumas palavras aos activistas sindicais presentes.

O risco, a descoberto

Greve na hotelaria da Madeira?

O Sindicato da Hotelaria do Funchal ameaça declarar greve em Junho próximo, se até lá a portaria regulamentadora de trabalho vertical não for aplicada na íntegra – revela a ANOP.

A greve será desencadeada, segundo o sindicato do sector, se as entidades patronais não cumprirem pontos como a nova tabela salarial vigente, o subsídio de alimentação, o acréscimo de 25 por cento sobre a prestação de trabalho nocturno, o acréscimo sobre o trabalho prestado em dias feriados ou de descanso semanal, a reclassificação dos trabalhadores e os novos regimes de duração de trabalho e de férias.

O Sindicato da Hotelaria, que se manifesta igualmente contra os contrato a prazo, acusa a Associação Comercial e Industrial do Funchal (ACIF) de «considerar ilegal» o novo instrumento de regulamentação colectiva de trabalho e de «aconselhar os seus associados ao não cumprimento do mesmo».

A nova portaria de regulamentação de trabalho foi publicada no «Jornal Oficial» da Região Autónoma da Madeira em 22 de Fevereiro último.

Fome sugere greve nos Jerónimos

Alguns trabalhadores da Habitat estão dispostos a encetar uma greve da fome na Igreja dos Jerónimos, se não for solucionado o pagamento de salários em atraso há doze meses – informa a ANOP.

A Habitat, empresa de construção civil intervencionada desde 1975, e posteriormente declarada em situação económica difícil, atravessou desde então períodos irregulares de laboração. Os trabalhadores, que desde há algum tempo vêm solicitando a desintervenção da empresa, temem, no entanto, que a mesma se efectue sem ter em conta os vencimentos atrasados, segundo disse à ANOP um seu representante.

Por esse motivo, e caso não seja ultrapassado o impasse, declaram-se dispostos a entrar em greve da fome no Mosteiro dos Jerónimos, «numa altura em que a catedral esteja cheia de turistas».

Anteriormente, e visando o mesmo objectivo, manifestaram-se junto a S. Bento, paralisaram a actividade (outras vezes a falta de materiais obrigou-os a estar parados) e expuseram o seu problema às diferentes instâncias do poder.

Recentemente, chegaram a avistar-se com o cardeal patriarca, D. António Ribeiro, a quem expuseram a «sua dramática situação».

Na altura de intervenção a Habitat empregava 750 pessoas, mas agora apenas 123 dela dependem. Os restantes foram sendo despedidos ou procuraram outro emprego.

...e põem-me o carro à porta do hotel, no Porto?
Posso alugar o carro em Faro e deixá-lo em Tomar?
Pode-me dizer quais os carros disponíveis em França?
Têm balcão de aluguer no aeroporto do Funchal?

Telefone-me! Tenho resposta para a sua pergunta... e carro para a sua reserva.

AVIS
ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

CENTROS DE RESERVAS
Lisboa 561177 / Porto 315947 / Faro 24538 / Funchal 25495 / Açores 25200

COMISSÃO CÍVICA

Críticas ásperas à actuação político-partidária contra o PR e o Governo

Nem todas as tomadas de posição pública mais recentes a propósito da actual crise político-institucional são totalmente desfavoráveis ao IV Governo. Este fim-de-semana, a Comissão Cívica Independente emitiu um comunicado onde, se não que defende (porque não defende, evidentemente) o Executivo de Mota Pinto, pelo menos critica, e com alguma aspereza, as forças político-partidárias ultimamente e na sua quase totalidade empenhadas no seu derrube e na sua substituição o mais rápido possível.

A Comissão Independente apresentou-se há algum tempo publicamente, quando a actual crise já se encontrava em estado de agravado avanço, e colocando-se desde logo criticamente contra a generalidade das posições hostis ao IV Executivo. Da Comissão fazem parte Vitorino Magalhães Godinho, José Augusto Seabra e outros. Se eles não defendem o actual Gabinete, também não o criticam, mas, antes, as forças que o hostilizam, noemadamente, os partidos com representação parlamentar, que, «em vez de cumprirem a sua função representativa, essencial em democracia, vêm transformando o Parlamento num campo de lutas estéreis, impedindo-o de se assumir como órgão de soberania ao serviço dos interesses nacionais», no dizer do texto emitido este fim-de-semana.

A Comissão não se refere apenas ao Governo: refere-se também a Eanes. Ainda segundo o texto emitido este fim-de-semana, os ataques ao PR e ao Executivo «mais não visam do que mascarar a incapacidade dos actuais partidos de se constituírem em alternativa ao Governo, tentando ao mesmo tempo bloquear uma reformulação do xadrez político que sabem ser necessária e inevitável, nada tendo a ver com iniciativas do PR ou do Primeiro-Ministro». Mais: tenta-se esconder, segundo a Comissão, «as responsabilidades de goveernos anteriores, de acção, afinal, claramente negativa».

Segundo os subscritores do texto ora divulgado, o aspecto mais grave da questão é «aproveitamento, pelos grupos parlamentares, de disposições constitucionais que, criadas para controlo democrático da eventual legislação de um Executivo, têm vindo sistematicamente a ser utilizados sentido puramente obstrucionista, através de pedidos de ratificação de decretos-lei do Governo e da apresentação de propostas de lei, mal se pressente que o Governo tem em preparação qualquer decreto-lei».

Falando de Eanes, diz a Comissão que o PR «em nada tem exorbitado das suas funções e em nada violou a letra ou o espírito da Constituição».

A Comissão considera «provada à saciedade a inoportunidade de eleições intercalares».

JS: por um Governo que respeite o "25 de Abril"

O IV Governo deve ser rapidamente substituído por «um Gabinete constituído no actual quadro parlamentar, que respeite o 25 de Abril e as conquistas democráticas do povo português», «um Governo que abra o diálogo com a juventude para a resolução dos seus problemas de educação, formação profissional, emprego, habitação» – decidiu a Comissão Nacional da Juventude Socialista, reunida este fim-de-semana para proceder à análise da actual situação política.

Para a JS, o Executivo chefiado por Mota Pinto «não tem procurado resolver nenhum dos problemas da juventude portuguesa, e, pelo contrário, tem produzido ataques continuados à Reforma Agrária, ao sector nacionalizado e à liberdade de informação». Tal acção, no dizer

25 DE ABRIL, COMEMORAÇÕES EM BALANÇO

Primeiro realce para a participação popular

Assinado por Vasco Lourenço, seu presidente, a Comissão Organizadora das Comemorações do 25 de Abril, Dia da Liberdade, emitiu um comunicado fazendo um primeiro e rápido balanço sobre as diversas realizações que assinalaram a passagem de mais um aniversário daquela data.

«Duas semanas após (...), e necessariamente ainda sem o levantamento de todas as manifestações populares levadas a efeito, desejo, num primeiro balanço, congratular-me com a dimensão e indiscutível significado de que as mesmas se revestiram», diz o texto que Vasco Lourenço subscreve.

«As iniciativas populares, que se multiplicaram de forma significativa não só por todo o País mas também pelas inúmeras comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, demonstraram claramente, mais uma vez, que o povo português tem o 25 de Abril no seu coração, como data querida que lhe abriu novas perspectivas de vida, e está disposto a lutar pela defesa das transformações que se verificaram na sociedade», lê-se ainda.

O texto realça «a participação popular, activa e grandiosa», que «deixou bem claro que os portugueses desejam manter e lutar, e tudo farão para consolidar a Democracia e caminhar para uma maior Justiça Social. Ficou demonstrado ainda que a descolonização é entendida pelos portugueses como um dos elevados objectivos alcançados com o 25 de Abril».

EM COIMBRA

Coimbra teve este ano «as maiores comemorações de sempre», diz a Comissão Promotora das comemorações naquela cidade, num texto entretanto emitido, a fazer um balanço primeiro e rápido das realizações e das conclusões mais urgentes que elas proporcionaram.

Desde logo, na comissão participaram representantes de cerca de oitenta organizações populares existentes na área concelhia da terceira maior cidade do País. Depois, pôde-se registar, em todas as comemorações, a participação de milhares e milhares de pessoas, no Parque da eidade, no dia 25 – facto que «nos trouxe a certeza de que o espírito do 25 de Abril se mantém bem vivo no coração dos portugueses», diz a comissão.

Harold Brown visita Portugal

Para uma visita de alguns dias ao nosso país, chega a Lisboa no próximo dia 17 o secretário de Estado da Defesa dos Estados Unidos da América do Norte, Harold Brown.

Harold Brown vem a Portugal a convite do seu homólogo português, Loureiro dos Santos e, enquanto entre nós, deverá estabelecer diversos contactos com entidades oficiais para troca de impressões sobre assuntos de interesse mútuo relacionados com a Defesa.

Missão económica na Argentina, Uruguai e Paraguai

«Um êxito» assim classificou o presidente da Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa, Sérgio de Queirós, a missão de vários empresários portugueses que visitou durante duas semanas a Argentina, Uruguai e Paraguai.

Para aquele responsável da CCIP, há francas possibilidades de exportação para aqueles países, com boas vantagens para os empresários portugueses. Para já – disse – ficaram assentes vários negócios, muito embora o objectivo da missão tivesse sido mais o de manter contactos.

Acrescentando que há já «encaminhada a reparação de um grande petroleiro e uma possível encomenda para a construção de 80 barcos de pesca», Sérgio Queirós adiantou que a missão económica manteve vários contactos naqueles países latino-americanos, relativamente aos quais a nossa balança comercial é deficitária em quase um milhão de contos.

A missão que era composta por 22 empresários ligados a diversos sectores de actividade, explorou ainda a hipótese de realizar investimentos no Paraguai, mantendo para o efeito contactos com representantes dos Ministérios da Indústria e Comércio do governo ditatorial de Assunção.

NUM CASTELO E SOB PROTESTOS DE AGRICULTORES

Ministros da CEE discutiram em França a adesão de Portugal, Grécia e Espanha

Reunidos num castelo medieval, no sudoeste da França, os ministgs dos Negócios Estrangeiros dos nove países da CEE discutiram, no decorrer do último fim-de-semana, problemas internacionais e questões agrícolas ligadas à eventual adesão de Espanha, Grécia e Portugal à organização, enquanto à curta distância de sete quilómetros, na pequena cidade de Cahors, alguns milhares de agricultores franceses, apoiados pela CGT se manifestavam contra a integração daqueles três países.

Empunhando cartazes, onde se liam frases como «Espanha, Portugal e Grécia no Mercado Comum não/Isso suprimirá irremediavelmente a nossa produção e as nossas quintas familiares», os manifestantes fizeram coincidir deliberadamente a sua concentração com o encontro dos ministros no faustoso castelo francês.

No final da sua reunião os ministros anunciaram um empréstimo imediato de 500 milhões de dólares à Truquia, referiram ter preparado a agenda da sèssão de Estrasburgo do Conselho da Europa confirmaram o debate sobre problemas agrícolas.

Por outro lado, teve início hoje, também no sul de França (Perpignan) uma reunião dos ministros da Agricultura dos «Nove», que visa discutir o alargamento da CEE, a política agrícola mediterrânica e a criação de um «mercado comum» para a carne de carneiro.

Entretanto um diploma publicado já na folha oficial indica que o Governo português decidiu introduzir direitos alfandegários até um máximo de 20 por cento sobre o valor, para a importação de produtos industriais provenientes do Mercado Comum. Todavia, e segundo uma nota da Secretaria para a Integração Europeia, as produções abrangidas pelo citado diploma (decreto-lei 609/q79) representam apenas cerca de 4,5 por cento do total das importações portuguesas na CEE e 4,7 por cento dos artigos industriais comprados igualmente aos «Nove».

A decisão governamental apoia-se no protocolo adicional ao acordo de 1972, celebrado em 1976 e em vigor desde 1 de Novembro passado.

caravanas CAMPINA
totalmente em fibra

fabricadas e distribuidas por : ENTREPOSTO
LISBOA • LEIRIA • FARO • PORTIMÃO

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada

PREÇOS NUNCA VISTOS

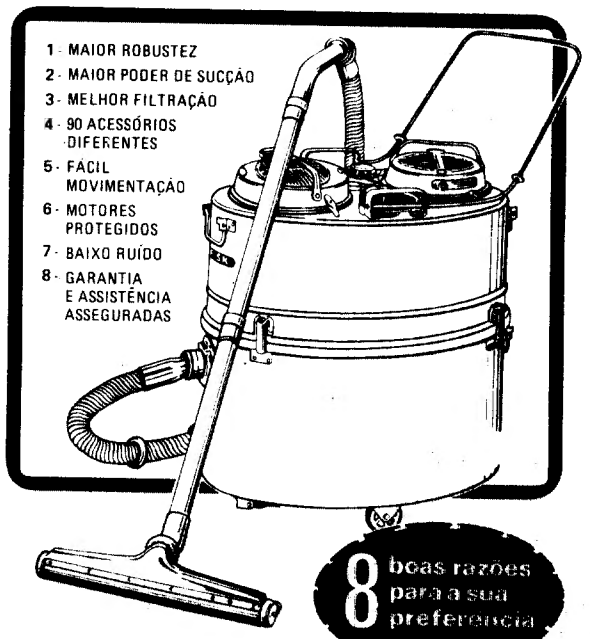
	ERA	É
Quarto casal moderno	~~18 000$00~~	11 950$00
Quarto casal moderno	~~21 000$00~~	12 950$00
Quarto criança moderno (desde)	~~15 000$00~~	8 500$00
Jogos de maples (desde)	~~7 000$00~~	4 500$00
Quartos Século XVII — Mogno	~~29 000$00~~	20 950$00
Salas Século XVII — Mogno	~~38 000$00~~	30 500$00
Mesas de refeição tampo vidro	~~8 000$00~~	4 950$00
Cadeiras cromadas	~~2 200$00~~	1 580$00
Estante c/ cristaleira	~~18 500$00~~	12 850$00

MUITAS MAIS MOBILÍAS E MAPLES

A.S.NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.
R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Blanco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca de Xira
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS

ASPIRADORES INDUSTRIAIS
novos modelos

1 - MAIOR ROBUSTEZ
2 - MAIOR PODER DE SUCÇÃO
3 - MELHOR FILTRAÇÃO
4 - 90 ACESSÓRIOS DIFERENTES
5 - FÁCIL MOVIMENTAÇÃO
6 - MOTORES PROTEGIDOS
7 - BAIXO RUÍDO
8 - GARANTIA E ASSISTÊNCIA ASSEGURADAS



8 boas razões para a sua preferência

NILFISK
justifica a fama

NILFISK - ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.
Rua Félix Correia, 8 • 1500 LISBOA • Telef. 78 83 31 - 78 99 55
Rua da Constituição, 2371 • 4200 PORTO • Telefone 69 34 23

À Margem

● SÁ CARNEIRO NÃO SE SENTE MAIS CHEFE — Disse-o ele mesmo. Só que não convenceu quem viu o seu sorriso, vitorioso até no olhar, quando respondia à questão posta pelo «DL»: Após este CN, quem é cada vez mais, o chefe incontestado do PSD?»

● SUSBITUÍVEL OU NÃO? – Para o dr. Maneres Pimentel, homem da frustada pacificação e «presidente de passagem» da Comissão Política do PSD, o dr. Sá Carneiro é o único dirigente insubstituível no seu partido. Todos os outros podem ser substituídos. Só que o líder do PSD não está de acordo. Humilde na palavra, afirmou: «Todos somos necessários, mas ninguém é insubstituível». A sala ficou lívida de espanto.

● O TRAUMA causado pela saída dos «inadiáveis» esteve patente neste VI Conselho Nacional. No 14.º andar, nos elevadores e no «hall» do Hotel. Aqui ouvimos, involuntariamente (íamos a passar) uma social-democrata que não reconhecemos, mas que não era Helena Roseta, despejar comentários eventualmente chocantes contra Sousa Franco. Que tem a ver para o caso a vida sexual daquele «inadiável»?

● FALTA DE QUADROS – Com a saída dos «inadiáveis» diz-se que o PSD se vê aflito com a falta de quadros. Observador atento ao ver uma bandeira dos sociais-democratas com um acento agudo no primeiro »á» da palavra democrata (Partido Social-Democráta) não poupou a oportunidade para um mordaz comentário: É tal a falta de quadros que já não há quem saiba escrever. Só não nos coibimos de escrever isto porque a bandeira em questão estava mesmo por cima da cabeça do dr. Sá Carneiro, durante a conferência de Imprensa.

● BACALHAU À SOCIAL-DEMOCRATA — Antes desta, o dr. Amândio de Azevedo não escondia a sua satisfação pantagruélica. Tinha comido uma refeição de bacalhau em 10 minutos E não estava nada congestionado apesar da pressa com que deglutiu. Pelo contrário. Porquê? A explicação é do próprio: o bacalhau foi trazido por mãos sociais; democratas, confeccionado por mãos sociais-democratas e servido também por mãos sociais-democratas. Uma incompreensão do jornalista sobre o bacalhau levou a conversa gastronómica para o esófago das finanças. Cada um pagou o seu prato, esclareceu o dr. Amândio de Azevedo. Assim como as viagens de Lisboa e Porto. Veio logo à baila a questão das disponibilidades financeiras dos partidos. Ao contrário do que acontece com o PS, com o CDS e com o PCP, o PSD não tem ajudas externas. Vive do pecólio dos militantes e das dotações estatais normais É um partido pobre. Pouco depois um jornalista, jocoso: «É por isso que o dr. Sá Carneiro deve, ao que dizem, milhares de contos à banca». A custo conteve-se o riso.

● CORDEIRO — Mais irreverente, porém, foi aquele observador, que, estranhando o tom sereno e nada agressivo do presidente do PSD, ao contrário do que é habitual, disparou: temos cordeiro em vez de carneiro. Más línguas apenas.

COM O PSD SÓ QUEM COMBATA O PCP

Derrubar o IV Governo sim, mas para dissolver a A.R.

PORTO, 14 – Para o PSD a saída da presente crise político-institucional passa pela dissolução da A. R., após a votação do OGE e do Plano com a marcação de eleições intercalares, sendo esta a única alternativa ao actual governo «que é, pela sua acção e comportamento negativos, um dos elementos da crise». Esta a principal posição assumida pelo Conselho Nacional do PSD que durante dez horas ao todo, esteve reunido no 14.º andar de um dos melhores hotéis portuenses, no último fim-de-semana.

Nada tem de novo aquela posição como, aliás, pouco ou nenhuma novidade emergiu da reunião. A não ser a confirmação de que o PSD está à espera das posições de outras pedras do nosso xadrez político, designadamente do PS, e de que o dr. Sá Carneiro é agora, mais do que nunca, o líder incontestado dos sociais-democratas.

Com efeito, apesar de o dr. Amândio de Azevedo nos ter dito que a reunião foi muito importante, a verdade é que o conselho decorreu com mornidão, sem grandes polémicas. Quase todos parecem afinar pela diapasão do dr. Sá Carneiro. De facto feita a análise da situação pelo presidente do PSD e por Meneres Pimentel, o conselho «sacudiu» as responsabilidades, depositando nas maõs do líder e da Comissão Política (até ao VII Congresso que se realiza em Junho) todos os poderes para encontrarem saídas imediatas para a crise.

Assim, tendo em conta que «o PSD só contribuirá para o derrube do Governo Eanes-Mota Pinto se ele der lugar à dissolução da A. R.», a Comissão Política e o presidente do PSD determinarão «o sentido do voto de quaisquer moções de censura ou de confiança e a eventualidade da apresentação de uma moção de censura ao Governo. O comunicado final deste VI Conselho Nacional/79 diz também que o PSD não votará a favor da moção de censura apresentada pelo PCP e que «continuará a opor-se à constituição de um V Governo antes da realização de eleições e a combater qualquer tipo de intervenção caudilhista ou presidencialista».

FÉRIAS PARA MOTA PINTO

Relativamente à moção de censura a apresentar (quando?) Sá Carneiro esclareceria na conferência de Imprensa que se seguiu à reunião que não há ainda «uma maioria clara» na AR que aprove a dissolução da Assembleia e as eleições intercalares. Isto é, a posição do PS é que irá determinar o momento da apresentção da moção de censura caso o Governo não apresente a moção de confiança. O líder do PSD foi, aliás, claro: «o CDS está mais próximo de aceitar as eleições intercalares do que o PS».

Quanto à hipótese V Governo, para Sá Carneiro, esse é o mal maior

Isto é, entre dois males – a continuação do IV e a criação de um V até 80 – «é preferível a continuidade deste Governo porque é claramente um Governo do general Eanes». Questionado pelo D. L. se esta seria uma forma de tentar desgastar a figura do Presidente da República, que Sá Carneiro tem incansavelmente atacado de forma por vezes violenta, foi-nos respondido, que se tratava apenas de «balizar as responsabilidades».

A melhor solução será, como também o disse Sá Carneiro, que Mota Pinto vá de férias e que este IV Governo prossiga até às eleições, com algumas alterações e liderado pelo vice primeiro-ministro Jacinto Nunes.

COMBATE AO PCP

O problema das conversações interpartidárias foi outro ponto analisado no conselho, tendo sido deliberado prosseguir conversações e contactos com o PS, com o CDS e com o PPM de forma a esclarecer posições quanto aos problemas do regime, ao modelo de sociedade económico-social, à formação de um governo maioritário após eleições e suas opções fundamentais e no que respeita à dissolução da AR. Sobre este ponto, foram bastante esclarecedoras as afirmações produzidas pelo dr. Sá Carneiro à Imprensa. «Quem estiver connosco deve dar um combate continuado e democrático ao PCP», disse-o o presidente do PSD, sublinhando que não admite ligações com o PCP nem por intermédio de outro partido. No comunicado final lê-se que «as conversações com o PS deverão permitir esclarecer rapidamente a posição dos socialistas quanto à terminante exclusão do PCP de qualquer tipo de acordo com o governo a formar após as eleições» e que «o PSD nunca aceitará o PS como possível aliado enquanto ele mantiver uma posição ambígua e de conciliação com o PCP». Não será isto chantagem sobre o PS? – foi a questão que levantámos. Sá Carneiro disse que não, acrescentando que se o PS adoptar o «espírito da UGT» está tudo muito bem. Melhor ainda, insistindo na tónica posta há dias, num comício em Faro: «Entendimento com o PS só na perspectiva de luta contra o PCP».

Relativamente ao OGE e Plano, o conselho decidiu também dar poderes à Comissão Política para determinar o sentido do voto dentro dos princípios fixados no Vimeiro, em Fevereiro. Segundo um esclarecimento dado pelo presidente da Comissão Política, dr. Meneres Pimentel, embora não haja ainda conhecimento do conteúdo exacto dos textos que o Governo irá apresentar, a posição do PSD mais provável será de abstenção da votação na generalidade, deixando para a votação na especialidade a tentativa de fazer prevalecer os pontos de vista do partido, designadamente quanto à discordância em relação ao imposto sobre o 13.º mês.

Em relação à preparação do VII Congresso, foi prorrogada até ao dia 21 de Maio, a apresentação de moções, tendo ficado assente que as deliberações do último quanto ao acordo tripartidário tem de ser revisto, em favor de um acordo apenas bipartidário. Com o CDS ou com o PS – eis a questão que terá de ser definida, já que parece inegável a existência de duas correntes no seio dos órgãos dirigentes do PSD.

O Conselho Nacional do PSD aprovou também uma moção no sentido de ser criada uma estrutura que permita uma melhor integração da mulher social-democrata no seio do PSD.

Estiveram presentes neste Conselho Nacional cerca de 90 elementos, 36 dos quais sem direito a voto. Entre os dez membros com direito de voto ausentes foi particularmente notada a ausência de Pinto Balsemão que, segundo nos informaram, estaria doente.

GOVERNO POPULARIZA O PCP

Entre as várias críticas feitas ao IV Governo que inicialmente teve o «apoio crítico» do PSD, quer Sá Carneiro, quer Meneres Pimentel realçaram à Imprensa que a política do Governo Mota Pinto na zona de Intervenção da Reforma Agrária «só tem servido o PCP». «Cada entrega de reservas é dar popularidade ao PCP» – frisaria o presidente da Comissão Política, acrescentando que este Governo foi **o primeiro que verbalmente se mostrou anticomunista.**

As críticas ao IV Governo pela banda dos sociais-democratas assentam, fundamentalmente na «política partidária» quer do prof. Mota Pinto, quer do ministro Proença de Carvalho. Todavia, aqueles dois dirigentes não deixaram de apontar, também, a ineficácia, os bloqueamentos e a falta de coordenação que existe em quase todos os ministérios.

III ENCONTRO NACIONAL NO PORTO

Degradação económica preocupa bancários sociais-democratas

PORTO, 14 – Cerca de 120 bancários do PSD estiveram reunidos, durante o fim-de-semana, na estalagem da Via Norte, no III Encontro nacional do sector, tendo aprovado um extenso documento sobre a situação enconómica e financeira do País e outros aspectos a ela directamente ligados. Ontem na sessão de encerramento estiveram presentes Meneres Pimentel, Amândio de Azevedo e Sá Carneiro que usou da palavra.

Segundo o texto lido no final, os bancários sociais-democratas manifestam-se preocupados «pela manutenção e agravamento de sintomas de desequilíbrio estrutural e conjuntural já denunciados nos encontros anteriores, em 77 e 78», apontando a **elevadíssima taxa de juro,** o **elevado ritmo inflacionário,** os **elevados défices das contas públicas,** o **agravamento crescente da carga fiscal,** e a **desaceleração do crescimento do PIB** e **fraco nível do FBCF.** A persistência desta situação é atribuída à ausência de definição e aplicação de uma política económica global e coerente por parte dos sucessivos governos e, em particular, ao facto de continuarem por regulamentar leis de base e de enquadramento da actividade económica já aprovadas pela AR há cerca de 2 anos: Lei das Indemnizações, Lei da Delimitação dos Sectores Público e Privado, e leis da RA e do Arrendamento Rural.

Lê-se nas conclusões que a inversão da actual tendência depressiva só será possível se a muito curto prazo for obtida a estabilização política, «sendo de notar que o quadro actual da AR constitui o mais importante factor de instabilidade».

Quanto à evolução do sistema bancário e actuação das instituições de crédito, reconhece-se entre outras coisas a «falta de pertinência e oportunidade da polémica Banca Nacionalizada versus Banca Privada que constitui hoje uma falsa questão». Defende-se também a necessidade de aumentar as taxas de formação e crescimento do investimento, tendo em vista reduzir gradualmente o nível de desemprego, melhorar as produtividades nos múltiplos sectores da nossa actividade económica e possibilitar o próprio processo de integração de Portugal na CEE.

Relativamente às taxas de juro e investimento, concluíram os bancários sociais-democratas que é necessário baixar a expressão nominal da taxa de juro, que é indispensável levar o saneamento financeiro das empresas às últimas consequências, que é aconselhável eliminar as restrições ao funcionamento natural duma economia de mercado e que é urgente definir uma estratégia de desenvolvimento. Sobre os contratos de viabilização foi apontada a sua importância, tendo sido considerada positiva a recente criação da Parageste-SARL.

Outro assunto discutido foi a descentralização regional do crédito, chamando-se a atenção para uma distribuição mais criteriosa, com vista a criar novos postos de trabalho e proporcionar melhores condições de vida.

O encontro preconizou também a criação de Bancos Cooperativos Regionais Agrícolas e Habitacionais, aproveitando-se a estrutura cooperativa preexistente das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo e com investimentos dos sindicatos a efectuar neste sector. Tal medida visaria, entre outras coisas, alterar o «doentio clima de monopólio de Estado actualmente existente no sector creditício».

Para alem da medicina no trabalho e do marketing bancário foi analisada a protecção e segurança bancárias, considerando-se ser urgente tomar medidas que desmotivem os assaltantes às instituições bancárias e publicar um diploma legal que regulamente tal protecção.

Lei da Amnistia hoje no CR

Reúne esta tarde o Conselho da Revolução, que deverá debater e decidir sobre a sorte da Lei da Amnistia.

Aprovada na AR e considerada positivamente pela Comissão Constitucional, a Lei em questão poderá «passar» igualmente no CR, não se sabendo no entanto se Eanes vai usar da faculdade de veto (político(, hipótese que tem corrido ultimamente, mas sem grande fundamento.

Admite-se que a maioria dos conselheiros seja a favor da lei. Um veto (político) de Eanes poderia, além do ais não ter outro resultado que não o adiamento da promulgação.

Uma vez vetada, a lei voltaria à AR, onde, dessa vez, bastaria a maioria simples para o PR não poder recusar a sua promulgação.

Na primeira votação, a Lei foi arpovada por uma maoiria constituída pelos deputados do PS eo PCP, e independentes (ex-PS), tendo votado contra o PSD, os ex-PSD, o CDS, e o deputado da UDP.

Proposta do PS, a Lei abrangeria os implicados nos acontecimentos militares do «11 de Março» e do «25 de Novembro».

Pub

Luís Loureiro dexou o restaurante «Olho do Cuco» e está à sua espera no Pub «Távola» Av. Estados Unidos da América, 61-B.

PRESIDENTE DA COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

Presidente da Comissão da Condição Feminina ao «DL»: «Não se pode esperar que esta Comissão faça aquilo que as próprias mulheres não fazem»

A comissão não pode fazer aquilo que as próprias mulheres não fazem

O início da Comissão da Condição Feminina foi um grupo de estudo, constituído em 1970, que abordou as questões de trabalho e segurança social com o objectivo de promover uma situação de igualdade entre homens e mulheres. O primeiro fruto desse trabalho foi um projecto de reforma da lei da família.

Os objectivos globais deste grupo vieram a ser consagrados no diploma da Comissão da Condição Feminina embora mesmo depois do 25 de Abril muitos se tivessem interrogado sobre a legitimidade de existência de um grupo deste tipo. Com a Constituição de 25 de Abril muitas destas reivindicações foram alcançadas, nomeadamente a abolição da chefia dentro da família.

Na presente entrevista, Maria do Carmo Romão Sacadura dos Santos, actual presidente da Comissão, pronuncia-se sobre os objectivos da luta, a importância da questão ideológica e cultural, o isolamento, a importância da Constituição e ainda a necessidade das mulheres se organizarem.

P. – Quais foram os objectivos que levaram à constituição da Comissão da Condição Feminina?

Nós pretendíamos, numa primeira fase, alertar toda a gente, a começar pelas estruturas governativas, quanto às injustas e flagrantes discriminações que afectam as mulheres e que são extremamente graves.

Depois de chamar a atenção para essas discriminações, pretendíamos repor a situação no devido lugar promovendo a elaboração de diplomas e outras medidas no sentido de conseguir para as mulheres um tratamento mais justo na sociedade.

O nosso papel em termos muito amplos é o de apoiar todas as formas de consciencialização das mulheres para as desigualdades de que elas são sujeitas passivos e de alertar ao mesmo tempo os homens para as desigualdades a que as mulheres estão sujeitas.

Para além deste apoio a todas as formas de consciencialização, a Comissão visa ainda promover uma série de medidas para a abolição dessas discriminações de modo a fomentar a construção de uma nova sociedade que nunca poderá ser pior que a actual, dominada pelo poder dos homens.

Relativamente ao apoio financeiro, como é que se encontra estruturada a comissão?

A comissão como serviço de Estado que é, tem as suas verbas inscritas no Orçamento Geral do Estado. As verbas que temos tido até agora têm sido as que pedimos. Temos sido modestas a pedir.

Claro que o nosso orçamento é uma gota de água no Orçamento Geral do Estado. Somos um serviço extremamente pequeno e não pretendemos ser um serviço muito grande pois pensamos que a raiz de um certo sucesso que nós temos tido como grupo, resulta do facto de não sermos uma máquina administrativa burocrática mas de sermos maleáveis. Acreditamos no trabalho que estamos a fazer e isso é extremamente importante e motivante.

Para que possa ser efectuado um trabalho sério é necessário que seja praticado um grau de autonomia grande. A Comissão encontra-se hierarquizada de que modo?

BOM SENSO

Como serviço, a Comissão da Condição Feminina depende do Primeiro-Ministro nos termos da lei. Contudo, o Primeiro-Ministro delega esta competência de despacho num ministro ou num secretário de Estado da Presidência do Conselho.

Dentro da comissão, embora nós funcionemos como grupo, há de facto uma hierarquia entre os diferentes elementos. Temos procurado agir com o bom senso que se impõe porque estamos conscientes do que é possível fazer dentro das circunstâncias. Uma vez por outra, não obtemos resposta positiva para as nossas reivindicações, mas não desistimos.

Quais são as reivindicações mais importantes previstas para este ano?

Fazemos um programa de actividades anual e no fim de cada ano elaboramos o relatório dessas actividades. Este ano, lutamos por um projecto de diploma, apresentado em 1977 ao então ministro do Trabalho, e que procurava pôr em execução as disposições da Constituição relativas à igualdade de acesso e de tratamento das mulheres e dos homens.

O diploma está em estudo e o secretário de Estado do Trabalho, que é uma mulher interessada nestas questões, promoveu já a constituição de um grupo de trabalho com o prazo de um mês para apresentar a revisão de todas as medidas que forem necessárias para satisfazer as reivindicações que formulámos. Este diploma foi elaborado dentro do prazo, criando-se assim uma base para ser apreciada pelo Governo.

Podemos ter finalmente um diploma em que se declara e regulamenta a igualdade de acesso das mulheres ao trabalho, a igualdade de tratamento, a possibilidade de uma carreira, e a igualdade salarial.

P. –Verifica-se frequentemente que as mulheres desconhecem os direitos que as assistem e mesmo quando os conhecem por vezes não se servem dessa base de luta para reivindicarem porque têm medo das consequências que daí adviriam.

Isto é um dos aspectos do condicionamento. As pessoas vivem a sua vida condicionadas por factores de vária ordem e muitas vezes não chegam a descobrir o seu valor como seres humanos, muitas aceitam passivamente ser alvo de injustiças e discriminações.

É nesta ignorância dos seus próprios direitos e do valor como pessoas que se baseiam as discriminações ainda existentes. Se as mulheres estiverem conscientes do que representa o injusto tratamento que lhes é atribuído e os homens tomarem eles próprios consciência disso, sentirão certamente vergonha de discriminarem as suas companheiras.

UMA NOVA IMAGEM DA MULHER

Para que se obtenha uma situação diferente é necessário criar alternativas para a actual ideologia.

Certamente é necessário criar uma nova imagem da mulher e do homem e, portanto, dos respectivos papéis. Na Conferência Mundial do México, realizada no Ano Internacional da Mulher, em 1975, foi salientada a necessdade de incrementar a colaboração com os órgãos de comunicação social na criação desta nova imagem.

A comissão enviou aos órgãos de comunicação social uma recomendação do Conselho Económico e Social das Nações Unidas que salienta a importância fundamental que detêm os órgãos de comunicação social na criação de uma nova imagem dos papéis que cabem à mulher e ao homem.

LUTAR CONTRA OS ESTEREOTIPOS

Como é que se processa a ventilação de conhecimentos no seio da Comissão da Condição Feminina? A actual estruturação permite um intercâmbio de ideias?

A comissão para além do grupo de técnicos que a constituem, bastante restrito, dispõe ainda de um conselho consultivo formado por duas secções: uma interministerial de vários departamentos que têm a ver com as questões das mulheres e que são praticamente todos, e a secção das organizações não governamentais onde estão grupos de mulheres representativos dos vários sectores de opinião.

As nossas questões de fundo passam, necessariamente, por este conselho consultivo que dá parecer sobre todas as questões que por aqui passam e sobre as quais a comissão terá que tomar uma posição para depois apresentar ao Governo.

Deste modo, auscultamos a sensibilidade dos vários grupos aos problemas. Sem dúvida que as questões das mulheres passam, fundamentalmente, pelo aspecto cultural. Por exemplo, a discriminação expressa nos livros escolares. Está em preparação um estudo extremamente interessante e que constitui uma base que realmente permite alertar os professores e as entidades que aprovaram os textos escolares para o que isso representa. Penso que as pessoas não são culpadas dos estereotipos que ingeriram no leite materno. Mesmo as pessoas «cultivadas» ingerem estes estereotipos e transmitem-nos aos seus filhos.

Verificámos que apesar de haver uma certa tendência para modificar a imagem da mulher e do homem na sociedade, os preconceitos subsistem nos livros aprovados depois do 25 de Abril. A mulher aparece quase sempre ligada a tarefas domésticas, fechada no lar, muito preocupada com o seu aspecto de beleza e, com os aspectos exteriores. As raparigas aparecem humildes, submissas e muito femininas: os rapazes por sua vez, aparecem mais ligados a actividades que requerem coragem e heroicidade.

Estas imagens não aparecem só nos livros de leitura aparecem também nas histórias para crianças. Se os livros não transmitirem estes estereotipos a dicotomia entre sexos será menor e será possível, a longo prazo, estabelecer um equilíbrio.

Um dos principais inimigos da mulher é o isolamento. Vencer esta barreira constitui um dos objectivos prioritários que têm que ser desenvolvidos pelos grupos de mulheres.

O problema do isolamento da mulher resulta de factores culturais. As mulheres não têm o hábito de reunião. As mulheres deviam participar nos sindicatos e é pena que não o façam.

As mulheres que estão em casa estão condicionadas a viverem isoladas. O contacto com o mundo exterior faz-se através da rádio e da televisão e isso condiciona uma visão deturpada do mundo exterior. Estas mulheres têm menos possibilidades que as outras até no aspecto da educação dos seus filhos, porque não acompanham a realidade social, a evolução que todos os dias se está a dar.

As mulheres que trabalham têm de facto menos tempo para darem aos filhos mas podem ter outras qualidades porque têm uma percepção mais real do que se passa. As mulheres que estão em casa têm dificuldade de comunicação porque se isolam, mantêm estritas relações de vizinhança que são extremamente limitadas.

Continua a não ser bonito conviver, sair. As mulheres que saem, são apontadas, malvistas e as pessoas não são de um modo geral imunes a certo tipo de sanção social e, portanto, evitam sair. Muitas mulheres não vão ao sindicato porque os maridos não concordam com isso.

A CONSTITUIÇÃO É UMA BASE

P – Os direitos consagrados na Constituição são uma conquista que por outros processos levaria muitos anos a obter. Como é que a Comissão referencia a Constituição?

A Constituição é uma boa base, mas não chega. A Constituição contém um princípio genérico inconstestável que é o princípio da igualdade entre as pessoas. Não se trata de uma igualdade teórica, mas de uma igualdade que tem de ser vivida na prática.

Além deste princípio geral, existem princípios muito específicos em relação à mulher, nomeadamente o princípio de igualdade de tratamento no trabalho, existe o binário de igualdade salarial para trabalho igual, igualdade para todos os indivíduos nos aspectos de instrução e de cultura, o princípio de igualdade na segurança social e o valor eminentemente social da maternidade. Estes princípios precisam de ser cumpridos, e não o são.

Alguma coisa se tem feito no domínio do direito de família, no domínio da igualdade entre marido e mulher e nas suas relações pessoais e em relação aos filhos e às questões patrimoniais. O Código Civil veiocom bastante atraso relativamente às legislações da Europa.

Onde se me afigura que as coisas podem ter mais dificuldades é a nível do trabalho, porque na família as coisas lá irão com dificuldade e sofrimento. Não há dúvida que a igualdade salarial, a igualdade de formação e de carreira têm repercussões de carácter económico não só para as entidades que têm que pagar os salários, para o Estado que deve fazer a formação e para os próprios trabalhadores que estão atingidos por preconceitos que não passam de um dia para o outro.

É necessário intensificar de todas as maneiras uma acção de esclarecimento das pessoas a começar pelas próprias mulheres, que devem estar atentas ao facto de quererem ser valorizadas do ponto de vista profissional e para isso têm que assumir uma responsabilidade.

Temos de lutar numa sociedade onde os valores masculinos predominam e não há dúvida nenhuma que para nós é muito difícil impormo-nos como pro-

FOMOS ELEITOS

É com satisfação que comunicamos ao público em geral, figurarmos entre as firmas que mais barato vendem, no mercado de electrodomésticos. Para comemoração do sucedido, ofertamos os nossos clientes com esquentadores de 6 litros, desde 2490$00; 10 litros, 5590$00; torradeiras eléctricas, 349$90; ferros de engomar automáticos, 549$90; auto-rádios c/altifalante, 1299$90; grande sortido de arcas congeladoras, frigoríficos, fogões, máquinas de lavar roupa ou loiça, televisores, alta fidelidade, mobiliário, alcatifas, etc.

Facilidades de pagamento.

Só marcas de boa qualidade, com as melhores garantias.

RÁDIO PRIMAVERA, ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

Rua Gomes Freire, 9-B — LISBOA

Telefones 54 94 06 - 57 40 42

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

Desde 1947

Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO

(indique um só curso)

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CULTURA GERAL
☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ GRÁTIS

DL/10

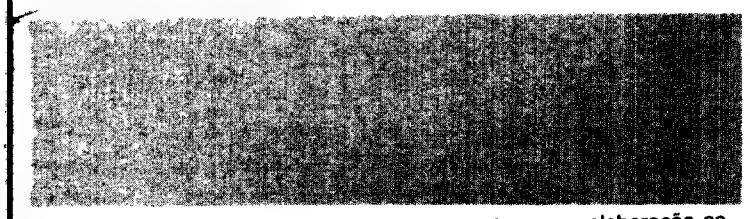
Nome .....

Morada .....

Localidade .....

cec Álvaro Torrão ★ Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52



fissionais. Temos que passar por provas, segundas e terceiras. As mulheres devem estar conscientes do valor do seu próprio trabalho e empenharem-se numa realização como profissionais.

INFORMAR AS MULHERES

P – De que modo está a Comissão a desenvolver um trabalho no sentido de esclarecer as mulheres sobre a situação de discriminação em que actualmente se encontram?

R – Estamos a fazer o maior número possível de publicações indo o grande volume dos nossos dinheiros para publicações sobre mulheres. Temos cadernos com estudos de fundo que não se destinam ao grande público, mas a entidades que de qualquer modo podem multiplicar a informação.

O objectivo dos cadernos e boletins da comissão é essencialmente para os centros multiplicadores de informação. Para além desses centros multiplicadores, temos outras vias de chegar às mulheres através de brochuras de esclarecimento e ainda através de desdobráveis.

Recentemente, estamos a fazer a edição «informar as mulheres» com a informação que consideramos imprescindível do ponto de vista do direito da família. O direito da família, é extremamente importante para nós porque não há dúvida que se deve começar por aí. Editámos a brochura sobre o casamento e está para sair outra sobre divórcio e separação e em preparação está uma outra sobre os direitos que assistem aos filhos. Estas brochuras além de serem distribuídas às pessoas que as solicitam servem também para grupos de mulheres poderem fazer discussões à volta destes problemas. Estas brochuras são gratuitas. A comissão com a sua voz apagada não interessa a ninguém. Precisamos de defender os estudos que fazemos.

Tivemos conversações com a Radiodifusão e com a Rádio Renascença e estamos a fazer diligências para recuperarmos a nossa colaboração visto que a rádio é um meio muito fácil de chegar às pessoas.

Há dois meses, falei com o presidente da RTP e com o director do 1.º canal e estou em conversações no sentido de voltarmos a ter uma colaboração activa. Acho que a televisão é um meio de comunicação extremamente importante e que nós não podemos de maneira alguma deixar perder.

Não digo que seja a comissão a ter o programa, não nos interessa aparecer como primeiras estrelas de coisa nenhuma. A comissão deve existir por aquilo que faz e não pelas pessoas que tem.

P – Uma das definições possíveis de feminismo tem a ver com a conquista de uma identidade enquanto mulher neste sentido, o trabalho da comissão tem sido frequantemente louvável contudo, muitos acusam a comissão de ser um serviço burocrático.

R – Penso que há uma coisa que as mulheres devem ter presente. Nós não procuramos ser iguais aos homens, nem temos que procurar. Na nossa sociedade é um privilégio nascer-se homem. A sociedade facilita-lhe a vida em tudo. Acho que ser mulher é uma carga muito pesada quando nos apercebemos das regras do jogo em que estamos envolvidas.

«Acho que ser mulher é uma carga muito pesada quando nos apercebemos das regras do jogo em que estamos envolvidas»

De acordo com um inquérito em que se interrogaram raparigas sobre se queriam ou não ser rapazes, a maioria respondeu que gostava de ser rapaz. Num inquérito aos rapazes sobre se queriam ou não ser raparigas, verificou-se que os homens têm a ideia de que a mulher é um ser inferior. Esta concepção tem raízes profundas. Ao longo dos séculos as mulheres têm vindo a ser consideradas como seres inferiores. Não gostamos de ser aquilo que consideramos inferior.A mulher tem um papel de inferioridade e nenhum homem quer ter esse papel. As mulheres para criarem uma sociedade diferente precisam de se assumirem como mulheres.

Temos sido acusadas de burocratizar a Comissão da Condição Feminina. É evidente que não se pode esperar da comissão que ela seja um movimento de mulheres, porque por natureza ela não pode ser isso. Não se pode esperar que esta comissão faça aquilo que as próprias mulheres não fazem. As mulheres têm que tomar consciência disto e elas próprias é que se têm que organizar.

HELENA BALSA

Pessoal de turismo visita a Costa Verde

PORTO, 14 – Trinta recepcionistas das delegações de Turismo da região da Costa Verde vão realizar amanhã e depois uma visita de estudo a algumas das mais importantes zonas turísticas daquela área.

A iniciativa partiu do Serviço de Turismo da Póvoa de Varzim, sendo a primeira do género dedicada a trabalhadores da Informação turística oficial, tendente à sua efectiva valorização profissional.

A CHEGADA DE LUANDA

Melo Antunes responde ao CDS e comenta relações luso-angolanas

«Que diria o CDS se eu perguntasse que partido tomaria o prof. Freitas do Amaral ou o dr. Lucas Pires se tivessem de se sentar à mesa das negociações com a África do Sul ou com outro Estado ainda mais reaccionário ou conservador» perguntou a noite passada, no seu regresso de Luanda, o membro do CR, tenente-coronel Melo Antunes, ao comentar a «insinuação torpe» contida num comunicado daquele partido e onde se perguntava de que lado «se sentará Melo Antunes quando os interesses luso-angolanos não coincidirem»...

O presidente da Comissão Constitucional, que em Luanda manteve contactos com Lúcio Lara, Iko Carreira (ministro da Defesa), Paulo Jorge (dos Negócios Estrangeiros) e com o presidente Neto, classificaria de «uma demonstração clara de como em Portugal se faz guerrilha política e se suscitam ódios desnecessários» o referido comunicado do CDS, lembrando, por outro lado, que, no tempo em que Sá Machado (do CDS) era titular do MNE, este pediu explicitamente a participação de Melo Antunes para uma viagem a Angola numa altura difícil das relações luso-angolanas. Recorde-se que o comunicado «centrista» considerava «inacreditável» que o Presidente da República se tivesse feito representar em Angola por aquele membro do CR.

Entretanto, e conforme as suas declarações à chegada, dois pontos essenciais estiveram na agenda dos seus contactos (que incluiu ainda um encontro com Sam Nujoma, líder da SWAPO) em Luanda: a situação na África Austral e as relações luso-angolanas.

Sublinhando não lhe parecerem criadas as condições, a curto prazo, para uma solução negociada para a Namíbia e Zimbabwue. e admitindo. até. a possibilidade de intensificação da luta armada naquela zona de África, Melo Antunes diria depois, das relações do nosso País com Angola que – apesar dos problemas existentes, sobretudo no campo económico – a normalização está a prosseguir a um ritmo excelente, dado que existem as melhores condições e uma vontade política de ambas as partes, desde a cimeira Eanes-Neto, em Bissau.

À sua partida de Luanda, Melo Antunes diria, ainda, que «portugal tem actualmente uma missão internacional importante», referindo-se aparentemente, também, ao facto de Lisboa presidir este ano ao Conselho de Segurança da ONU. Comentando os contactos que teve acerca da situação na África Austral referiu que lhe permitiram «recolher elementos de informação sobre a situação nesta parte da África que é extremamente grave».

NO CONSELHO DA EUROPA

Obstrução dos Conservadores a uma proposta de Salgado Zenha

Em questão a polícia num Estado democrático

Os deputados conservadores ao Conselho da Europa fizeram uma tentativa de obstrução a uma proposta sobre a actividade da polícia nas sociedades democráticas, apresentada pelo deputado socialista português Salgado Zenha.

Era uma proposta de emenda ao relatório sobre o mesmo tema, segundo revelou Salgado Zenha aos jornalistas, ontem à noite no aeroporto da Portela, vindo de Estraburgo com Tito de Morais, que na última reunião do CE foi eleito, por unanimidade e aclamação, juntamente com mais onzé outros membros da Assembleia Parlamentar, vice-presidente daquela organização.

Tito de Morais é agora o primeiro vice-presidente do Conselho da Europa, e foi já nessa qualidade que presidiu a parte de uma das sessões realizadas em Estrasburgo. Pela primeira vez em 30 anos de existência – assinale-se – um Parlamento Europeu foi presidido por um cidadão português.

A última reunião do CE teve como principais assuntos em agenda o já citado relatório sobre a actividade da polícia nos Estados democráticos, e as relações Norte-Sul no âmbito da nova Europa.

O relatório sobre as relações Norte-Sul dividia-se em duas partes: a primeira foi elaborada pelo deputado português Rui Machete, e a segunda por um parlamentar turco. Segundo a ANOP foram relevantes as intervenções dos deputados portugueses particularmente, a de Rui Machete, devendo referir-se ainda um relatório sobre problemas da emigração portuguesa apresentado pelo deputado socialista português Pedro Coelho.

Ainda quanto á tentativa de obstrução levada a efeito pelos conservadores à proposta de Salgado Zenha, sublinhe-se que o movimento foi liderado pelos espanhóis que, no entanto, não conseguiram o efeito pretendido, já que a proposta foi aprovada por grande maiorias.

A emenda proposta por Salgado Zenha e aprovada no Parlamento tende a precisar que os elementos da polícia que, no passado, puseram em causa os direitos humanos no exercício da sua actividade, terão de ser afastados dos seus cargos na nova sociedade democrática.

ELEIÇÕES INTERCALARES

"Somente se..." – diz o MDP

A realização de eleições intercalares somente se justifica na hipótese de não ser possível ao Presidente da República nomear um Governo que tenha «a garantia do apoio da maioria democrática da Assembleia da República» – diz o MDP/CDE, num comunicado do seu Secretariado Nacional emitido ontem, no termo duma reunião do seu Secretariado Nacional.

O comunicado do MDP/CDE assinala ainda que as actuais conversações interpartidárias com o general Ramalho Eanes não deverão atrasar a «imperiosa substituição do Governo Mota Pinto».

O Governo que substituirá o Executivo de Mota Pinto «deverá ser de democratas, capaz de diminuir as tensões sociais e adoptar medidas que permitam a saída da crise que o Governo Mota Pinto tem agravado profundamente» – assevera o MDP/CDE.

Esta organização repudia, por outro lado, dois acontecimentos registados este fim-de-semana em Lisboa e em Sintra: os rebentamentos de bombas, e o incêndio na serra. «MAnobras conspirativas das forças de direita» – diz o texto.

SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

ENCONTRO NACIONAL TRABALHADORES DO COMÉRCIO 19/20 Maio 79

Reunião-Geral de Sócios 3.ª feira, 15 maio às 21 h. no Teatro Vasco Santana (à Feira Popular)

Convocam-se todos os Trabalhadores do Comércio para uma Reunião-Geral a realizar na 3.ª feira, dia 15 de Maio, às 21 horas, no Teatro Vasco Santana, com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**

1. **Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio**
   a) **Informações**
   b) **Eleição dos Delegados ao Encontro**
2. **CCT Retalhista**
3. **Informações diversas**

Em frente com o Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio!

Em frente pela defesa do CCT Retalhista!

Unidos na defesa dos nossos direitos e conquistas!

A Direcção

LISBOA, SÁBADO À NOITE

Rebentaram quatro petardos em diferentes zonas da capital

O estado em que ficou o carro eng Milton Baptista

Quatro petardos rebentaram na noite de sábado em diferentes zonas de Lisboa. Em consequência, duas pessoas ficaram feridas embora sem gravidade. As características dos engenhos fazem supor que saíram, todos, das mãos do mesmo «fabricante». Trata-se de petardos de gelamonite, de fabrico caseiro. Até ao momento nenhuma organização reivindicou, ainda, a autoria dos atentados.

A primeira bomba, no parque de estacionamento dos Restauradores (piso dois) explodiu por volta das 22.45, sob o aparelho de ar condicionado ali existente. Alguns minutos depois, um novo engenho viria a explodir no mesmo parque, mas desta vez debaixo do carro de Fernando Manuel Machado Sousa Botelho, negociante de automóveis em Vila Real.

Acabava a brigada de minas e armadilhas da PSP de regressar à base, depois de observar **in loco** os efeitos e o tipo de explosivo usado no parque dos Restauradores, quando surgiu a notícia de novo rebentamento, agora na Rua Antero de Figueiredo, faltavam dez para a meia-noite. Aqui, o petardo fora colocado junto ao «Alfa-Romeo 2000» pertencente ao eng. Milton Baptista. A explosão deu-se relativamente próximo do Hotel Lutécia, e o dono do automóvel encontrava-se na altura a assistir a uma sessão de cinema no «Vox».

Finalmente o quarto petardo deflagrou cerca da meia-noite e meia nas traseiras do «Edifício Espanha», na Av. António Augusto de Aguiar. Este último engenho foi colocado junto à casa onde vive, com a família, o porteiro do prédio. Ferimentos ligeiros.

A Brigada de Minas e Armadilhas da PSP investiga

Entretanto, foi já identificado o corpo do rapaz que morreu na manhã de sábado ao descavilhar uma granada «abandonada» na zona entre o Terreiro do Paço e o Cais-do-Sodré. Chamava-se Joaquim Manuel Sabenca Freitas e residia, com os seus dois companheiros que ficaram feridos, na Azinhaga dos Bezouros, à Pontinha.

Extinto incêndio na serra de Sintra

● Suspeita de fogo posto leva à detenção de 4 indivíduos

Mais de cem viaturas, procedentes de vinte e cinco corporações dos concelhos de Sintra e Cascais, foram exigidas, com os respectivos ocupantes, para o ataque ao incêndio que devastou extensa zoa da serra de Sintra, entre a tarde de sábado e a madrugada de hoje. Presume-se que o fogo tenha tido origem criminosa, havendo já quatro suspeitos detidos. As chamas, combatidas por mais de 500 bombeiros, alastraram ao longo de uma frente de doze quilómetros, compreendida entre os Capuchos e a Lagoa Azul.

Quer os Bombeiros Voluntários de Sintra, quer os Bombeiros Voluntários de Cascais afirmaram-nos esta manhã (10 e 50) que o incêndio se encontrava extinto. «É provável, no entanto – acrescentaram – que certos focos ganhem alento com o calor que se faz sentir».

Ambas as corporações se inclinam para a hipótese de fogo posto.

Depois do forte ataque às chamas na tarde de sábado e madrugada de domingo, as corporações de bombeiros tinham previsto que o incêndio deveria estar praticamente dominado ao princípio da tarde de ontem. Devido, porém, à elevada temperatura do ar, e à inclinação de algumas zonas atingidas, o fogo reacendeu-se no princípio às 16 horas. Só esta madrugada, efectivamente, se tornou possível debelar o fogo e dar-se início às operações de rescaldo.

Não se registaram quaisquer desastres pessoais graves. Unicamente três bombeiros tiveram de receber assistência médica devido a intoxicação, mas sem necessidade de ficarem hospitalizados.

Os danos florestais, ainda por avaliar rigorosamente em toda a sua amplitude, são já considerados, no entanto, de grande monta.

Corticeira de Lagos — fogo causa prejuízos no valor de 200 mil contos

Prejuízos entre 180 a 200 mil contos constituem, segundo as primeiras estimativas, o resultado de um incêndio que se declarou esta manhã na Cafi, corticeira de Lagos.

Aponta-se como causa do sinistro (de que não há vítimas a lamentar) um curto-circuito ocorrido num dos armazéns de aglomerado de cortiça.

O comandante dos bombeiros de Lagos, Carlos Sousa, afirmou à ANOP que a extensão do incêndio se ficou a dever ao estado do equipamento, que considerou obsoleto.

Para além de alguns milhares de toneladas de cortiça inutilizada, todos os edifícios do complexo foram atingidos, bem como grande parte do equipamento técnico.

A Corticeira de Lagos é a mais importante unidade industrial da zona. Emprega 250 trabalhadores e a sua produção destina-se à exportação.

Fátima 79 decorreu sob o signo da criança

O Papa João Paulo II exortou os peregrinos de Fátima a rezarem à Virgem Maria pela «santificação de todo o povo de Deus, pela «paz, justiça e fraternidade e sobretuto «pelos mais pequenos, neste Ano Internacional da Criança». As palavras de João Paulo II constam da mensagem lida na Cova da Iria, ontem, dia 13, pelo bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral. Mas não só a entidade máxima da Igreja exortou à oração as centenas de milhares de pessoas concentradas no local. O MIRN distribuiu panfletos em que dizia aos peregrinos: «Reza pela salvação de Portugal».

A dignificação da criança neste ano que lhe é internacionalmente dedicado, foi também tema da homília proferida pelo cardeal Brandão Vilela, cardeal-arcebispo de S. Salvador da Baía e Primaz do Brasil, que presidiu às cerimónias. D. Brandão Vilela afirmou nomeadamente na sua alocução: «Vós, Senhora, acredistastes nas crianças e quereis que os homens grandes e os grandes homens nelas se inspirem para o cumprimento da sua missão. A Vossa mensagem não se perdeu no deserto, ao contrário, teve a força de transformar desertos em jardins. E as crianças, pobres e frágeis, conseguiram transformar a Cova da Iria em poço de água corrente e fresca, a jorrar para a Vida Eterna. Conseguiram Convosco, mensageira do Senhor, converter a azinheira em púlpito de verdade e salvação, e este pedaço de terra em Santuário de reconciliação e de paz.»

A homília foi proferida durante a concelebração da Eucarístia, cerimónia comparticipada por quase todos os bispos portugueses, o Núncio Apostólico em Lisboa e algumas centenas de sacerdotes.

À benção de dezenas de doentes seguiu-se a procissão do adeus. Milhares de peregrinos acenaram com lenços brancos à imagem da Virgem, nesta comemoração do 62.° aniversário da primeira aparição de Fátima, que observadores consideram o mais concorrido de sempre. Milhares de pessoas não conseguiram chegar à Cova da Iria, devido a terem ficado bloqueadas por veículos, já na madrugada de ontem, as vias de acesso ao local.

Um princípio de incêndio provocado pela estearina das velas colocadas pelos peregrinos junto à capela das Aparições, causou algum pânico entre as pessoas que se encontravam próximas, mas foi prontamente debelado pelos bombeiros.

CENTRO PASTORAL NO VALOR DE 200 MILHÕES DE ESCUDOS

Entretanto, Fátima prepara-se para receber com mais conforto o número crescente de peregrinos que ali afluem, incluindo os estrangeiros. Ontem, foi lançada a primeira pedra do Centro Pastoral Paulo VI, cuja construção, orçada em 200 mil contos, deverá estar concluída em 1981. O edifício, da autoria do arquitecto José Carlos Loureiro, a construir num terreno de cem hectares, compõe-se de três grandes áreas, ligadas por um vasto «foayer» e vários serviços comuns. Ao centro, o salão maior com capacidade para dois mil lugares sentados, inclui um palco para conferências, teatro, concertos (com fosso de orquestra) e «écran»; tribunas para os meios de comunicação social e instalações acessórias próprias de edifícios congéneres. O centro terá um acesso directo para doentes transportados em carrinhas. Há ainda um salão mais pequeno, com capacidade para 600 lugares sentados, transformável em restaurante quando tiver que acolher grandes grupos. Vinte salas de trabalho para pequenos grupos, uma capela e duas salas para crianças, completam este piso. Na cave, situam-se gabinetes técnicos e arrecadações para bagagens de peregrinos. Aqui poderão também servir-se refeições volantes em tempo de chuva.

Abençoou ontem o terreno onde irá ser construído o Centro Pastoral Paulo VI o cardeal jugoslavo Francisco Seper, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina de Fé, que lançou também a primeira pedra, simbólica, do edifício.

A MAIOR ACÇÃO DESTE ANO

DGFE efectuou 44 prisões e levantou 620 processos

Seiscentos e vinte processos levantados é o último balanço da vasta operação de fiscalização e controlo desencadeada a semana passada pela Direcção-Geral da Fiscalização Económica na qual estiveram envolvidos 350 elementos, no que se pode classificar como a maior acção deste tipo efectuada este ano em Lisboa.

Os números são significativos: crimes detectados foram 112, contravenções, 508, prisões efectuadas, 44. Um informador da DGFE disse esta manhã ao «DL» que ainda há alguns casos pendentes de averiguação o que poderá elevar um pouco os totais até então contabilizados.

O caso mais grave ocorreu com um crime de matança clandestina de gado, sofrendo o seu autor quatro meses e meio de prisão e 250 contos de multa. O nome do réu não foi revelado.

Com este tipo de acções a DGFE pretende lançar um sério aviso aos comerciantes menos honestos e, simultaneamente, alertar o público para a necessidade de colaborar mais activamente com as autoridades no combate à fraude e à especulação.

«É preciso que o público se compenetre de que, quando o comerciante lhe cede um produto que há dificuldade em obter de momento a um preço mais caro, não lhe está a fazer um favor. Comprar nestas condições é alimentar os especuladores» – disse-nos um informador daquela Direcção-Geral.

Vaz Portugal admite corrupção

A corrupção no MAP, adimitida já pelo ministro da Agricultura, voltou de novo à baila através de declarações prestadas, à RTP 2, por aquele membro do Governo.

Segundo afirmou os culpados deverão ser «verdadeiramente castigados», tendo a Polícia Judiciária em seu poder os elementos que poderão provar quem são os culpados pelas irregularidades cometidas.

Vaz Portugal disse, ainda, que na verdade foram detectadas «grandes irregularidades» e que envolvem muita gente «desde os governos provisórios».

A propósito do depoimento do tenente-coronel Pezarat Correia, recolhido pelo programa «A Par e Passo» o ministro da Agricultura sublinhou não lhe atribuir qualquer importância, embora achasse necessário « um ajustamento de metodologias» na política seguida pelo MAP. O referido conselheiro da Revolução voltou a sustentar que tem conhecimento «de centenas de casos objectivos de violação da lei de Bases da Reforma Agrária».

Mais um arrastão apresado

OLHÃO, 14 – O ARRASTÃO ESPANHOL «Pepe DQAMIAN» foi apresado pelo navio da armada portuguesa «Cacine» quando pescava na Zona Económica Exclusiva, ao largo da costa algarvia.

O arrastão encontra-se no porto de Olhão, onde o seu mestre será julgado ainda hoje.

© — Livros do Brasil/College Trustees

E agora estava morto e nem sequer podia restituir-lhe as cinco notas de cem. O que me enfurecia. São geralmente sempre as pequenas coisas que nos enfurecem.

O telefone e a campainha da porta tocaram ao mesmo tempo. Atendi o telefone em primeiro lugar porque a campainha queria simplesmente dizer que alguém tinha entrado no lenço de assoar que é a minha sala de espera.

—É o sr. Marlowe? O sr. Endicott deseja falar-lhe. Um momento, se faz favor.

Ele chegou ao telefone.

—Fala o Sewell Endicott—disse-me como se desconhecesse que a secretária já me tinha vomitado o nome.

—Bom dia, sr. Endicott.

—Soube, com satisfação que o tinham posto em liberdade. Agora vejo que você provàvelmente tinha razão em deixar-se ficar quieto.

—Não foi para ter razão. Foi simplesmente teimosia.

—Duvido que o encomodem mais. Mas se acontecer e quizer auxílio não deixe de procurar-me.

—Auxílio? Porquê? O tipo morreu. Dar-lhes-ia o cabo dos trabalhos provar que estivemos juntos. Além de que teriam também de provar que eu tinha conhecimento do crime. E que ele o tinha cometido ou era fugitivo.

Ele limpou a voz.

—Talvez você não saiba que ele deixou uma confissão escrita—disse-me cautelosamente.

—Sim, disseram-me, sr. Endicott. O senhor é advogado. Acha que não seria necessário provar também a autenticidade da confissão, tanto do ponto de vista de ser genuina como de ser verdadeira?

—Neste momento não tenho tempo para uma discussão sobre assuntos legais—disse-me àsperamente.—Vou ao México de avião com uma incumbência bastante triste. O senhor sabe provàvelmente qual é.

—Uhm, hum. Mas depende de quem vai representar. Não chegou a dizer-me, lembra-se?

67

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL TAP;

SÉRIE «A» Domingos

Abril	1, 8, 15, 22, 29
Maio	6, 13, 20, 27
Junho	3, 10, 17, 24

SÉRIE «B» 5as feiras

Junho	28
Julho	5, 12, 19, 26

Preços excepcionais desde * 7420$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: "fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

Fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO.

LISBOA	Av da Liberdade 160	Telef 371341
PORTO	Av dos Aliados 207	Telef 317921
COIMBRA	Rua da Sota 2	Telefs 27011/2
FARO	Av da Republica 124	Telefs 25035/6
FUNCHAL	Rua do Gorguinho 1	Telefs 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

SC TURISMO SANTA CRUZ
Rua Pedro Nunes, 26 · 1000 LISBOA
Telef: 53 96 56/7/8

AVIÃO

— «Bailinho» — Fim-de-semana FUNCHAL	desde	3.250
— «Mini Férias Funchalenses» — 5 dias	desde	3.320
— «Férias Funchalenses» 8 dias	desde	3.550
— «Escapada Funchalense» — 13 a 17 Junho	desde	3.290
— «Circuito Açoriano» — 7/8 dias	desde	7.950
— «Semana Micaelense» — Sábado a sábado	desde	6.550
— «Circuito Ilhense» — Açores e Madeira — 8 dias	desde	6.250
— «Tulipas e Moinhos» — AMSTERDÃO 7 dias	desde	11.950
— «Amsterdão e Londres» — 7 dias	desde	11.950
— «Partenon» — ATENAS — 1 semana	desde	17.950
— «Circuito Peloponeso» — à antiguidade grega	desde	19.900
— «Barcelona e Olé» — Fim-de-semana e 1 semana	desde	8.690
— «Cura termal» — Geriatria — BUCARESTE — 2 semanas	desde	26.000
— «Ibiza» — 1/2 semanas	desde	9.600
— «Israel e a Bíblia» — a rota dos lugares bíblicos — 7 dias	desde	27.700
— «Férias Morenas» — LAS PALMAS — 1/2 semanas	desde	10.900
— «Escapada Londrina» — LONDRES	desde	7.500
— «Passeio Madrileno» — 13 a 17 Junho	—	6.160
— «Férias Madrilenas» — MADRID — Fim-de-semana	desde	6.450
«Escapada Marroquina» — TÂNGER, CASABLANCA — Fim-de-semana e 6 dias	desde	4.450
— «Circuito das Medinas» — TÂNGER, MEKNES e FES — 10 dias	—	16.150
— «Broadway» — NOVA IORQUE — 9 dias	—	23.650
— «Encanto das Baleares» — PALMA — 1/2 semanas	desde	9.450
— «Notre Dame» — PARIS	desde	11.300
— «Caipira 79» — RIO DE JANEIRO — 14 dias	desde	30.800
— «Convite Romano» — ROMA	desde	13.185
— «Itália Mia» — Circuito Sul Itália — 1 semana	desde	16.900
— «Circuito dos Lagos» — Itália, Suíça e Áustria — 8 dias	desde	22.500
— «Praias do Mar Negro» — BUCARESTE — 7 dias	—	15.250
— «Imperador Trajano» — Circuito — Roménia	—	16.950
— «Mosteiros da Moldávia» — Circuito — Roménia	—	16.950
— «Litorais Leste Europeu» — ROMÉNIA e BULGÁRIA	—	18.900

PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS

CONTACTE-NOS

UMA PORTA ABERTA PRA TODO O MUNDO

RESERVE COM A MAIOR ANTECEDÊNCIA

tratamos de PASSAPORTES e VISTOS

MOTOPEÇAS

FÉRIAS TEMPOS LIVRES

MOTOPEÇAS CAMPISMO

Modelos de 1978 de tendas e atrelados a preços antigos

... pode sinalizar agora e pagar o restante quando for para férias

André JAMET

VITÓRIA DE MATOSINHOS

E OUTRAS MARCAS

Rua António Enes, 23 (à Av. Duque de Ávila)
1000 LISBOA — Telefone 53 96 20

HORÁRIO

2.ª A 6.ª FEIRA: DAS 10 ÀS 20 HORAS
SÁBADO: DAS 10 ÀS 17 HORAS

© – Livros do Brasil/College Trustees

—Lembro-me muito bem. Bom, adeus, Marlowe. A minha oferta de o ajudar é ainda válida. Mas deixe-me também oferecer-lhe um conselho: não se convença que está completamente fora de sarilhos. A sua profissão é bastante vulnerável.

E desligou. Coloquei cuidadosamente o telefone sobre o descanso. Durante alguns momentos fiquei sentado, com a mão sobre o telefone e a cara enrugada. Depois alisei a cara, levantei-me e abri a porta de comunicação com a sala de espera.

Junto à janela, com uma revista nas mãos estava um homem. Vestia um fato azul acinzentado com quadrados muito ténues em azul pálido. Calçava mocassinos pretos. O lenço de algibeira do casaco estava perfeitamente dobrado e por detrás saíam os óculos escuros. Tinha cabelos escuros, espessos e ondulados e estava muito queimado. Levantou uns olhos brilhantes como os de um pássaro e sorriu por debaixo do bigode muito fino. Trazia um laço castanho sobre uma camisa resplandecentemente branca.

Pôs a revista de parte.

—É fantástico o género de porcaria que se lê nestas revistas!—disse-me.—Estive a ler um artigo sobre o Costello que dá a impressão que sabem tudo dele. Pois não sabem: tal como eu sei tudo da Helena de Troia.

—Que deseja de mim?

Olhou-me sem pressa.

—Então você é o Tarzan cá da cidade?—disse.

—Tarzan?

—Sim, você Marlowe. Trataram-no muito mal?

—Mais ou menos. Mas que tem você com isso?

—Depois do Allbright ter falado com o Gregorius?

—Não, antes.

Ele baixou a cabeça em sinal de aprovação.

68

NAS JORNADAS, OS MÉDICOS DECIDIRAM

Dentro de mês e meio o Sindicato funcionará

O Sindicato dos Médicos da Região Sul (com existência legal) vai ser reactivado – esta foi a principal conclusão da Primeira Jornada Médico-Sindical que se realizou no passado sábado no Instituto de Higiene e Medicina Tropical, à Junqueira.

Participaram mais de 400 médicos, num total aproximado de 800 inscrições, das quais mais de cem foram efectuados no próprio local, a demonstrar o interesse e a necessidade que os médicos sentem de um Sindicato que defende os seus interesses. Mais de 60 por cento da classe trabalha por conta de outrém.

A Comissão Organizadora foi transformada em Comissão reactivadora, tendo-lhe sido agregada os moderadores das quatro mesas-redondas, num total de 35 médicos.

Foram apresentados 17 trabalhos. No entanto, foi o tema da organização sindical que mais interesse despertou, já de que da sua concretização depende a resolução dos outros problemas: carreiras médicas, previdência, policlínicos e problemas laborais dos médicos num Serviço Nacional de Saúde.

Foram, então, debatidas as duas alternativas: ou reactivação do Sindicato já existente ou criação de um novo Sindicato, tendo a 1.ª hipótese sido aceite quase por unainimidade.

A Comissão Reactivadora tem 45 dias para angariar sócios, procurar instalações para o Sindicato (que funcionou na Ordem) e promover uma Assembleia (onde deverão estar, pelo menos, 10 por cento da classe) para a eleição de uma Comissão Directiva do Sindicato que, por sua vez, terá 90 dias para promover a eleição definitiva da direcção do Sindicato, de acordo com a lei Sindical existente.

Com o lema «um passo na organização sindical», estas Jornadas foram isso mesmo. De sublinhar que há mais de quatro anos que não se via uma reunião de médicos tão numerosa e preocupada na defesa dos seus interesses.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Mais de 60 por cento da classe trabalha como assalariado. Por isso, desde sempre tem sido sentida a necessidade de um organismo – Sindicato – que defenda os trabalhadores.

Foi em 27 de Junho de 1975 que foram aprovados os Estatutos do Sindicato dos Médicos. «A actividade do Sindicato – lê-se num dos documentos – progressista, teve um papel importante nos primeiros dezoito meses da Revolução, com apoio crítico aos vários Governos, aos outros sindicatos de trabalhadores a saúde e à Intersindical, defendendo o direito à saúde, apoiando medidas validas como o serviço médico à preriferia e a criação de uma carreira médica unificada». «Toda esta orientação – prossegue– e actividade democrática desencadeia violentos ataques de direita médica que sentia os seus interesses abalados. São estas forças reaccionárias, sentindo ter-se modificado a situação política com o 25 de Novembro, que se movimentam e convocam uma Assembleia Extraordinária, que se realiza em Fevereiro de 76 e onde conseguem destituir os corpos gerentes do Sindicato».

A partir daí, criou-se um vazio. A Ordem não pode assumir, por parecer constituciona, as funções sindicais. Questão que poderá ser suprida a curto prazo. Sublinhe-se que nestas Jornadas estiveram presentes médicos dos vários distritos da zona Sul.

ESTERILIZAÇÕES VOLUNTÁRIAS

Dez milhões de casais na Europa — o maior aumento

SEUA – O número aproximado de casais utilizando a esterilização cirúrgica para controlo dos nascimentos aumentou de 65 milhões em 1975 para noventa milhões em 1978 no mundo interiro – revelou o perito norte-americano de população Remert Ravenholt.

Ravenholt, director do Secretariado de População da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, divulgou as estatísticas num discurso na Quarta Conferência Internacional sobre Esterilização Voluntária, a decorrer em Seul.

O perito norte-americano declarou que o número aumentou de trinta para 36 milhões de casais na China, durante o referido período, de dezassete para 22 milhões na Índia, de 5,5 para dez milhões na Europa, de oito para doze milhões, nos Estados Unidos e de quinhentos mil para um milhões em Africa.

Na conferência participam cerca de quatrocentos peritos de oitenta países.

Verifica-se assim que o número de casais que optou pela esterilização foi mais significativo na Europa, mais do dobro, apesar de em termos globais, esse número ser inferior a outras regiões. África é o continente que apresenta o número mais pequeno de esterilizações – um milhão.

LIQUIDAÇÃO TOTAL
da CASA DE MALHAS
CIBELE
RUA SERPA PINTO, 16-A (Ao Chiado)
MUDANÇA DE RAMO
LIQUIDA TODA A EXISTÊNCIA
BLUSAS — TEE-SHIRTS — CALÇAS
— CASACOS DE CAMURÇA —
VESTIDOS — BIKINIS
— FATOS DE BANHO, ETC., ETC.

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES
L E I L Ã O
Amanhã e seguintes das 15 às 19 Horas AV. CASAL RIBEIRO 17-B
Onde venderemos pela maior oferta e sem base de licitação as existências de vários estabelecimentos de artigo novo, na sua maioria MOBILIÁRIO METÁLICO E MAQS. P.ª ESCRITÓRIO
Na sua maioria artigo novo. Destaque para invulgar conjunto de gabinete de administração.
MOBILIÁRIO DOMÉSTICO, ESTOFOS ETC.
Mobílias completas, móveis soltos, de estilo e modernos etc. etc.
ELECTRODOMÉSTICOS C/toda a existência duma boa casa do ramo c/destaque para gr. frigorifico industrial c/2 portar e máq. industrial p.ª fabrico de gelados c/3 tiragens
MINIMERCADO DE ALIMENTAÇÃO:
c/toda a sua completa existência
MAQUINAS DE FÁBRICA DE MALHAS — CONFECÇÕES P.ª SENHORA E CRIANÇA, ARTIGOS DECORATIVOS, LOIÇAS, VIDROS, APARELHAGEM FOTOGRÁFICA ETC. ETC.
Cerca de 2000 lotes impossíveis de descriminar mas que estarao em EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 horas
SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1 Telfs PPC (9 Linhas) 532020 51470 532446
AFRA FILHOS, Lda

CARTÓRIO NOTARIAL DE ARRUDA DOS VINHOS

A cargo do notário lic. Maria de Fátima Nobre da Fonseca, certifico que extraí neste cartório a presente fotocópia e contém três folhas e vai conforme ao respectivo original, exarado de folhas 7 verso e folhas 9, do livro A 273 de Escrituras Diversas deste Cartório.

6 de Março de 1979 O 3.º Ajudante Gracinda Agostinho

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

— No dia vinte de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove, no Cartório Notarial deste concelho de Arruda dos Vinhos, perante mim, licenciada Maria de Fátima Nobre da Fonseca, notária, compareceram como outorgantes:

— Primeiro — LILIA MARGARIDA CORREIA MARRUCHO BASÍLIO, natural da freguesia de Vilarelho, concelho de Caminha, casada com Manuel Bernardino Basílio e residente habitualmente em Lisboa, na Rua Raquel Roque Gameiro, n.º 10, 2.º andar, esquerdo, portadora do bilhete de identidade número 2712544, emitido pelo Arquivo de Lisboa, em 6 de Junho de 1977.

— Segundo — MANUEL BERNARDINO BASÍLIO, natural da freguesia e concelho de Redondo, casado com Lília Margarida Correia Marrucho Basílio e residente habitualmente em Lisboa, na Rua Raquel Roque Gameiro, n.º 10, 2.º andar, esquerdo, portador do bilhete de identidade número 0220774, emtidopelo Arquivo de Lisboa, em 6 de Junho de 1977.

— Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos referidos bilhetes de identidade.

— Os outorgantes declararam:

— Que são casados sob o regime imperativo de separação de bens.

— Que, pela presente escritura, constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro

— A sociedade adopta a firma de «L.C. MARRUCHO & M. B. BASÍLIO, LIMITADA» e tem a sua sede provisória em Lisboa, na Rua Raquel Roque Gameiro, número dez, segundo andar, esquerdo e a sua duração é por tempo indeterminado e inicia hoje a sua actividade.

Segundo

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de duzentos mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo:

Lília Margarida Correia Marrucho Basílio, uma quota de cento e noventa mil escudos;

Manuel Bernardino Basílio, uma quota de dez mil escudos

Parágrafo único

O capital social pode ser modificado sem qualquer limite.

Terceiro

O objecto da sociedade é a realesquerdo e a sua duração é por tempo indeterminado e inicia hoje a sua actividade.

Segundo

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de duzentos mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo:

Lís por quotas de responsabilidade limitada.

Quarto

Na cedência da quota de cada um dos sócios, tem preferência, em primeiro lugao outro sócio e, em segundo lugar, a própria sociedade.

Quinto

A sociedade temo direito de amortizar a quota de qualquer sóciopelo valor de balanço efectuado para o efeito, no caso de verificação de alguma das seguintes circunstâncias:

A) — Acordo dos sócios nesse setido;

B) — Venda judicial da quota, qualquer que seja a forma usada.

Parágrafo único

O pagamento do preço da amortização efectuar-se-á em doze prestações trimestrais.

Sexto

A gerência fica a cargo exclusivo do sócioManuel Bernardino Basílio, dotado dos mais amplos poderes de gestão dos negócios sociais, podendo, inclusivamente:

A) — Representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamentg, confessar, desistir e transigir em qualquer acção e comprometer-se em árbitros;

B) — Adquirir, vender ou, por qualquer fora, alinar ou onerar bens e direitos móveis e imóveis e tomar e dar de arrendamento, prédios ou partes dos mesmos;

C) — Contrair empréstimos, obter financiamentos e realizar quaisquer outras operações de crédito junto de bancos ou instituições nacionais ou esttrangeiras.

Sétimo

Os documentos que obrigam a sociedade deverão conter a assinatura do sócio gerente, nessa qualidade.

Oitavo

É vedado aos sócios e ao gerente obrfigar a sociedcade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

Nono

A convocação das assembleias gerais será efectuada por meio de cartas registadas, expedidas com a antecedêdcia mínima de oito dias, salbo nos casosem que alei exija formas ou prazoa diferentes.

Parágrafo único

A expedição de catas podrá ser subsituída pelas assinaturas dos sócios na convocatória, que poderão, neste caso, acordar prazo mais curto para a realização da assembleia geral.

Assim o outorgaram, por minuta.

Averti os outorgantes da obrigação legal de requererem o regisot o prazo de três meses.

Arquivo, no maço do documentos relativos a este livro, certidão passada pela Consevatória do Registo Comercial de Lisboa, em treze do corrente, por onde verifiquei não existir ali amtriculada sociedade com firma igual ou semelhante coa ora constituída.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e feita a explicação do seu contúdo, em voz alta, na presença simultânea de ambos os intervenientes.

Lília Margarida Correia Marrucho Basílio

Manuel Bernardino Basílio

A NOTÁRIA,

Maria de Fátima Nobre da Fonseca

EUROPA

CONGRESSO DA CES EM MUNIQUE

Reduzir o horário de trabalho para combater o desemprego

O restabelecimento do pleno emprego e a redução do tempo de trabalho são os dois objectivos para que irão ser mobilizados os quarenta milhões de aderentes à Confederação Europeia dos Sindicatos (CES) nestes três anos mais próximos.

Para alcançar estas reivindicações prioritárias, a Confederação deve definir uma estratégia durante o seu terceiro Congresso que reune 200 delegados de 31 organizações de 18 países da Europa Ocidental, a partir de hoje até ao dia 18 de Maio em Munique (Baviera).

Na Europa Ocidental contam-se actualmente cerca de dez milhões de desempregados segundo a CES. Para esta Confederação o restabelecimento do pleno emprego deve ser o primeiro objectivo da política económica. Partidária de uma política de crescimento económico nestres três anos mais próximos, a CES deseja que o crescimento económico seja «selectivo e qualificativo, em vez de ser unicamente quantitativo, como tem sido até agora».

No que respeita aos meios de acção, os delegados deverão escolher entre duas posições extremadas: os «centralistas» que desejam acções «simultâneas e com todos», como foi o caso em Abril de 1978 para o emprego, e os «regionalistas» que preferem acções particulares em cada país...

Com excepção de certos sindicatos, nomeadamente os escandinavos, que se recusam a tratar em conjunto os dois temas, a maioria dos membros da CES considera que a redução do tempo de trabalho é um meio eficaz para melhorar a situação do emprego. Desde 1976, no congresso de Londres por iniciativa dos TUC britânicos, a CES decidiu começar uma batalha pela redução do tempo do trabalho.

Dezoito organizações pediram a sua filiação na CES. Trata-se nomeadamente da CGT francesa, das Comissões Obreiras e da Intersindical Portuguesa no entanto o Congresso não debaterá este problema das adesões vai ser designado um novo presidente durante o Congresso. Heinz Oskar Vetter, presidente da «DGB» alemã será candidato às eleições europeias e será muito provavelmente substituído pelo dirigente da Confederação do Movimento Sindical holandês, Win Kok.

ÁSIA

O xá do Irão condenado à morte

Foram condenados à morte, em julgamento à revelia, o xá, a imperatriz Farah, os 3 últimos primeiros-ministros e várias outras entidades do antigo regime iraniano, segundo anunciou no domingo o presidente dos Tribunais Revolucionários Islâmicos, «ayatollah» Sadegh Khalkali.

A lista dos condenados à morte, lida pelo «ayatollah Khalkali, é a seguinte: – Mohammad Reza Pahlavi (xá do Irão); – Farah Pahlavi (imperatriz do Irão); – Achraf Pahlavi (irmã gémea do xá); – Gholamreza Pahlavi (meio-irmão do xá); – Djaafat Crif-Fmami, primeiro-ministro iraniano (fim de Setembro a 5 de Novembro de 1978); – general Gholamreza Azhari, primeiro-ministro iraniano (6 de Novembro a fim de Dezembro de 1978); – Chapur Bakhtiar, último primeiro-ministro do regime monárquico, do fim de Dezembro, à revolução iraniana de 9-12 Fevereiro 1979; – Ardechr Zahedi, último embaixador imperial em Washington; – Huchang Nahavandi, secretário particular da imperatriz e ministro da Educação (Setembro-Outubro 1978).

FIM DAS EXECUÇÕES?

O chefe do Estado não oficial do Irão, o «ayatollah Ruhollah Khomeiny, deliberou que apenas assassinos e indivíduos que tivessem ordenado torturas ou massacres deveriam ser punidos com a pena capital por tribunais revolucionários islâmicos.

A PARS, a agência noticiosa oficial, informou que o «ayatollah» tinha estabelecido duas categorias de pessoas que continuariam a ser condenadas à morte: – indivíduos que se prove que mataram alguém e indivíduos que tenham ordenado chacinas ou praticado actos de tortura de que resultaram mortes.

As novas directrizes foram conhecidas quando 114 pessoas estavam a ser julgadas na cidade de Kerman, no Sueste do país, por acusações de efectuarem manifestações violentas a favor do xá, nos últimos meses antes da deposição da monarquia. Trata-se do maior grupo a ser julgado, desde a revolução de Fevereiro.

JORNAL SILENCIADO

Os dirigentes muçulmanos do Irão silenciaram efectivamente o diário de esquerda Ayandegan ao rotulá-lo, numa emissão radiofónica à escala nacional, de anti-revolucionário e controlado pelos sionistas.

Fontes do jornal informaram que o jornal, com uma tiragem de quatrocentos mil exemplares, ia suspender a publicação na sequência da emissão, que foi o último acto das autoridades islâmicas contra a Imprensa secular com tendências de esquerda.

Segundo as fontes, registaram-se ataques a várias delegações do Ayandegan na província e milicianos islâmicos foram postados em torno da sua sede em Teerão para impedir violências.

Pacto comercial China-EUA

A China rubricou o seu primeiro acordo comercial com os Estados Unidos, devendo o representante norte-americano apor a sua assinatura nas próximas horas.

O ministro chinês do Comércio Externo, Li Qiang, assinou os documentos do pacto numa breve cerimónia realizada na capital – segundo informaram funcionários norte-americanos. O secretário do Comércio dos Estados Unidos, Juanita Kreps, assinará, por seu turno, o acordo às 18.00 h locais de Cantão (10.00 h tmG).

Em declarações à Imprensa em Cantão, a Kreps comentou que, em resultado do acordo, o comércio entre os dois países seria ampliado consideravelmente.

O secretário norte-americano do Comércio referiu-se ao acordo como ponto de partida para o estabelecimento de relações comerciais regulares entre os dois países, lembrando que o mesmo atribui à China e aos Estados Unidos o estatuto de «nação mais favorecida».

Marchais reeleito no Congresso do PCF

Georges Marchais foi reeleito, domingo, secretário-geral do Partido Comunista Francês (PCF), durante o último dia do 23, congresso do Partido.

O Congresso procedeu também à eleição de novos dirigentes do partido e adoptou, com uma única abstenção, os novos estatutos do PCF que consagram o abandono da noção de ditadura do proletariado, decidido no 22.º Congresso.

Segundo estes novos estatutos, o Partido renuncia à fórmula «marxismo-leninismo» para se referir ao «socialismo científico» e confirma «a plena validade do centralismo democrático como modo de vida interno do partido».

No que respeita aos novos órgãos dirigentes «a composição do novo secretariado do Comité Central, a mais alta instância dirigente do partido, é marcada pela não reeleição de Roland Leroy, director do «L'Humanite», órgão do partido.

Reuniões da NATO e do Pacto de Varsóvia

Ministros da defesa de dez países da NATO encontram-se hoje em Bruxelas para rever o seu papel na Aliança ocidental, animada pela tónica acentuada dada à defesa, pelo novo governo conservador britânico.

Os ministros da Defesa do Eurogrupo analisarão, entre outras coisas, a cooperação na obtenção de armas e anunciarão o seu programa de novo equipamento militar em 1979.

O programa deste ano inclui a compra de 150 peças de artilharia, 750 sistemas anti-tanques, 7.000 lança-mísseis de infantaria, quatro contratorpedeiros, dois submarinos, 75 aviões de caça, 340 helicópteros na maioria anti-tanques, e 180 sistemas de DCA, revelaram fontes afectas à NATO.

PACTO DE VARSÓVIA

Os ministros dos Negócios Estrangeiros do Pacto de Varsóvia reunem-se hoje em Budapeste para, segundo a agência noticiosa hungara «MTI», estudarem questões referentes à segurança europeia.

Segundo fontes locais, debater-se-ão também as consequências que para aquela aliança militar trará a aplicação do tratado soviético-norte americano de limitação de armas nucleares estratégicas «SALT-2».

Bombas na Itália

Rebentaram, às primeiras horas de hoje, quatro bombas em Roma, menos de três semanas antes das eleições terais em Itália, em três de Junho, que os terroristas juraram arruinar.

A polícia disse que um automóvel armadilhado explodirá fora da penitenciária romana de Regina Coeli, onde estão encarcerados vários dirigentes terroristas.

Os outros três engenhos deflararam fora de secções locais dos partidos democrata-cristão, republicano e social-democrático.

Não foram anunciadas vítimas.

Mortos na Turquia

A violência política fez cinco novas vítimas na Turquia, no decorrer das últimas 24 horas, elevando, segundo fontes não oficiais, a 267 o número de mortos desde o princípio do ano.

Três pessoas encontraram a morte em Istambul e duas outras em Adana nos atentados cujos autores conseguiram escapar.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUIZO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os reús para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, éo seguinte: Pagamento à Autora da quantia de 23.295$20, valor do fornecimento de mercadoria, e ainda nos juros vencidos no montante de 2.329$50.

Acção sumária n.º 7673 3.ª secção

Autora: Minnesota (3 M) de Portugal, Lda.

Réu: Rolsol — Confecções e Exportação, Lda, com escritório na Rua de Tânger, 1.355-1.º, no Porto.

Lisboa, 20 de Abril de 1979

O JUIZ DE DIREITO,
Joaquim Daniel Araújo dos Anjos
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Alvaro de Morais Pinto Carreira

SR. LAVRADOR

Para combater
Infestações de piolhos nas culturas,
Rápida e eficazmente,
Informamos que a
Maneira
Optima de o conseguir é
Recorrer ao

PIRIMOR

O INSECTICIDA QUE GARANTE A PROTECÇÃO DAS ABELHAS, JOANINHAS E OUTROS INSECTOS ÚTEIS.

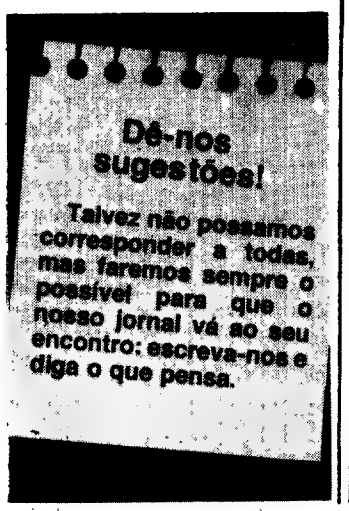
Um produto com a garantia ICI PLANT PROTECTION DIVISION

Distribuido em Portugal por:

ZV ZELTIA VALAGRO VALORIZAÇÃO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL S.A.R.L.

Avenida D. Carlos I. 42-3º. Telf. 602374 1200 Lisboa

Filiais em: Alcobaça·Évora·Porto·Torres Vedras e Vala do Carregado



CP — Caminhos de Ferro Portugueses, EP.

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 24 de Maio de 1979, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência no apeadeiro de Barreiro-A para venda de jornais, revistas, artigos de tabacaria, de escritório, de papelaria, fotográficos, brinquedos, discos e «cassetes», pequenas lembranças de viagem e artigos próprios para uso de quem viaja, excepto alimentos e bebidas e ainda de uma maneira geral os vários artigos de venda habitual em estabelecimentos similares.

A anuidade mínima a oferecer é de 20.000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 3400$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

– **Barreiro-A**
– **Barreiro**
– **Serviço Comercial da Região Sul**

BARREIRO

– **Serviço Comercial de Passageiros**
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, 1196 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência no apeadeiro de Barreiro-A.»

AMÉRICA

IMPASSE EM SAN SALVADOR

Governo 'desconhece' o paradeiro de três dirigentes do BPR

Parecem ter chegado hoje a um impasse as negociações para libertar os diplomatas franceses e venezuelanos sequestrados nas suas embaixadas por elementos do Bloco Popular Revolucionário (BPR), em S. Salvador.

O BPR reiterou que os seus guerrilheiros permaneceriam nas embaixadas e também na catedral católica de S. Salvador até os seus chefes presos terem sido soltos.

Contudo, o Governo de Salvador afirma não ter conhecimento do paradeiro dos três cabecilhas do BPR que o Bloco ainda afirma estarem presos.

Os guerrilheiros ocuparam a embaixada francesa e a catedral, em 4 de Maio, exigindo a libertação dos cinco chefes do BPR. Dois deles foram soltos subsequentemente, mas apenas, depois de uma sangrenta batalha entre forças de segurança e partidários do BPR em que morreram, pelo menos, 19 pessoas e mais 40 ficaram feridas defronte da catedral.

A embaixada da Venezuela foi ocupada na sexta-feira.

Cinco reféns encontram-se na embaixada francesa e oito na da Venezuela. Os cativos incluem o embaixador Michel Dondenne, da França, e Santiago Ochoa, da Venezuela.

No seu sermão dominical, o arcebispo Óscar Asnulfo Romero, um dos maiores críticos do Governo de Salvador, afirmou que a única forma de resolver a crise era as autoridades cederem «às exigências justas do Bloco».

Pediu ao Governo para respeitar a lei e manifestou-se, ao mesmo tempo, contra as ocupações das embaiadas e todas as outras formas de violência cometidas por militantes contrários ao regime.

O arcebispo Romero apelou para a França e a Venezuela usarem a sua influência junto do Governo salvadorenho para garantir o respeito dos direitos humanos.

Greve contra despedimentos nas Linhas Aéreas do Chile

Uns 250 trabalhadores da Linha Aérea Nacional (Lan-Chile) declararam-se no sábado em greve de protesto, contra o despedimento de 23 empregados da gerência de engenharia.

Abraham Salgado, presidente do Sindicato de Técnicos e Inspectores e Supervisores da «Lan-Chile» disse ainda que, dos 2.000 funcionários da empresa, nas últimas semanas haviam sido despedidos ou reformados 430 trabalhadores.

Acrescentou que o sindicato «opõe-se» a qualquer tipo de despedimento e assim o anunciou às autoridades da «Lan-Chile» em Março passado, quando estas disseram que, por razões de auto-financiamento, reduziram em 50 por cento a dotação do pessoal».

Entretanto, o Congresso de Supervisores das Minas de Chuquicamata, Salvador, El Teniente e Andina – que em conjunto produzem um milhão e duzentas mil toneladas de cobre fino – manifestou a oposição à reprivatização da principal riqueza do país.

Recentemente, a «Anaconda Company» adquiriu a mina «Pelabras» por 20 milhões de dólares e outras empresas expressaram o interesse por outros jazigos, como o «El Abra» considerado superior a Chuquicamata, a maior mina do mundo.

As minas de cobre chilenas, antes exploradas por empresas multinacionais, foram nacionalizadas pelo governo de Salvador Allende.

Agora, a Junta Militar de Pinchet pretende voltar a privatizá-las e nesse caso, somente empresas multinacionais têm condições para as explorar.

Os três mil supervisores chilenos de minas manifestaram também a sua «preocupação» pelos baixos índices de investimento governamental nas minas, apesar da venda do cobre ser responsável pela maior parte de entrada de divisas no Chile.

A polícia anunciou entretanto, que três bombas haviam explodido na capital chilena, danificando um banco, uma casa de câmbios e uma fábrica.

A CISÃO NO PS Ch.

Um grupo de 87 importantes dirigentes do Partido Socialista Chileno (PSCh), radicados no Chile, fez apelo às bases socialistas no sentido de se oporem a direcção de Clodomiro Almeyda, recentemente designado secretário-geral.

A escolha de Almeyda, ex-ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, decidida após a realização de uma consulta que abrangeu tanto os militantes radicados no país como os exilados, provocou a expulsão do antigo secretário-geral Carlos Altamirano, e de outros dirigentes, entre eles o ex-ministro chileno do Interior, Jaime Suarez, e o ex-senador Erick Schnake.

Ataques sandinistas em Manágua

Guerrilheiros sandinistas, armados com metralhadoras e bombas incendiárias, atacaram esta noite um posto da Guarda Nacional, em Manágua, informaram fontes militares naquela capital.

O local do ataque foi a sexta secção policial, no bairro de São Judas, e embora não haja ainda conhecimento de vítimas, testemunhas locais disseram ter visto ambulâncias dirigirem-se para a zona.

As autoridades anunciaram, entretanto, que se registou outro tiroteio entre guerrilheiros contra-governamentais e soldados da guarda nacional na parte leste de Manágua.

CIÊNCIA

Humanidade sob ameaça de grandes catástrofes

São inevitáveis no futuro catástrofes naturais susceptíveis de matar milhões de pessoas – adverte o livro «Earth Shock», publicado por dois gólogos britânicos.

O dr. Basil Booth, investigador do Imperial College de Londres, e Frank Fitch, professor do Birkbeck College, na capital britânica, predizem novas eras glaciares, a fusão dos gelos e o bombardeamento da Terra por um meteorito ou asteroide gigantesco no Espaço.

Descrevem no seu livro o que aconteceria se um «míssil» espacial atingisse os Estados Unidos. Para além dos que fossem engolidos pela cratera, milhões seriam mortos pela explosão e por rochas fundentes. Um terço da população da América do Norte teria morte instantânea e, muito depois, haveria terramotos noutros continentes, as montanhas ruiriam e vagas gigantescas submergeriam as regiões baixas.

Exortam os governos a tomarem medidas preventivas, possivelmente desviando o asteróide por meio da energia nuclear e declaram que uma Agência Mundial Anti-Catástrofes, utilizando descobertas de cientistas soviéticos, americanos e de outras nacionalidades, poderia proteger as pessoas dos piores efeitos dos sismos e das erupções vulcânicas.

AFRICA

Governo de Salisbúria em crise latente

O bispo Abel Muzorewa, primeiro-ministro eleito do governo da Rodésia, pareceu ontem ter evitado uma cisão importante no seu partido, que obteve a maioria no novo parlamento.

Na conferência provincial do seu partido, Conselho Unido Nacionalista Africano (UNANC), que terminou ontem em Salisburia, as onze provincias pediram a expulsão do vice-presidente, Janes Chikerema, de 52 anos, veterano do Partido Nacionalista, que manteve uma relação difícil com obispo, desde que os dois regressaram do exílio em 1977, para negociar com o primeiro-ministro Ian Smith.

Apesar destas pressões, Muzorewa, alegando agir no interesse nacional, declarou que Chikerema manteria o seu cargo como membro do partido.

Poucos dias depois das eleições, Chikerema declarou numa conferência de Imprensa que a Presidência da UNANC era de cariz ditatorial e que se orientava «escandalosamente para o nepotismo e o tribalismo».

Pequim intensifica comércio com Pretória

A Imprensa sul-africana regista o aumento das relações comerciais entre este país e a China.

Negociações «não oficiais» recentemente realizadas entre a China e a companhia mineira sul-africana «De Beers» permitirão alargar esse intercâmbio comercial.

Desde há vários anos, a China compra à Africa do Sul e à Rodésia matérias-primas estratégicas, como cromio, estanho e cobre.

Em 1978, as exportações chinesas para a África do Sul atingiram quase 6 milhões de dólares. Grande parte das transacções efectuam-se através do porto livre de Hong Kong.

Uganda quer trocar líbios por Amin

O Uganda está preparado para libertar dezenas de prisioneiros de guerra árabes em troca do regresso de Idi Amin para ser julgado – disseram fontes governamentais ugandesas.

As forças tanzanianas e exilados ugandeses capturaram vários soldados líbios – parte da força expedicionária de três mil homens enviada por Khadafy para tentar salvar Amin – durante os combates travados para derrubar Amin.

As mesmas fontes acrescentaram que o novo Governo do Uganda está preparado agora para oferecer a libertação daqueles prisioneiros de guerra se a Líbia, país onde se supõe que Amin se tenha refugiado, enviar o antigo presidente para o Uganda.

QUER SER BEM SERVIDO?

Restaurante Snack-Bar
ROSSIO DA TRINDADE

Refeições Petistos
Mariscos

PRATO ESPECIAL

Frango de Churrasco à Angolana

Rossio da Trindade — T. 63157 — LAGOS

Caixa de Previdência
e Abono de Família
do Distrito de Setúbal

AVISO

Para os devidos efeitos informa-se que por força da Portaria n.º 193/79, de 21 de Abril, que alterou o período de trabalho dos trabalhadores da previdência, **o horário de abertura ao público** passa a ser:

9.15 às 11.30H
14.30 às 16.15H

Setúbal, 10 de Maio de 1979

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

BICICLETAS «VILAR»
CAMPANHA DA PRIMAVERA
— PREÇOS ESPECIAIS —

para homem,
senhora e criança

DISTRIBUIDORES
CICLO AREEIRO

Av. Alm. Gago Coutinho, 1-C/3-B — Tel. 886870-890342 — LISBOA

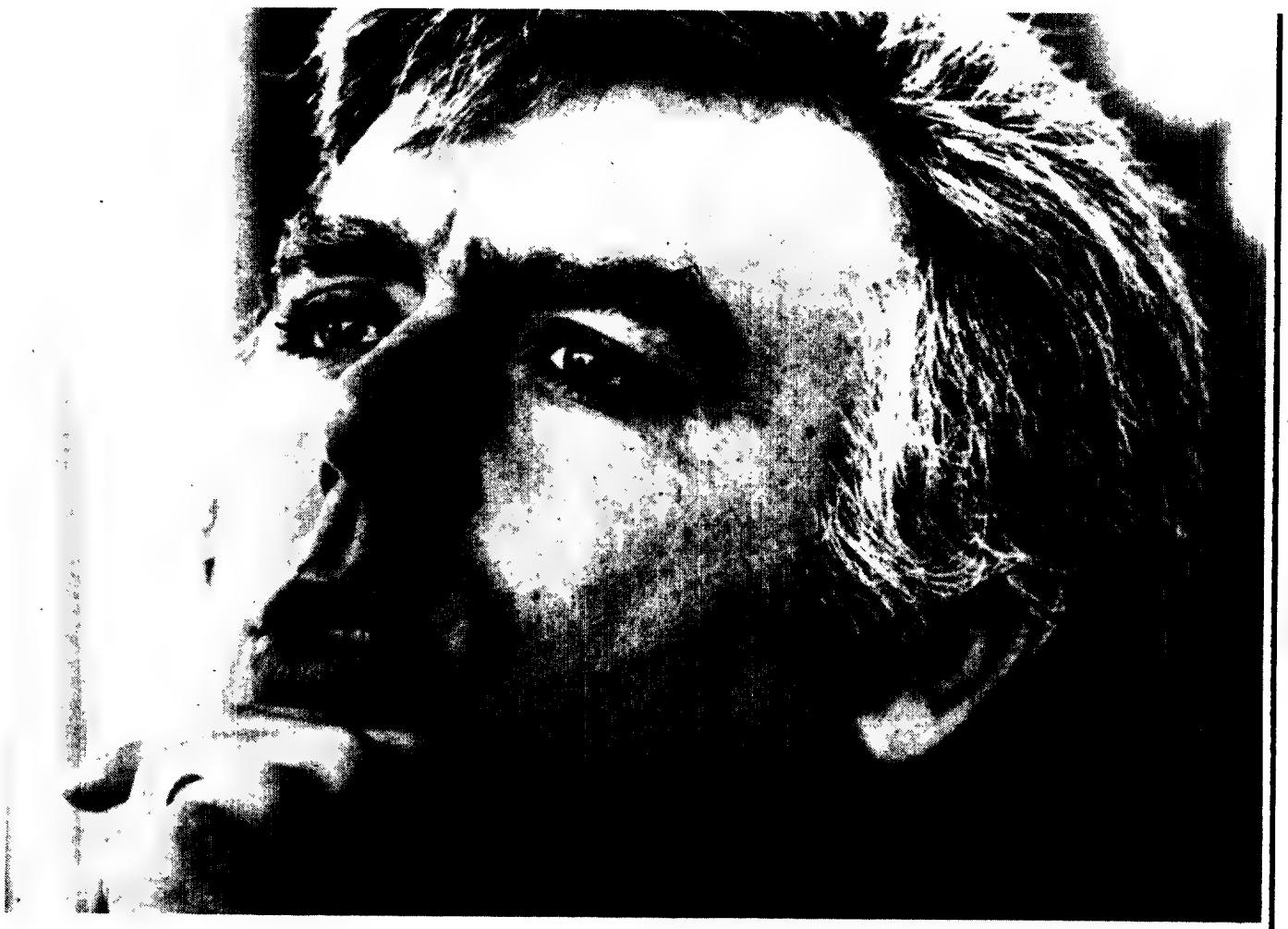
SC
TURISMO SANTA CRUZ
Rua Pedro Nunes, 26 - 1000 LISBOA
Telef. 539656 / 8

AUTO-FÉRIAS
– «Tolanas» – Estadias em Tróia desde 260$00
– «Algarvias» – Estadias no Algarve desde 500$00
– «espanholitas» – Estadias em Benidorme; Benalmadena; Fuengirola e Torremolinos desde 390$00

AUTOPULLMAN
– «Convite Nortenho» – Bragança; Coimbra; Lamego; Régua, Vila Real e Viseu 2/3 dias desde 1260$00
– «Férias Algarvias» – 1 semana desde 3750$00
– «Férias ao Sol» – Benalmadena; Fuengirola; Torremolinos – 1/2 semanas desde 5980$00
– «Pateo Sevilhano» — sexta a domingo desde 35000$00

Peça programas detalhados
CONTACTE-NOS
Uma porta aberta para todo o Mundo
Reserve com a maior antecedência

FAVOR APRESENTAR VISTOS



Carlos do Carmo canta o «fado do cheirinho» Um novo «single» de Carlos Carmo com duas composições que vão dar que falar — «Fado do Cheirinho» (da dupla Ary-Torda) e o «Kirie» (que a Igreja conservadora não apreciará certamente...) acaba de ser posto à venda, numa iniciativa da Polygram, editora do popular cançonetista

Baby Consuelo e as Frenéticas

As edições discográficas de música brasileira continuam tendo a preferência das várias casas portuguesas em 1979.

Depois de lançar alguns dos chamados «monstros sagrados» da música brasileira, uma editora de Lisboa acaba de pôr à venda o album de Baby Consuelo, «O que vier eu traço». O LP é considerado, desde já, como um dos mais importantes editados no Brasil. Baby Consuelo é a principal vocalista do conjunto os Novos Baianos, que este ano completa 10 anos de actividade musical. «O que vier eu traço» é o primeiro LP a solo da artista.

Por outro lado, o segundo LP das Frenéticas, «Cai da Gandaia» será posto à venda dentro de poucos dias. Este álbum das Frenéticas, bastante diferente do primeiro, foi gravado parte nos Estados Unidos e seu ritmo pode ser considerado dentro da linha «disco-sound».

A 19 E 20

Casa da Imprensa promove teatro para crianças

De colaboração com o Teatro Experimental de Cascais e o Teatro Aberto, a Casa da Imprensa promove nos próximos sábado e domingo, às 11 horas, no Teatro Aberto, dois espectáculos de teatro infantil, integrados no Ano Internacional da Criança.

Ao preço acessível de 30 escudos por bilhete, as crianças poderão assistir à representação da peça de Orlando Neves, «Os brinquedos do Tozé fazem banzé», pelo Teatro Experimental de Cascais.

Desde Dezembro passado que a peça tem sido representada com grande adesão por parte da petizada, em salas de Lisboa e nas escolas do concelho de Cascais, integradas também estas últimas iniciativas nas comemorações do Ano Internacional da Criança.

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Visite os amplos salões onde encontra sempre um livro do seu agrado

O MUNDO DO LIVRO

LARGO DA TRINDADE, 12 - LISBOA
— TEL. 369951

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

EM ÚLTIMAS NA CORNOCÓPIA

E não se pode exterminá-los?

Apesar da afluência do público que diariamente tem esgotado a lotação do Teatro do Bairro Alto para assistir ao espectáculo «E não se pode exterminá-lo?», cenas de Karl Valentin, o Teatro da Cornucópia anuncia para o fim de Maio o final da carreira deste espectáculo.

Karl Valentin nasceu perto de Munique a 6 de Junho de 1882. Estudos primários. Emprega-se como aprendiz de serralheiro. Aos 20 anos começa a frequentar com regularidade a Escola de Variedades de Munique. Estreia-se numa cervejaria em Nuremberga. Em 1909 tem o seu primeiro grande êxito com o monólogo o «Aquário». Encontra em 1913 aquela que irá ser a companheira de toda a sua carreira artística a actriz Liesl Aarlstadt. Durante 35 anos Karl Valentin actua ininterruptamente nos palcos das cervejarias-cabarés e dos grandes teatros de Munique, tendo realizado digressões a Berlim, Viena, Salzburgo. Cedo começou a filmar as suas cenas em filmes nem sempre muito conseguidos mas que são um documento fundamental sobre o actor de génio que ele foi. O advento do nazismo apanha-o no auge da sua carreira que começa a declinar até se reduzir ao silêncio em 1941.

No pós-guerra Valentin trabalha para a rádio. Morre em 1948.

«E não se pode exterminá-lo?» dará lugar no palco do Teatro do Bairro Alto a um novo espectáculo encenado por Luís Miguel Cintra e constituído por uma montagem de cenas de Plauto provisoriamente intitulado «Remotas terras longe destas praias» espectáculo que conta com a interpretação de Alda Rodrigues, Raquel Maria, Márcia Breia, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barrete, Rogério Vieira, Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra.

Televisão

Hoje

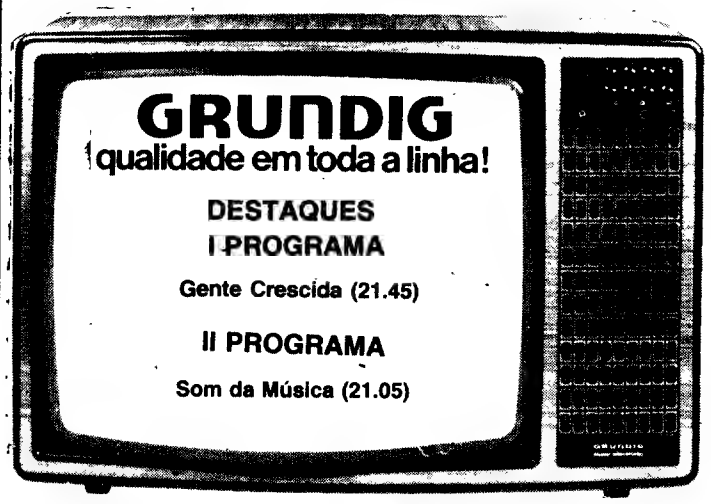
Artur Semedo e Ana Isabel que estão esta noite presentes em Gente Crescida

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – resumo de noticiário nacional e internacional.
18.35 **Riscos e Histórias**
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
19.25 **Desporto Regional**
19.55 **Manuel e Beatriz**
20.00 **Jornal RTP/1**
20.30 **«O Astro»** – mais um episódio.
21.10 **O Tempo**
21.15 **Mota Pinto Pala ao País**
21.45 **Gente Crescida** — Artur Semedo e Ana Isabel
22.10 **O Planeta dos Homens**
23.00 **24 Horas** – restrospectiva do noticiário do dia.
23.15 Fecho

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **7 Dias na Semana** – apresentação de Fernando Assis Pacheco e José Muno Martins.
21.05 **Som da Música** – apresentando Louis Armstrong.
22.00 **Informação/2**
22.30 **Espaço Dramático** – «Entre Marido e Mulher» (2.º episódio).
23.00 Fecho.



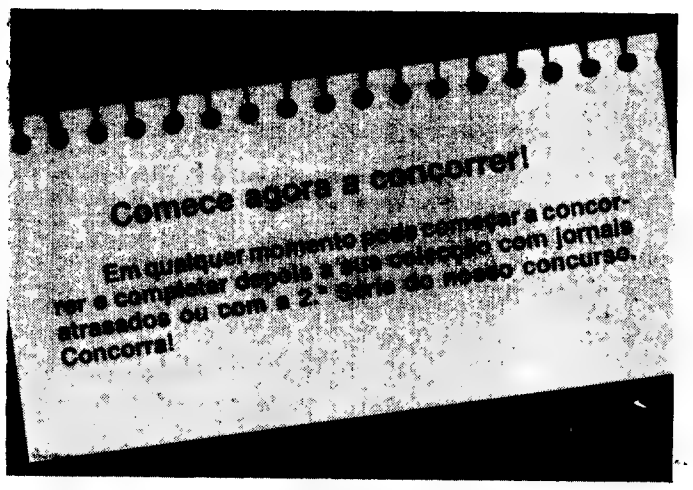
Amanhã

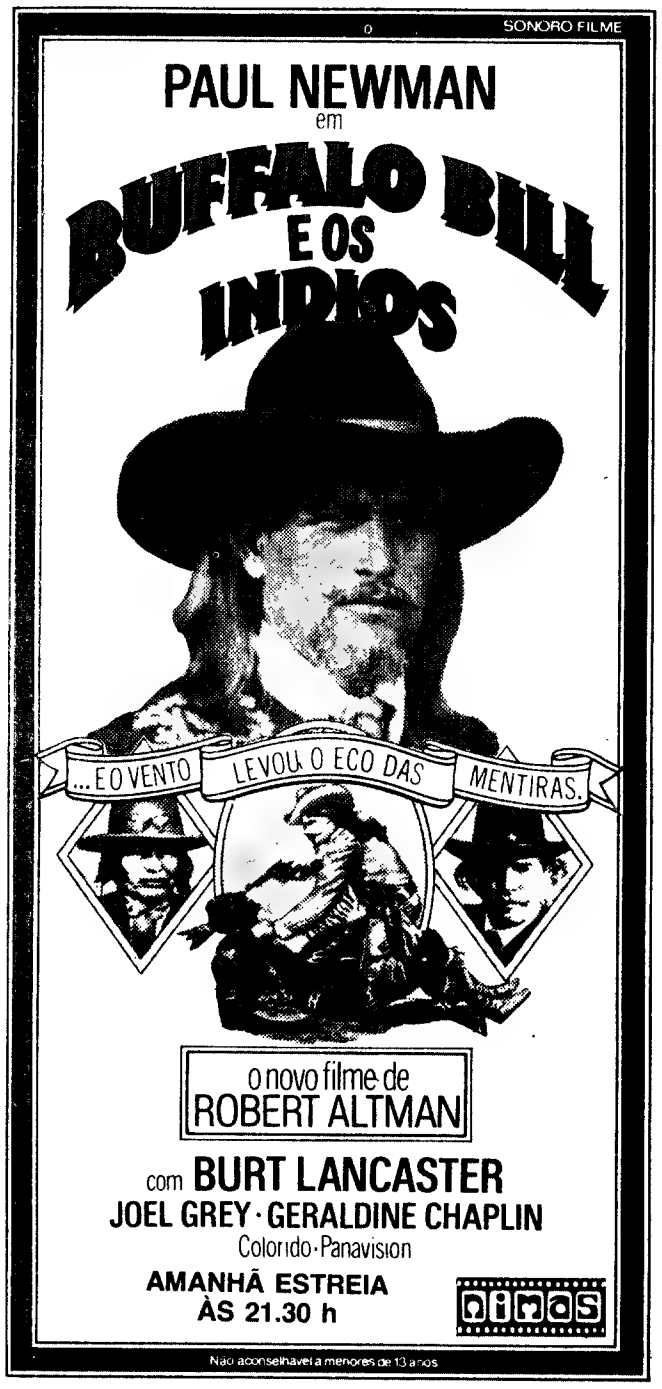
I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; **13.25**: Ciclo Preparatório TV; **18.30**: Sumário; **18.35**: «Rei Autur»; **19.05**: País, País; **19.25**: Ciência a Cada Passo... a Cada Passo Ciência; **19.50**: Manuel e Beatriz; **20.00**: Jornal RTP/1; **20.35**: «O Astro»; **21.10**: O Tempo; **21.15**: Zoom; **21.45**: A Comédia e a Vida – com o filme «Jenny»; **21.10**: 24 Horas; **23.25**. Fecho.

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico; **20.30**: Palavras Herdadas; **21.00**: Comunicar Hoje; **22.00**: Informação/2; **22.30**: Rodésia – petróleo clandestino; **23.00**. Recital – com Olga Pratts; **23.30**: Fecho.





"Grupo de Campolide" reforça-se para "A Noite"

O Grupo de Campolide, para o seu novo espectáculo – «A Noite» de José Saramago – reforçou consideravelmente o seu elenco artístico, tendo entrado para a companhia cinco actores profissionais e dois amadores.

São eles: Henriqueta Maya, Ema Paul, Daniel Garcia, Francisco Costa, Silva Heitor e Joaquim Dionísio.

Henriqueta Maya, actriz das mais destacadas do panorama do Teatro português iniciou a sua carreira há cerca de vinte anos e participou em inúmeros espectáculos de revista e de teatro declamado, tendo ultimamente pertencido ao elenco do Grupo 4. Além disso participou em numerosas peças de teatro radiofónico e televisionado, tendo filmado em 1975 a produção alemã «Reina a tranquilidade em todo o país», do realizador alemão Peter Sielcuthal e com argumento do escritor chileno António Scarmetta, ao lado do actor francês Charles Vannel.

Ema Paul estreou-se há vinte e quatro anos no teatro Apolo, na companhia de Alves da Cunha, na peça «Irmã de S. Sulpício». Ao longo da sua carreira trabalhou com alguns dos mais conhecidos actores portugueses, como: Vasco Santana. Integrou o elenco do Teatro Nacional, onde representou nomeadamente «O Processo de Jesus» de Diego Fabril «Maribel e a sua estranha família» de Miguel Mihura.

Depois do 25 de Abril pertenceu à Cooperativa de Comediantes «Rafael de Oliveira» e trabalhou nas peças «Traição do Padre Martinho» de Bernardo Santareno, a «Mãe» de Brecht, «Histórias com grades» de Osvaldo Dragun e «Os Invasores» de Egon Wolf sendo destas duas últimas a protagonista absoluta. Participou nos filmes «O dinheiro dos Pobres», «O Noivo das Caldas» e o «Trigo e o Joio», em várias peças de Teatro na RTP e na Rádio, trabalhou na adaptação, interpretação, tradução, originais e produção de inúmeras peças e folhetins.

Luís Alberto, António Assunção e Henriqueta Maya

Daniel Garcia iniciou a sua carreira artística em 1940, com 11 anos de idade, como cantador de fados. Em 1948, começou a dedicar-se à actividade que mais o celebrizou: a imitação de canconetistas, fadistas, locutores, actores e personalidades políticas a de relevo na vida nacional. Em 1954 estreia-se no Teatro no espectáculo musicado «Ele aí está», após o que participou em inúmeros espectáculos de revista: Já se deslocou a vários países do mundo representando para emigrantes. Pertence desde 1974 aos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos e o seu ingresso no Grupo de Campolide assinala a sua estreia no teatro declamado.

Francisco Costa estreou-se no teatro amador no Grupo de Campolide na peça «A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha», após o que trabalhou no Teatro da Cornucópia, tendo ingressado no TAS em 1975. Aqui representou textos de José Régio, Moliére, Max Frisch, Almeida Garret. Em 1977 trabalhou com o Centro Cultural de Évora, participando no espectáculo «Medida por Medida» de Shakespeare, encenado por Mário Barradas. Estreou-se como encenador, dirigindo para o TAS «A 10.ª Turista» de Mendes de Carvalho. É actor profissional desde 1974.

Silva Heitor é um actor amador que dedicou quase toda a sua actividade teatral ao Grupo da CNN, onde se estreou em 1964 na peça «A Sapateira Prodigiosa», de Lorca. De então para cá, representou mais de uma dezena de peças naquele grupo. Faz parte da direcção do «Primeiro Acto», em Algés, tendo igualmente participado em alguns dos espectáculos desse grupo. Estreia-se no teatro profissional np próximo espectáculo do Grupo de Campolide.

Finalmente, **Joaquim Dionísio** é um dos actores da secção de amadores do Grupo de Campolide, tendo participado na representação de «D. Quixote Libertado» e «A Sapateira Prodigiosa», ambos encenados por José Martins.

Canção infantil ibero-americana

MADRID – Os detalhes do Primeiro Festival da Canção Infantil Ibero-Americana, organizado pelo ministério espanhol da Educação, dentro do âmbito do Ano Internacional da Criança, foram revelados em Madrid pelos responsáveis pelo evento.

O encontro será patrocinado pela UNICEF e poderão participar crianças de todos os países ibero-americanos do curso primário, com uma canção por país.

O festival terá duas fases, mais ou menos idênticas ao festival da Eurovisão: a primeira será a fase nacional, que se realizará nos países das crianças participantes; a segunda fase, em Espanha, em Novembro ou Dezembro deste ano.

ADFA
GRANDE ESPECTÁCULO
NO COLISEU DOS RECREIOS
14 DE MAIO
2.ª FEIRA — 21.30 HORAS
Festa
do 5.º aniversário
da Associação
dos Deficientes
das Forças Armadas

● ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA ● AMÉRICO FILIPE ● ARY DOS SANTOS ● BARATA MOURA ● CARLOS PAULO ● CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA — LISBOA ● CORO DE CANTARES ALENTEJANOS DA S.F.R.A. — AMADORA ● FRANCISCO FANHAIS ● GRUPO ENIGMA ● HILÁRIO E O S/ CONJUNTO ● JAIME RODRIGUES ● JOÃO ALTER ● JOAQUIM PESSOA ● JOSÉ AFONSO ● JOSÉ CASTANHEIRA ● JOSÉ FANHA ● JOSÉ J. LETRIA ● JOSÉ MANUEL OSÓRIO ● JÚLIA BABO ● MARIA DULCE ● NATÉRCIA AGUIAR ● SÃO FERREIRA ● TINO COSTA ● GRUPO TROVANTE ● VITORINO

Bilhetes à venda no Coliseu e na sede da A.D.F.A. — Largo de S. Domingos

"A MAIOR POLÉMICA CINEMATOGRÁFICA!
a IMORALIDADE está no SEXO
ou nas nossas cabeças?"
Amada Amante
Um filme de CLAUDIO CUNHA
COM SANDRA BRÉA
LUIZ GUSTAVO

COLORIDO
ROGÉRIO FRÓES / NEUZA AMARAL
AMANHÃ ESTREIA
ALVALADE
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

HÓQUEI PATINADO: PORTUGAL, 2-ESPANHA, 1

Cristiano arranca triunfo português

Portugal venceu a Espanha (por 2-1) e conquistou o troféu «Oliveira de La Riba» de hóquei em patins, que se disputou este fim-de-semana em Oviedo (Espanha). No final do tempo regulamentar verificava-se a igualdade a zero golos, e, no prolongamento, Sobrinho e Cristiano marcaram os dois golos do triunfo português. Para os terceiro e quarto lugares, a Itália bateu a Alemanha por 1-0.

O jogo entre Portugal e a Espanha foi dirigido pelo belga Mendael e as equipas alinharam da seguinte maneira:

Espanha: Ismael, Alabart, Villapuig, Giralt, Torres e Torne.

Portugal: Coelho, Vale, Sobrinho, Cristiano e Gomes da Costa.

A vitória dos portugueses assenta-lhes muito bem, pois o melhor hóquei da partida pertenceu-lhes inteiramente, podendo mesmo dizer-se que só por infelicidade Portugal não resolveu a questão durante o tempo regulamentar.

Embora o jogo tivesse sido disputado numa toada de ataque e contra-ataque, o que nem sempre acontece nos encontros entre as duas selecções, é indiscutível que pertenceram à selecção nacional as oportunidades mais flagrantes e em maior número. Como exemplo, poderão referir-se três ou quatro remates que levaram a bola a bater na madeira da baliza de Ismael e uma grande penalidade falhada por Sobrinho, pouco depois deste jogador ter inaugurado o marcador, com uma forte «stickada» desferida do lado direito.

Em desvantagem no marcador, verificou-se uma certa pressão por parte dos espanhóis, mas faltava-lhes clarividência nos momentos de ultrapassar a defesa portuguesa, onde o guarda-redes Coelho se cotava como uma bela exibição.

No entanto (aos 33 minutos), Alabart viria a restabelecer a gualdade, num lance que deixou muitas dúvidas quanto à sua legalidade (pois a bola ficou presa no corpo de Coelho e o árbitro deveria ter assinalado golpe duplo) até que o jogador espanhol conseguiu empurrá-la para o fundo da baliza.

Os portugueses não se desorientaram, continuaram a fazer o seu jogo de muito tecnicismo e trocas de bola, e, embora o marcador tivesse podido voltar a funcionar para o seu lado antes do final do tempo regulamentar, só aos 7 minutos do prolongamento, Cristiano, com um remate de cima para baixo, a passe de Vale, conseguiu o golo do triunfo.

À excepção do lance de que resultou o golo da Espanha, pode dizer-se que a arbitragem do belga Mendael foi bastante boa, num jogo que, embora viril, foi muito correcto.

Porto triunfa em Alvalade

BASQUETEBOL

Alvalade: campeões no ponto de encontro

Dizer que Alvalade foi (ontem) ponto de encontro de campeões, é referir uma verdade, porque o Sporting não deixou de ser ainda o campeão (prémio arrebatado na época passada ao Ginásio) e é dizer «meia verdade» porque o F.C. do Porto, ao vencer naquele pavilhão (em fogo e recinto «agredido» com garrafas) deu um passo decisivo para a conquista do título. Para ajudar o leitor a fazer uma ideia mais correcta do nosso ponto de vista, que «defende», a conquista do título quase assegurada pelo F.C. do Porto, adiantaremos que a turma «azul e branca» recebe no seu recinto o Sangalhos, o Ginásio e o Benfica, enquanto o Sporting atende o Benfica, viaja ao Ginásio e ao Barreirense. Para além de uma vitória mais (que possui) o F. C. do Porto ante os «leões» e os «encarnados» e perante as dificuldades a vencer por uns e por outros, justo é afirmá-lo que o conjunto portuense conquistou «meio ceptro» em Alvalade e o outro meio será consolidado no resto da prova, isto em juízos lineares de lógica...

No outro jogo de ontem, o Sangalhos que, na véspera, fizera a vida cara ao Sporting (onde perdeu por três pontos), foi vencer com certa clareza o Barreirense que, por sua vez, também uma semana antes batera o pé aos «leões». Registos estes que, conjugados, nos «dizem» que o Sporting não está em bom momento e que a sua esmagadora vitória ante o Benfica (125-85) foi mesmo um «acidente».

Mas, também o Benfica parece não estar melhor: depois de bater o Porto, na única derrota dos portistas após a sujeição «vermelha» ao «massacre leonino», os «encarnados» levaram no sábado uma lição de basquetebol perante o Ginásio Figueirense, com o qual perderam por números (91 pontos) que estão acima de quaisquer argumentações ou desculpas de uma equipa vergada ao peso de uma derrota (mais) volumosa.

O F.C. do Porto, triunfando no Barreiro e em Alvalade, ficou alegremente só no comando. Por sua vez, o Sporting foi igualado no número de derrotas (duas) pelo Benfica. Uma coisa importante: os «encarnados» transformaram-se agora no competidor mais directo do Porto, pela sua vitória na Luz perante os «azuis e brancos». Mas, estamos em crer que o Benfica não «tem estofo» (como agora se diz) de campeão.

O Sporting protestou o jogo de basquetebol que disputou com o F.C. Porto, alegando «erro técnico».

No grupo B, o Atlético bateu o Oriental e isolou-se no comando.

O CDUP está mais pegado à 2.ª divisão e o Algés, apesar de ter batido ontem os universitários portuenses, também está com um pé no estribo para ser desalojado do escalão mais credenciado.

Resultados no sábado, na 1.ª divisão: Sporting, 97 - Sangalhos, 94; Barreirense, 75 - F.C. do Porto, 89; Ginásio, 106 - Benfica, 85. Ontem: Sporting, 76 -F.C. do Porto, 79 e Barreirense, 89 - Sangalhos, 99.

Classificação: 1.º, F. C. do Porto, 7 jogos e 13 pontos; 2.º, Sporting, 7-12; 3.º, Benfica, 6-10; 4.º, Sangalhos, 7-9; 5.º, Ginásio, 6-8 e 6.º, Barreirense, 7-8.

Grupo B, no sábado: CDUP -Oriental, 87-93; Atlético - Algés, 84-80; CAC - Conimbricense, 124-84. Ontem: CDUP - Algés, 56-77 e Atlético - Oriental, 91-67.

Classificação: 1.º, Atlético, 7 jogos e 13 pontos; 2.º, Oriental, 7-12; 3.º, Conimbricense, 6-9; 4.º, CAC, 5-8; 5.º, Algés, 6-8 e 6.º, CDUP, 7-7.

No sábado, em jogo disputado na Marinha Grande, o Olivais, tornou-se campeão nacional da 2.ª divisão, ao bater o CDUL, por 100-79. As duas equipas sobem na próxima temporada à 1.ª divisão, por troca com o CDUP e (provavelmente) o Algés.

ANTÓNIO ABEL

VOLEIBOL

SÓ NORTENHOS PARA O TÍTULO

O Técnico e o Benfica, as equipas do Sul que ainda causavam alguns embaraços à supremacia nortenha no campeonato nacional da 1.ª divisão de voleibol, foram ambas vencidas pelo FC do Porto (em Lisboa) e foram totalmente arredadas do caminho do título nacional. Com aquelas vitórias (ambas por categórico 3-0) o FC do Porto continua «colado» ao Leixões, mas a um ponto: mercê das situações de invencibilidade em que prossegue a turma leixonense, por sua vez também fácil vencedora na dupla jornada (9.ª e 10.ª rondas) do fim-de-semana.

O que resta de interesse da prova diz respeito, de futuro, apenas ao Leixões e ao FC do Porto, com os matosinhenses melhor lançados para a conquista do ceptro actualmente de posse da turma portista.

Resultados no sábado: Sp. Espinho – L. Ginásio, 3-0; Leixões – Nac. Ginástica, 3-0; Benfica – FC Porto, 0-3; e Técnico – Esmoriz, 3-2. Ontem: Técnico – FC do Porto, 0-3; Benfica – Esmoriz, 3-0; Leixões – L. Ginásio, 3-0 e Sp. Espinho – Nac. Ginástica, 3-0. Classificação (Todos com 10 jogos): 1.º Leixões, 20 pontos; 2.º FC do Porto, 19; 3.º Técnico, 17; 4.º Benfica, 15; 5.º Sp. Espinho, 14; 6.º Esmoriz, 13; 7.º Nac. Ginástica, 12 e 8.º Lisboa e Ginásio 10.

ANDEBOL

Sporting afasta Belenenses

Disputaram-se os jogos da 5.ª jornada da fase final do campeonato nacional da 1.ª divisão de andebol de sete e o Sporting afastou o incómodo companheiro de comando (Belenenses) ao bater os «azuis» por três golos. A partida fez deslocar ao pavilhão de Alvalade número avultado de assistentes, no quente fim de tarde de sábado, estimulados por um embate que prometia luta viva e indecisa. Em parte essa expectativa foi confirmada, pois lutou-se muito mas, lamentavelmente, do ponto de vista técnico o encontro foi quase medíocre. Até meio da primeira parte, o Belenenses resistiu bem (o resultado estava em 6-6) mas, depois, o Sporting impôs mais velocidade aos seus lances ofensivos: através de contra-ataques muito oportunos, movimentou o marcador e, ao intervalo, vencia já por 12-10. No segundo tempo, o «leão» teve um período de grande fulgor e chegou a uma margem de seis golos de vantagem para pertencer ao Belenenses a última reacção, que serviu apenas para aproximar mais os números. A vitória «leonina» foi absolutamente justa e poderá dizer-se que não se expressou fielmente no resultado a sua superioridade.

As poucas esperanças que o Benfica reunia para lutar pelo título devem ter-se desvanecido no jogo em que os «encarnados» foram batidos (tangencialmente) pelo Passos Manuel, num jogo emotivíssimo, em que qualquer desfecho era possível em face do equilíbrio que sempre existiu.

O Maia foi vencedor, como visitante do vizinho S. Mamede: um golo ficou a separar triunfante de vencido numa partida viril, em que o coração comandou o raciocínio em alguns lances menos «académicos». Mas, tudo terminou em bem.

O Porto confirmou credenciais, como visitante do S. Bernardo. Não mais a turma «azul e branca» sairá da sua cidade e, este factor funciona como «handicap» para os portistas, nos jogos que lhes resta disputar, nomeadamente porque recebem nas Antas os quatro grupos de Lisboa e só têm que se deslocar ao Maia e ao S. Mamede, da mesma região portuense. Está reservado para as Antas (ninguém duvide) o problema do título, nomeadamente quando ali se deslocarem o Sporting e o Belenenses, ambos com apenas dois golos de vantagem no seu activo, o que nos parece pouco para um caso de empate no «goal-average». O Sporting vai à frente (sem derrotas) mas com problemas muito mais difíceis para resolver do que o F. C. Porto. São eles os principais candidatos ao trono.

Resultados: Passos Manuel, 17 - Benfica, 16; Sporting, 21 -Belenenses, 18; Maia, 25 - S. Mamede, 26 e S. Bernardo, 18 -F. C. do Porto, 24. Classificação (todos com 5 jogos): 1.º Sporting, 10 pontos; 2.º Belenenses, 8; 3.ºs, F.C. Porto e Benfica, 6; 5.ºs, S. Mamede e Passos Manuel, 4; 7.º Maia, 2 e 8.º S. Bernardo, 0.

Na prova da 2.ª divisão, o Encarnação está no comando, isolado, após ter vencido tangencialmente o Estefânia (24-23) e, no outro jogo, o Desp. Portugal bateu, com clareza, a Académica de Coimbra (25-8).

INGLATERRA

Liam Brady leva Arsenal a vitória na "Taça"

O «internacional» irlandês Liam Brady forjou os três golos do Arsenal, que venceu o Manchester United por 3-2 e ganhou a «Taça de Inglaterra» em futebol.

Numa das mais emocionantes finais da história do troféu, o Arsenal vencia por 2-0 ao intervalo, mas o Manchester United reagiu e igualou a partida com dois golos nos últimos quatro minutos. Logo de imediato, porém, Liam Brady conduziu o ataque do Arsenal para o golo da vitória, marcado por Alan Sunderland.

Perto de 100.000 espectadores assistiram à excelente exibição de Liam Brady, que foi o grande obreiro da vitória dos «Gunners».

Aos 12 minutos, Brady passou por três defesas do Manchester United e cedeu a bola a David Price, que provocou a saída do guardião Bailey. Price centrou para o meio da grande área onde Brian Talbot rematou a contar. Há um ano, Talbot foi um dos jogadores que levou o Ipswich à vitória (por 1-0) sobre o Arsenal na final da «Taça de Inglaterra». Talbot torna-se, assim, o primeiro jogador a ganhar o troféu em dois anos consecutivos por clubes diferentes.

Dois minutos antes do intervalo, Brady desfeiteou novamente a defesa dos «diabos vermelhos». Brady avançou pelo lado direito e executou um centro perfeito para a área de «penalty», onde Frank Stapleton (com um remate de cabeça), marcou o segundo tento do Arsenal.

Na segunda parte, o Manchester United lançou-se abertamente no ataque, mas a defensiva do Arsenal resistiu até quatro minutos do termo do encontro. Foi então que os «diabos vermelhos» marcaram o primeiro golo por intermédio de Gordon Mcqueen, a passe de Joe Jordan. No minuto seguinte, Sammy Mcilroy entrou na grande área pelo lado direito passou por dois defesas e encaminhou a bola para a baliza quando Pat Jennings saía ao seu encontro, marcando assim o golo do empate. Faltavam três minutos para o fim do encontro, tudo parecendo indicar que haveria necessidade de se recorrer ao prolongamento de 30 minutos: mas, de novo Liam Brady mostrou o seu talento. O médio irlandês irrompeu pelo centro do terreno, arrastando atrás de si a defesa do United. Brady passou para Graham Rix, desmarcado na extrema-esquerda, que centrou de imediato para junto ao poste mais longe, onde Alan Sunderland rematou a contar.

Foi a quinta vez que o Arsenal ganhou a «Taça de Inglaterra»: os seus anteriores triunfos na competição foram em 1930, 1936, 1950 e 1971.

Rice, o «capitão» do Arsenal, jogou a sua quarta final ao serviço do vencedor: em 1971 esteve na equipa que ganhou ao Liverpool, mas em 1972 perdeu frente ao Leeds e em 978 frente ao Ipswich. Só outro jogador alinhou por quatro vezes em Wembley, na final da «Taça de Inglaterra»: David Jack, que o fez duas vezes pelo Bolton e duas vezes pelo Arsenal, entre 1923 e 1930. Mas um guarda-redes chamado Lawrence, do Newcastle, esteve presente em cinco finais, antes da primeira Grande Guerra, quando a final da competição era disputada em Crystal Palace.

Sob a direcção de Ron Challier, as equipas alinharam:

ARSENAL: Pat Jennings; Pat Rice («capitão»), Sammy Nelson, David O'Leary e Willie Young; David Price, Brian Tabolt, Liam Brady e Graham Rix; Alan Sunderland e Frank Stapleton. Substituição: Steve Walford por Price (85 minutos).

MANCHESTER UNITED: Garry Bailey Nichol, Arthur Albiston, Gordon Mcqueen e Martin Buchan («capitão»); Steve Coppell, Lou Macari, Sammy Mcilroy e Micky Thomas; Jimmy Greenhoff, Joe Jordan. Substituto não utilizado: Brian Greenhoff.

CORRIDA DA PAZ

Rua: o melhor

O soviético Serguei Sukorutchenkov, venceu ontem a 4.ª etapa da «Corrida da Paz», prova ciclista que uniu Dubnica Nad Vahom a Banska Bystrica, numa distância de 187 km.

Sukorutchenkov passou a envergar a «camisola amarela.»

Classificação dos ciclistas portugueses: 17.º - Alexandre Rua; 23.º – Marco Chagas; 33.º – Luis Teixeira; 43.º – Alfredo Gouveia; 45.º – Adelino Teixeira; 54.º – Belmiro Silva. Classificação geral (dos portugueses); 25.º – Alexandre Rua: 15 h 00 53; Luis Teixeira: 15 01 53; 41.º – Belmiro Silva: 15 05 25; 44.º – Adelino Teixeira: 15 05 46; 45.º – Alfredo Gouveia: 15 05 47

Classificação das equipas após a 4.ª etapa: 1.º – URSS, 44 h 53 m 28 s; 2.º – Bulgária 44 58 42; 3.º – Checoslováquia 44 58 45; 4.º – RDA 44 59 48; 5.º – Polónia 45 00 24; 6.º – França, 45 82 86; 7.º – Portugal 45 32 16; 8.º - Suiça; 9.º – Belgica; 10.º – Roménia. Ultima: 17.º – Jusgoslávia, 46 56 08.

TV Mundial INFORMA

A. VISEU-BEIRA-MAR	2
BARREIRENSE-FAMALICÃO	2
PORTO-ESTORIL	1
BENFICA-GUIMARÃES	1
BRAGA-SPORTING	X
BELENENSES-BOAVISTA	2
MARITIMO-VARZIM	1
ACADÉMICO-SETUBAL	X
VIANENSE-ESPINHO	2
RIO AVE-PENAFIEL	1
U. TOMAR-U. LAMAS	1
SACAVENENSE-ATLÉTICO	X
PORTIMON.-JUVENTUDE	X

Famalicão e Boavista: palmas para a gente do Norte

A 26.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª Divisão não provocou alterações profundas na tabela classificativa, já que os dois comandantes venceram os encontros que disputaram em «casa», mantendo-se com o mesmo número de pontos.

O FC Porto, recebendo o Estoril, deparou com uma defensiva muito bem organizada, que apenas foi batida em dois lances: aos 22 minutos, por Gomes; aos 89 por Vital. De qualquer forma e apesar do segundo golo dos «portistas» só ter surgido a um minuto do final, o triunfo destes foi amplamente merecido, ficando os seus dianteiros a deverem a si próprios um elevado número de oportunidades que foram desperdiçando.

Em Lisboa, o Benfica começou por sofrer um golo do Vitória de Guimarães, logo aos 14 minutos (da autoria de Mané) e pensou-se que os lisboetas iriam encontrar tremendas dificuldades para vencer. No entanto, no curto espaço de dois minutos (aos 28 e 30) Reinaldo e Nené colocaram o Benfica a ganhar, vindo a aumentar a vantagem aos 55 minutos, com um golo do seu defesa central, Humberto Coelho. Todavia, os visitantes ainda reduziram a diferença para 2-3, aos 77 minutos, por intermédio de Almiro.

O Sporting, na terceira posição, foi a Braga (um campo muito difícil) conquistar um ponto, enquanto os bracarenses foram os únicos a pontuar do lote de equipas interessadas no quarto lugar, que dá acesso a uma competição europeia. O Braga dominou durante quase todo o encontro, mas o Sporting adiantou-se no marcador, aos 45 minutos, (com um golo de Jordão) e o tento da igualdade só viria a surgir aos 89 minutos, numa recarga de Chico Gordo.

O Vitória de Guimarães, por força da derrota frente ao Benfica, está agora com menos um ponto do que o Braga, ocupando o quinto lugar, mas na próxima jornada recebe os bracarenses no seu estádio, num encontro que pode ser decisivo para a atribuição da desejada entrada na Europa.

A luta pela fuga à despromoção ganha cada vez maior emoção, embora já se saiba que o Académico de Coimbra e o Académico de Viseu estão condenados. Falta conhecer as outras duas equipas que os acompanharão na descida e o Barreirense, com a derrota sofrida em «casa» com o Famalicão, comprometeu muito as suas possibilidades. Ao invés, o Famalicão deu um passo muito importante na fuga à despromoção e conseguiu a notável proeza de marcar cinco golos no campo do Barreirense. Este foi o primeiro a marcar por Arnaldo (logo aos 3 minutos) mas até ao intervalo o Famalicão obteve três golos por Palheiras (13 minutos), Lula (14) e Rufino (36), contra mais um de Júlio (45). No segundo tempo, Jacques (aos 57 e 86 minutos) elevou a contagem para 5-2 e o Barreirense apenas conseguiu amenizar o desaire com o terceiro golo marcado, de novo, por Júlio, a um minuto do tempo da partida.

O Marítimo, vencendo o Varzim com um golo de Arnaldo (aos 13 minutos) também viu ligeiramente aliviada a sua situação, surgindo em pior situação o Beira-Mar, apesar de ter ido ao campo do último (O A. Viseu) vencer por 3-0, com golos de Teixeira, na própria baliza (25 minutos), Garcês (60) e Germano (63).

Finalmente, em jogos sem grande influência na classificação, o Académico de Coimbra e o Vitória de Setúbal empataram a zero golos e o Boavista foi vencer o Belenenses, no seu próprio campo, por 4-2.

Golos com fartura no Barreiro

O Belenenses foi o primeiro a marcar (aos 41 minutos) por Lincoln e dois minutos depois Jorge Gomes empatou para, mais dois minutos volvidos, o mesmo Lincoln voltar a colocar a sua equipa na posição de vencedora. Na segunda parte os visitantes marcaram mais três golos por Albertino (55 minutos), Jorge Gomes (67) e Júlio (82), obtendo um triunfo que não se esperava tão fácil depois do resultado ao intervalo.

ESCALÃO 2

No campeonato da 2.ª divisão, a nota mais destacada foi morar na zona Centro, onde a derrota do União de Lamas possibilitou ao União de Leiria regressar ao topo da classificação. Resultados:

ZONA NORTE: Paredes-Gil Vicente, 0-1; Lourosa-Leixões, 2-0; Tadim-Salgueiros, 2-2; Fafe - Aves, 1-0; Riopele - Chaves, 1-0; Paços de Ferreira - Aliados, 1-0; Vianense - Sp. Espinho, 0-3; e Rio Ave - Penafiel, 2-1. CLASSIFICAÇÃO: 1.° SP ESPINHO, 44 pontos; 2.° Rio Ave, 43; 3.° Fafe, 39; 4.° Penafiel, 37; 5.° Riopele, 34; 6.° Leixões, 32; 7.° Salgueiros, 29; 8.° Paços Ferreira e Lourosa, 28; 10.° Paredes, 26; 11.°, Chaves, 25; 12.° Gil Vicente, 24; 13.°, Vianense, 21; 14.° Aves e Tadim, 13; e 16.° Aliados do Lordelo, 12.

ZONA CENTRO: Sp. Covilhã -Águeda, 0-0; Feirense - U. Coimbra, 6-3; Caldas - Portalegrense, 0-0; Torriense - Marinhense, 2-0; U. Leiria - U. Santarém, 7-0; E. Portalegre - Peniche, 2-2; U. Tomar - U. Lamas, 2-0; e Oliveira do Bairro - Alba, 2-0. CLASSIFICAÇÃO: 1.° U. LEIRIA, 42 pontos; 2.° U. Lamas, 41; 3.° Feirense, 35; 4.° E. Portalegre, 29; 5.° Portalegrense, 28, 6.° U. Santarém, U. Coimbra e Sp. Covilhã, 27; 9.° Marinhense; 10.° U. Tomar e Oliveira do Bairro, 25; 12.° Águeda e Peniche, 24; 14.° Alba e Caldas, 22; 16.° Torreense, 22.

ZONA SUL: Montijo - 0 Elvas, 0-2; Amora - Sp. Farense, 1-1; Odivelas - Nacional, 0-2; Sacavenense - Atlético, 0-0; Cova da Piedade - Almada; 1-2; Portimonense - Juventude, 0-0; Olhanense - Seixal, 4-2; e Sarilhense - CUF, 1-0. CLASSIFICAÇÃO: 1.° PORTIMONENSE, 44 pontos; 2.° Juventude, 42; 3.° Montijo, 35; 4.° Amora, 33; 5.° Nacional, 31; 6.° Cova da Piedade e Olhanense, 28; 8.° Seixal e Sp. Farense, 26; 10.° CUF, Sacavenense e «O Elvas», 25; 13.° Atlético, 23; 14.° Sarilhense e Almada, 22; e 16.° Odivelas, 9.

ESCALÃO 3

O torneio da 3.ª divisão teve (por igual) mais uma rodada. Desfechos:

Série A: Bragança-Forjães, 3-1; Monção - «Os Limianos», 2-0; Merelinense - Abambres, 3-0; Vizela - Joane, 3-1; Vila Real - Cabeceirense, 3-0; Ribeirão - Prado, 1-1; Mondinense -Tirsense, 0-1; e Mogadourense - Mirandela, 0-1. O Bragança comanda com 45 pontos.

Série B: Infesta-Avintes, 2-2; Bustelo Valonguense, 1-3; Paços Brandão - Freamunde, 0-0; Oliveirense - Sp. Lamego, 1-1; Régua - Leça, 2-3; Valecambrense - Sanjoanense, 1-2; Avanca - Vilanovense, 1-0; e Leverense - Amarante, 1-2. Oliveirense comanda a série com 46 pontos.

Série C: Alcains-Anadia, 0-0; Naval - Molelos, 3-1; Ançã - Os Vilanovenses, 1-1; Tocha - Acurede, 3-0; Guarda - Quiaios, 3-2; Gouveia - Febres, 1-3; Tondela -Mangualde, 0-0; e Viseu e Benfica - Vildemoinhos, 0-0. O Mangualde mantém-se no comando com 38 pontos.

Série D: Alcobaça-Mirense, 5-0; Desp. Castelo Branco - Matrena, 4-0; Bombarralense - Torres Novas, 3-2; Cartaxo - Marrazes, 1-1; Nisa Benfica - Amiense, 5-0; Alcanenense - Rio Maior, adiado por falta de policiamento; Eléctrico - Bf. Castelo Branco, 0-2; e Campomaiorense - Nazarenos, 1-1. O Ginásio de Alcobaça é o guia desta série com 44 pontos.

Série E: Lusitânia-S.L. Olivais, 2-2; E. Amadora - União, 1-0; Pero Pinheiro - E. Vendas Novas, 1-0; Os Bucelenses - Desp. Olivais, 2-3; Alcochetense - Loures, 5-2; Vitória - Casa Pia, 7-0; Sintrense - Unidos, 0-1 (jogo interrompido aos 22 minutos por invasão de campo); e Oriental - Alverca, 0-1. O Oriental continua a comandar a série com 39 pontos.

Série F: Comércio Indústria-U. Santiago, 0-1; Paio Pires - Esperança, 0-1; Lusitano Évora - Sesimbra, 3-1; Serpa - Silves, 3-2; Odemirense - Lusitano de Vila Real de Santo António, adiado devido a acidente da equipa de Vila Real; U. Montemor - Aljustrelense, 0-0; Quarteirense - Desp. Beja, 1-1; e Vasco Gama - Luso, 4-2. O Lusitano de Évora comanda com 46 pontos.

INICIADOS

Por seu turno, para a «Taça Nacional de Iniciados» eis os derradeiros «placards» da fase inicial do torneio:

Série A: Friestense - Mirandela, 1-1; e Vila Real - Sp Braga, 0-1. 1.° Braga, 12 pontos.

Série B: Sp. Espinho-FC Porto, 1-0; e Leixões-Avintes, 2-2. 1.° FC Porto, 7 pontos.

Série C: Repesenses - Celoricense, 1-0; e Anadia - U. Coimbra, 4-1. 1.° Anadia, 7 pontos.

Série D: Águias - Marrazes, 0-1; e Marinhense-Académico, 1-0. 1.° Académico, 8 pontos.

Série E: Alferrarede-Castelo Branco, 2-2; e Portalegrense-Eléctrico, 3-1. 1.° Alferrarede, 10 pontos.

Série F: Benfica-Cascais, 5-1; e Belenenses-Vialonga, 1-0. 1.° Benfica, 10 pontos.

Série G: Montijo-Sporting, 3-2; e Cova da Piedade-Juventude, 6-0. 1.° Sporting, 9 pontos.

Série H: S. Luis - Portimonense, 2-0; e Zona Azul-Moura, 1-1. 1.° S. Luís, 7 pontos.

DOMINGO HÁ TAÇA

27.ª jornada (dia 27): V. Setúbal-Académico de Viseu, Beira-Mar-Barreirense, Famalicão-FC Porto, Estoril-Benfica, V. Guimarães-Sp. Braga, Sporting-Belenenses, Boavista-Marítimo e Varzim-Académico de Coimbra. No próximo domingo disputam-se os jogos das meias-finais da Taça de Portugal: Fafe-Sporting e SP. Braga-Boavista.

AZAR BELENENSE

Para além da derrota em jogo, mau rescaldo do Belenenses perante o Boavista: Cepeda sofreu derrame na coxa esquerda. Por seu turno, Delgado (que não alinhou) vai ser submetido a intervenção cirúrgica a um joelho.

CLASSIFICAÇÃO

		J	V	E	D	G	P
1.°	FC Porto	26	17	8	1	51-17	42
2.°	Benfica	26	20	2	4	63-18	42
3.°	Sporting	26	14	8	4	37-18	36
4.°	Braga	26	13	4	9	40-31	30
5.°	Guimarães	26	12	5	9	41-32	29
6.°	Varzim	26	9	8	9	26-27	26
7.°	Belenenses	26	9	7	10	43-37	25
8.°	Estoril	26	8	9	9	24-34	25
9.°	Boavista	26	11	3	12	34-34	25
10.°	V. Setúbal	26	9	6	11	28-35	24
11.°	Marítimo	26	9	5	12	29-33	23
12.°	Famalicão	26	9	5	12	25-32	23
13.°	Beira-Mar	26	10	1	15	40-47	21
14.°	Barreirense	26	7	6	13	22-39	20
15.°	Académico	26	4	6	16	16-37	14
16.°	Ac. Viseu	26	5	1	20	12-60	11

Estoril evitou até onde conseguiu

F. C. PORTO, 2-ESTORIL, 0

Febre do título entontece

FERNANDO ALBERTO

Não fora aquele atraso importante de Peixoto para Abrantes, aos 24 minutos, e a esta hora, provavelmente, muito mais haveria que contar do jogo realizado ontem à tarde, nas Antas, debaixo de um calor escaldante.

Há quem diga que os portistas estiveram como «credo a boca» durante 86 minutos. Isto é: enquanto o marcador se manteve teimosamente no 1-0, não obstante as facilidades (e muitas foram) concedidas pelos estorilistas ao longo de todo o encontro. Poder-se-á perguntar qual a razão por que os portistas, apesar das tais facilidades, não descansaram durante quase hora e meia: embora parecendo um paradoxo, a verdade é que os «azuis e brancos» só a quatro minutos do fim respiraram fundo, e tranquilizaram a sua massa associativa.

Acontece que o Estoril apresentou-se nas Antas com um figurino táctico que, logo à partida se viu, estava recheado de «veneno» e visava causar qualquer surpresa, muito embora se possa dizer também que tal sistema, compreensível até um certo ponto, acabou por reverter emprejuízo evidente para a equipa da Costa do Sol. Vejamos: praticamente durante os 90 minutos, o Estoril manteve sempre um «5x4x1», em que o quarteto do meio-campo funcionava para o ataque. Ora, se o sistema se aceita enquanto o marcador não funcionou, o mesmo já não se poderá dizer em relação ao período que se seguiu à obtenção do primeiro golo por parte dos portistas.

De facto, independentemente de todas as justificações que nos possam dar, temos para nós que não há motivo para uma equipa continuar a defender e (pior ainda) a «queimar tempo» quando o resultado só serve os interesses do adversário. Pois isso aconteceu no Estádio das Antas: o Estoril, mesmo depois de ter oferecido o primeiro golo ao seu opositor, continuou apostado em defender qualquer coisa que, francamente, não vislumbrámos. É possível que José Torres tivesse qualquer trunfo para jogar: o que não aconteceu.

O que ia sucedendo é que o Estoril, mercê da sua disposição, podia ter saído das Antas vergado ao peso de uma «goleada» que, por diversos factores, ficou aidada. Bastaria que Gomes estivesse em dia sim e transformasse (digamos) setenta por cento das oportunidades de que dispôs. Houve, por conseguinte, uma nítida supremacia dos «azuis e brancos», que não teve a devida correspondência no marcador, sobretudo no quarto de hora que antecedeu o intervalo e ao longo do segundo tempo. Com o tal golo «oferecido» por Peixoto a Gomes, o F. C. Porto sentiu-se estimulado para outro rumo que não aquele pelo qual o jogo tinha enveredado até aí. A verdade, porém, é que o intervalo chegou sem que o marcador voltasse a funcionar.

No período complementar, tendo em conta o desgaste do primeiro tempo e os efeitos do calor escaldante, o F. C. Porto imprimiu ao seu jogo uma toada mais repousante: mas, ao mesmo tempo, mais acutilante para o extremo reduto dos visitantes. A entrada de Vieira para o lugar de Teixeira (no início do segundo tempo) veio colmatar uma falha evidente na turma portista: o apoio ao ataque que Gabriel (ausente) costumava dar e Teixeira não deu. Pelo flanco direito (primeiro) e, também, pelo lado de Murça (depois) o F. C. Porto passou a canalizar um maior caudal de jogo atacante, na mira de conseguir o golo da tranquilidade: que só apareceu a quatro minutos do fim. Enquanto isto, Fonseca era um mero espectador, chamado a intervir, apenas, em alguns (poucos) «cantos» e num lance, aos 60 minutos (esse, sim, bastante perigoso).

Nos dez minutos finais, quando se esperava que o Estoril (que tinha feito duas substituições quase simultâneas a dar a entender que iria forçar o empate) fosse alterar o seu sistema e «queimar os ultimos cartu-

Continua na pág 21

ACIDENTE DE VIAÇÃO COM LUSITANISTAS

A equipa de futebol do Lusitano de Vila Real de Santo António sofreu um acidente de viação quando o autocarro em que se transportavam para Odemira, onde jogariam a contar para a 3.ª divisão nacional, se despistou à entrada de Alte. Do acidente resultaram ferimentos ligeiros na maioria dos atletas e acompanhantes, os quais, transportados ao hospital de Faro, recolheram a suas casas após tratamento. Mais grave é o estado do condutor da viatura, o qual foi transferido para o hospital de S. José em Lisboa. Trata-se de Edmundo Fernandes da Fonseca, que sofreu fractura do fémur e outras lesões.

No Hospital de Faro, receberam curativo os seguintes jogadores: Vítor Manuel Ramos Filipe, Manuel Feliciano Gonçalves, Joaquim Mendes Faria, João Manuel Gomes, João Manuel Fernandes, Emílio Baptista Arsénio e Francisco Patrício dos Mártires.

Adeptos do Marítimo carregam a cruz

FUNCHAL, 14 – Meia hora antes do Marítimo-Varzim (1-0), três adeptos da equipa madeirense levaram até ao centro do terreno uma cruz ornamentada com flores. A cruz tinha cerca de três metros de altura.

Fosse por influência da Fé ou não, o certo é que o Marítimo (de Oliveira) somou mais uma vitória. E nem a circunstância de o Varzim ter alterado o equipamento ao intervalo lhe valeu.

Registe-se que a equipa do Varzim jogou toda a primeira parte com equipamento preto, e, na segunda, apareceu depreto e branco, «para fugir ao amuleto do Marítimo» – segundo a assistência, que enchia o Estádio dos Barreiros.

BENFICA, 3-GUIMARÃES, 2

Sombra e água fresca

Comentário por NEVES DE SOUSA

Desfalcado, por castigo federativo, de unidade altamente preponderante (Alves, que se diz estar já com um pé no Bordéus), sem poder contar com Alberto e Alhinho (lesionados), actuando debaixo de um calor dos demónios, com o bichinho de orelha encostado lá longe, no Estádio das Antas, bem poderá dizer-se que o Benfica partiu para um sacrifício digno de pagador de promessas na tarde encalorada de ontem, quando (na Luz, a meia bilheteira) senhoras e crianças, em torrente, eram recolhidas pelos bombeiros, inanimadas e sem pitada de força, tanto o sol e tamanha a temperatura. Se o termómetro era, por si, um óbice trementdo para o jogo dos benfiquistas ser rendilhado e belo, verdade se diga (por igual) que os nervos da obrigatória-vitória – que – se – precisa também em nada ajudavam. Para cúmulo até o parceiro de função era daqueles para quem todo o cuidado é pouco: como se viu.

À boca bem aberta falava-se em prémios chorudos que andam por aí em equação: 100 contos para cada jogador do clube que vencer o Porto, metade (modéstia maior) para cada homem do «onze» que conseguiu derrubar o Benfica. Dinheiro, é bom que se saiba, que não sai das tesourarias: é sempre dado por «um abnegado grupo de sócios», que tem manias assim de comemorar a sua boa vivência no país real em que estamos espartilhados.

Não terá sido pelo acicate das 50 Donas Marias que o Vitória de Guimarães chegou a criar cabelos brancos em Mortimore: havia, também, uma questão de prestígio a manter por Mário Wilson e o óptimo técnico das Áfricas, já no Benfica-79, não queria (nem por sonhos) que se aventasse a hipótese de ter entrado rendido no palco que voltará brevemente a ser seu. Se maior prova de honestidade fosse necessária, ela aí está: os comandados pelo grande «capitão» comportaram-se como valentes, batendo o pe´ao Benfica, onde valeria a graça, o talento e o «charme» futebolistico desse pequeno genial que e Chalana para (finalmente e após larga esgrima) surgir o triunfador do duelo.

Futebol a cinco à hora, Bento a pensar no (magnífico) convite recebido para se transferir para o Feyenoord, Wilson filho a deitar contas à vida, certo de que não quer continuar na Luz em comprometimento a papá-treinador. Depois, uma toada lenta, arrastada, mortiça: luzita bruxuleante que adormeceu a plateia, provocando-lhe reacções díspares, que iam da vaia aos **meninos dos próprios olhos** à ovação (por vezes despropositada) a tudo o que faziam os minhotos do coração ao alto.

Romeu dava o lamiré do Vitória: jogava como se estivesse numa final, como se tivesse obrigação de demonstrar (a antigos patrões) porque tem valor de sobra para bem servir o novo emblema que é rei nas Antas. Subitamente, uma distensão tira-o do espectáculo, precisamente quando o Guimarães (com dez unidades) abria o activo e uns largos milhares de benfiquistas desatavam a abrir a boca de espanto.

Tudo acabaria por se reconciliar com os sonhos encarnados, graças à saída de Romeu e ao ascendente de Chalana sobre toda aquela gente, desbaratada como lâmina defesas e médios, vergastando todo o público à sua classe e obrigando, com centros e «raids», os colegas a fazerem golos. Que lá foram aparecendo, especialmente porque (nunca se rendendo) o guarda-redes e os centrais e lateral direito do Vitória estavam com moleza no corpo e com mais vontade de sombra e água fresca do que em acertar na borracha nos instantes cruciais.

Evidentemente que houve uma estranha contemplação benfiquista ao comando do fio de jogo frequentemente assumido pelos vimaranenses: mas isso talvez tenha de levar-se em linha de conta ao esforço que tantos deles tiveram de fazer em Oslo, para suportar uma carga de brigada pesada que era incomparavelmente mais veloz e turbulenta que aqueles passinhos miúdos (viperinos, embora) de Manaca e Ferreira da Costa, Almiro e Mané, Mundinho e do já arrumado Romeu, que foram, mesmo assim e ao longo dos 90 da praxe, o quebra-cabeças para uma águia de asa ferida pelo tento de abertura que demorara a resgatar.

Reinaldo remata perante conformismo de Manaca

Toni e Sheu, os pontapés de Wilson à rede contrária logo que foi colocado no autêntico flanco em que sabe labutar (direito), mais a persistência do bom Reinaldo e o entúsiasmo do aplicado Pereirinha, ajudaram Chalana no que lhes foi possível. Porque, para evitar sucesso rápido do Benfica, esteve lá o árbitro farense César Correia, que, parecendo apostado em desmentir fama que corre por aí, prejudicou os rubros em foras-de-jogo e «cantos», marcou «livres» contra o ponto de vista de toda a gente e teve até o desplante de sorrir para a bancada depois de ver as asneiras do colega Luís Frade.

Foi (não há dúvida) um saldo de fim de estação. Apenas que impregnado de toda a emotividade conferida pela luta directa em torno de um título que, como capitosa morena, tão depressa faz negaças ao azul como ao vermelho. Até ver, pois claro, que o lavar dos cestos e a abalada para as ondas já bate à porta de profissionais esgotados até à medula pelo vicioso círculo em que têm a sua enxada: treino, estágio, viagem, jogo, aplauso, vaia e tudo novamente a voltar ao princípio, como a própria terra em que vão desfilando até tombarem no esquecimento mais prolongado.

Árbitro: César Correia (Faro), que esteve mal e foi pior acolitado por Luís Frade e Odílio Raimundo.

Benfica: Bento, Pietra, Humberto, Coelho, Eurico e Bastos Lopes (Pereirinha); Toni, Mário Wilson e Shéu; Nené, Reinaldo (Cavungi) e Chalana.

V. Guimarães: Melo; Ramalho, Manaca, Torres e Alfredo; Soares (Pedroto) Abreu e Almiro; Romeu (Mundinho), Ferreira da Costa e Mané.

Golos: Mané (15 m), Reinaldo (29), Nené (31), Humberto Coelho (57) e Almiro (77 m).

ANTAS: JOGO ATÉ AO FIM

Deslize do Estoril: Gomes em jogo, remate (ainda afastado) e «tiro» fatal, logo comemorado pelo colega Vital

Continuação da pág. 20

chos», tal não aconteceu. Nesse lapso de tempo, foram ainda os portistas a comandarem as operações, embora quase a passo: e a lograrem a obtenção de um golo que se ajusta perfeitamente ao desenrolar da partida. Um golo que, como dissemos, manteve em «suspense» não só os que assistiam ao jogo nas Antas como aqueles (quiçá a maioria) que estavam noutras paragens. Aliás, deve referir-se que os golos do Guimarães, na Luz, sobretudo o primeiro, foram especialmente saudados pelos sócios e simpatizantes do F. C. Porto, na altura, ainda, à espera que o marcador funcionasse.

Boa arbitragem de Manuel Vicente.

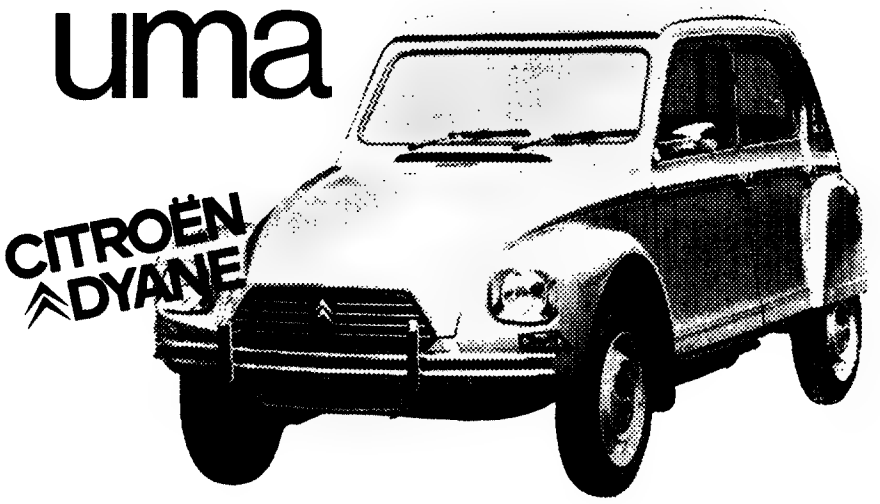
Árbitro: Manuel Vicente (Vila Real), auxiliado por Carlos Teles (bancada) e Joaquim Fonseca (arquibancada).

F.C. PORTO: Fonseca; Teixeira (Vieira, na 2.ª parte), Simões, Lima Pereira e Murça; Frasco (Sérginho, aos 88 m), Rodolfo e Duda; Oliveira, Gomes e Vital.

ESTORIL: Abrantes; Franque, Paris, Amílcar e Peixoto; José Torres, Fernando (Salvado, aos 60 m), Vitinha (Galhofas, aos 76 m), José António e Fernando Martins; Fonseca.

Marcadores: Gomes (24 m) e Vital (86 m). Cartão amarelo ao massagista do Estoril (88 m).

habilite-se esta semana à oferta de uma



concurso 39
de 20 de Maio
1 X
TOTOBOLA
Jogue 8 ou mais apostas por bilhete
INFORME-SE NAS AGÊNCIAS
DC 1 — PUBLICIDADE

ROTEIRO CULTURAL

Que ninguém se espante por não haver hoje inauguração de exposições. Como temos dito inúmeras vezes, é raro, entre nós, haver inaugurações às segundas-feiras. Podemos, aliás, dizer que no momento presente nem sequer precisamos de inaugurações novas para que os

Carlos Calvet expõe, presentemente, na «Dinastia» — umaexposição que ninguém deverá perder

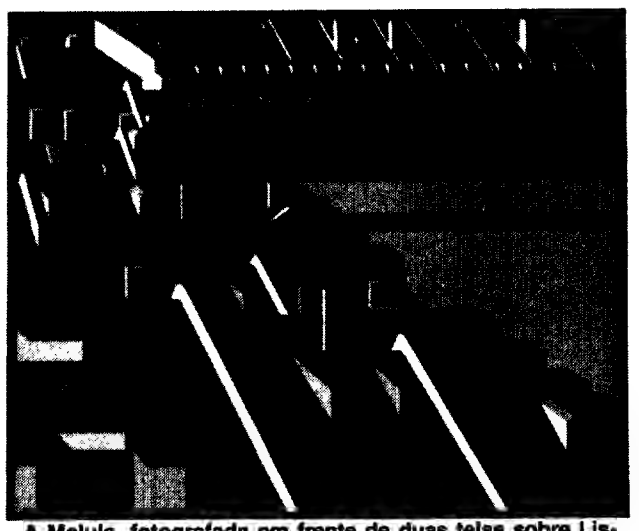
amadores de belas-artes tenham «coisas a fazer», dado haver muita coisa a ver em Lisboa.

Comecemos, hoje, pela exposição de Carlos Calvet, patente ao público na «Dinastia» (Rua da Escola Politécnica, 183) desde o dia 10. Trata-se, incontestavelmente, de uma exposição importante tanto pelo valor intrinseco das obras expostas, como pelo que ela representa no evoluir da vida artística de um pintor que é um dos casos mais sérios da moderna pintura portuguesa. Voltamos a repetir que este Roteiro Cultural não tem pretensões críticas – o seu objectivo é divulgar e, na medida do possível, levar os seus leitores às galerias – mas talvez não andemos muito longe da verdade se afirmarmos que uma das principais características da pintura de Carlos Calvet é a seriedade. Nada do que Carlos Calvet pinta se destina a «épater le bourgois» e cada uma das suas pinceladas é fruto de uma procura difícil, de um balanço estudado entre muitos valores só perceptíveis através de um exame prolongado de cada uma das suas telas. Há, ainda, para além de tudo isto, na pintura de Carlos Calvet, um espírito de aventura – exactamente: espírito de aventura – pouco frequente e esse espírito de aventura comunica-se ao público. Estar perante um quadro de Calvet é viver uma aventura que os leitores deste Roteiro não tem o direito de se negar a si mesmos. Se o leitor que está neste momento com o Roteiro Cultural nas mãos ainda não tiver ido à «Dinastia», deverá fazê-lo quanto antes.

Continuam patentes ao público, nas galerias «Tempo» e «S. Mamede» telas de dois períodos distintos da obra de Nadir Afonso. Julgamos inútil voltar a falar da importância destas exposições, mas entendemos nossa obrigação lembrar que elas estão a acabar. Quem quiser ir vê-las não deverá, por isso, perder tempo.

Outra exposição que está a chegar ao fim da sua carreira é a de Janina Slater na galeria de «O País». Quem quiser adquirir desenhos desta jovem artista inglesa escusa de ir a Rua da Rosa, porque os desenhos expostos estão todos vendidos, mas quem quiser ver a sua obra terá de visitá-la até ao dia 17.

O quadro «Lisboa XVI», da Maluda, que o Presidente da República ofereceu ao Estadi búlgaro



A Maluda, fotografada em frente de duas telas sobre Lisboa. Gostaríamos de proporcionar aos leitores uma nova oportunidde de verem novamente a magnífica, mas (por enquanto) este Roteiro não organisa exposições...

Recomendamos aos nossos leitores uma visita à SNBA para verem as obras de Manuel Baptista e de Klaus Gerwin presentemente patentes ao público nesse recinto. Não há dúvida de que umas e outras merecem ser vistas.

Os pintores ingénuos Hipólito Clemente, Ivone Marques da Silva e Manuel Soares Carvalho, continuam a expor quadros na «Opinião». Inútil será dizer, depois de tudo o que temos dito, que esta é outra exposição que ninguém deverá perder.

Uma notícia não relacionada com a agenda do «dia-a-dia»: a Maluda acaba de ganhar o prémio da Academia das Belas-Artes. Este prémio é conferido à obra que o júri da Academia considera ter sido a melhor exposta durante o ano e a Maluda ganhou-o com telas que estiveram expostas na sua última exposição (Dinastia, 1979). Chamamos a atenção de todos para o facto desta pintora ter realizado recentemente uma exposição em Paris que atraiu a atenção da crítica francesa e que foi, a todos os títulos, um grande êxito. O Roteiro Cultural orgulha-se de reproduzir hoje, pela primeira vez, apresentando-o, assim, aos seus leitores, o quadro «Lisboa XVI» que o Presidente da República ofereceu, em nome do país, ao estado búlgaro, durante a visita que efectuou, recentemente, a esse país.

Hoje, às 18.30, realiza-se um concerto de canto e piano na Fundação Gulbenkian.

O Ballet Gulbenkian estará presente, hoje e amanhã, no Teatro Sá de Miranda do Porto.

Por não haver grandes acontecimentos marcados para hoje, passamos ao nosso noticiário sobre acontecimentos previstos para breve. Como já dissemos várias vezes e, muito especialmente, no nosso Roteiro de sexta-feira, a estreia da peça «A Noite», de José Saramago, está prevista para breve. A estreia desta peça é aguardada com a mais viva expectativa, não apenas por se tratar da primeira peça de José Saramago – e bastaria isso, para despertar a curiosidade de todos – mas por se tratar do primeiro espectáculo do ano do Teatro de Campolide. Para além disto tudo, a encenação é de Joaquim Benite. Resumindo: uma ementa a que não falta nada!

Outra peça cuja estreia prevista para breve é a da peça «Corpo-Delito na Sala de Espera» de José Cardoso Pires, que entrou em ensaios de apuro no Teatro Aberto. O «Grupo 4», está a dar tudo por tudo para que a estreia tenha lugar entre os dias 17 e 20. Com duas peças portuguesas a estrear – e não há dúvida de ambas prometem – a Primavera vai continuar «quente» para os amadores de teatro.

Anuncie no «DL»

O «DL» atinge diariamente muitas dezenas de milhares de leitores, potenciais compradores e utilizadores de coisas e serviços e tem, actualmente, a maior venda de entre os jornais da tarde. Anuncie no «DL»: as tabelas são moderadas e os resultados serão espectaculares. Experimente!

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo e o vento era fraco excepto no Algarve onde soprava moderado de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	25°
BRAGANÇA	21°
VILA REAL	21°
PORTO	25°
P. DOURADAS	19°
COIMBRA	24°
PORTALEGRE	24°
LISBOA	20°
ÉVORA	22°
SINES	20°
BEJA	21°
SAGRES	19°
FARO	23°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.30	3,9 m	10.30	0,8 m
16.48	4,0 m	22.28	0,8 m
Dia 15			
5.12	3,8 m	10.45	1,0 m
17.30	3,9 m	23.14	0,9 m
Dia 16			
5.58	3,7 m	11.32	1,1 m
18.17	3,8 m		

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente com céu geralmente limpo e vento fraco ou moderado do quadrante Leste.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.26
OCASO ÀS 20.42

DIA 18 DIA 26 DIA 2 DIA 10

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Música de; **20.30**: Eternamente saber; **20.45**: 15 minutos com; **21.00**: O apóstolo da juventude; **21.20**: Programa da noite; **22.30**: Forma e conteúdo, quotidiano das artes e das letras; **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite.

2.º Programa

17.00: Quinzena de Música Alemã; **18.45**: O conjunto instrumental «Leonhardt Consort»; **19.00**: Animação cultural, programa de José Atalaya; **19.30**: Repensar a escola, um programa da Direcção-Geral do Ensino Básico; **20.00**: Música sinfónica; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Obras de Mozart; **23.00**: Quinzena de Música Alemã; **00.05**: Peças para cravo, de Giles Farnaby; **00.10**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.30: Contacto; **17.40**: Contacto com o Mundo; **19.15**: Contacto com a ciência; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.00**: Hora luterana; **21.33**: Quando o telefone toca; **22.33**: O tema é; **23.00**: Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

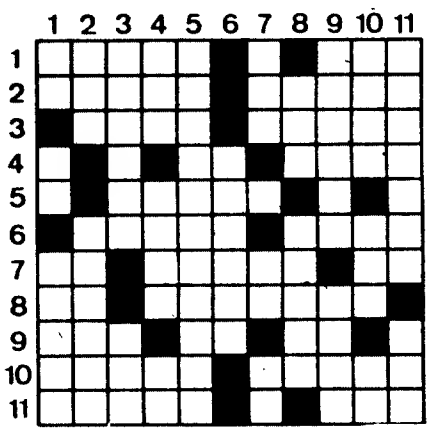
18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Estante giratória; **23.55**: Fecho.

44545

centro S.O.S.
voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 335



HORIZONTAIS:

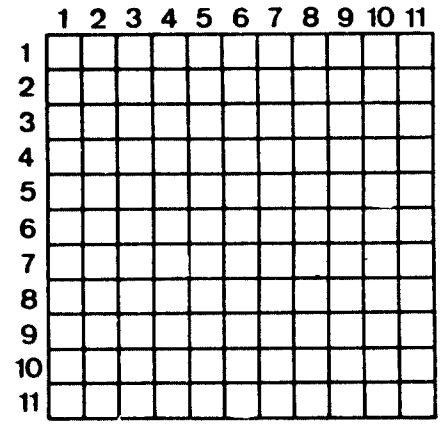
1 Solta, – com a voz, sons musicais. Artigo definido. Utensílios domésticos.
2 Estimais. Ilha dos Açores.
3 Nome científico do pato. Combinar.
4 Artigo indefinido. Agarrar.
5 Leitos.
6 Região montanhosa da Ásia Central (Rússia e Afeganistão). Portanto.
7 Deus dos pastores. Estéril. Preposição e artigo.
8 Clima. Finos e macios como a seda.
9 Sufixo que designa pequenez. Moderato. Pronome pessoal.
10 Ar agitado por qualquer meio. Verdadeiro.
11 Guarneceis de asas. Suspiros.

VERTICAIS:

1 Aqui. Nota musical. Apelido.
2 Gosta mito de. Quebras.
3 Galinha de raça pequena (Bras). Nome de mulher.
4 Irmã da mãe. Estimas. Pronome pessoal.
5 Arrogaremos.
6 Cônjuge (do sexo masculino).
7 Peso turco, cerca de 1 quilo. Compaixão. Centiare.
8 Olé. Pilar.
9 Cadeia. Entontece.
10 Cidade do estado de São Paulo. Seguias. Pronome pessoal.
11 Aspecto amável. Pedras de moinho.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 395



HORIZONTAIS:

1 Fusco, trigueiro, cor de café com leite. Falda. Artigo definido.
2 Esteiro. Atacador.
3 Carta de jogar. Título honorífico na Índia. Rã (pop).
4 Armação de leito. Prefixo que designa ar.
5 Em má hora (ant). Miriare.
6 Pronome pessoal. Rio da Suíça. Prefixo de negação.
7 Dás mios. Dianteira.
8 Patrão. Pronome pessoal. Despidas.
9 Letra grega. Molusco cefalópode. Rádio (s.q).
10 Tosto. Suspiros. Preposição latina que designa movimento.
11 Depósito (Prov). Amolgadura.

VERTICAIS:

1 Ardor. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday.
2 Aqui está. Glutinosa.
3 Neste momento. Aerostato. Senhor.
4 Ramadas. Preposição.
5 Cidade do Japão. Porco.
6 Cidade da antiga Caldeia. Afia.
7 Bário (s.q). Gostar muito de. Caminhei para cá.
8 Fruto da ateira. Areento.
9 Arara. Despido.
10 Creras.
11 Rio da França e da Alemanha. Mensalidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 334

HORIZONTAIS:

1 MÃO. DE. Safa.
2 Atura. Nanem.
3 Raros. Au. Ru.
4 Os. Colara.
5 Ossada. Mar.
6 Dois. Ama.
7 Arcos. Urres.
8 Ase. Rn.
9 Ps. Pacato.
10 MESTRE. Orar.
11 Arais. Ema.

VERTICAIS:

1 Marmotas. Má.
2 Ata. Per.
3 Ouros. Cassa.
4 Rosados. Ti.
5 Dás. Dose. Rs.
6 Cai. Pê.
7 NÃO. SUJA.
8 Saul. Com.
9 An. Amarrara.
10 FERRAMENTA.
11 Amuaras. Oro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 394

HORIZONTAIS:

1 Pã. Al. Marca.
2 Ocaso. Odiar.
3 Porá. Cró. Ba.
4 Olaré. Orais.
5 Ara. Asa.
6 Asa. Arm.
7 Am. Mas. Ela.
8 Larvas. Usar.
9 Atuar. Arc.
10 Me. Val.
11 Asado. Alarga.

VERTICAIS:

1 Poó. Palama.
2 Acolá. Mates.
3 Arara. Ru.
4 Asaras. VA.
5 Ló. Amargo.
6 Ás.
7 Morosas. Avá.
8 Adorar. Ural.
9 Ri. Mescle.
10 Cabia. La.
11 Aras. Caraça.

Provérbio: MÃO DE MESTRE, NÃO SUJA FERRAMENTA.

farmácias

Lisboa

Permanente

MENDES GOMES, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ESTADOS UNIDOS**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **FIGUEIRAS**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 44995); **SIMÕES**, C. Tojal, 102-A (T. 749649); **ZIRA**, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **DIMAR**, R. Conde Monsaraz, 17-B (T. 842533); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **CUNHA**, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **PINHEIRO**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **CATELA TAVARES**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446); **CÉSAR FERNANDES**, Az. dos Bezouros, lote R-8.

Reforço

TELES, Rua João de Barros, 2-Frente (T. 638176); **ZIL**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **ONILDA**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **AZEVEDO, FILHOS**, Rossio, 31 (T. 327478); **ZEMA**, R. Gen. Justiniano Padrel, 21-A (T. 671667); **OURIQUE**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 832580); **COMBRO**, C. Combro, 82 (T. 326059); **ESTEFÂNIA**, R Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **LATINA**, Av. António Augusto Aguiar, 17-A (T. 42312); **VITEX**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519949).

Outra Banda

ALAMDA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242); **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, E. das Barrocas, 50-A (T. 2494182); **LARANJEIRO: A. Araújo**, Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020); **SESIMBRA**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **AMORA: Amorense**, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **MONTIJO: Hogiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Guemão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **ALCABICECHE: Carvalho**. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz, Ld.ª**. Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**. Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até as 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **CAMARATE: Nova**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato** (T. 2912038). Permanente; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

De dia e só até às 22 horas

ALVES DA SILVA — Avenida da Boavista, 1016. Tel. 60342; **AZEVEDO** — Rua de Azevedo, 136 tel. 52344; **GOMES FERREIRA** — Rua Faria Guimarães, 449 tel. 481907, **NAU VITÓRIA** — Rua Nau Vitória 723 tel. 490427; **ORDEM DA TRINDADE** — Rua Heróis e Mártires de Angola. tel. 27420; **CONFIANÇA** — Rua de Santa Catarina, 960 tel. 22884; **FALCÃO** — Rua de Santo Ildefonse, 61, tel. 21566; **FERREIRA Praça D. Afonso V, 55-B tel. 681975**

De dia e toda a noite

ANTAS — Avenida Fernão de Magalhães, 1078. tel. 481158; **ANTIGA PÓRTA DO OLIVAL** — Campo Mártires da Pátria, 122, tel. 24262; **LOUSADA** — Largo do Campo Lindo, 62, tel. 48035

Coimbra

MONTES CLAROS — Rua Dr. José de Almeida, 69 tel. 25904; **CRUZ VIEGAS** — Rua do Brasil, 154 tel. 74821

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A – 18 ANOS
14.30-16.30-18.30 21.30 e 23.45h
A INVASÃO DOS VIOLADORES
c/Donald Sutherland
SALA B
14.45-17-19-21.30 e 23.45h
O REGRESSO DOS HERÓIS
N. ac. men. 13 a.

ALVALADE 897480
Av. de Roma
AMARGURA DE DUAS ALMAS
Com: Shammi Kapoor, Hema Malini, Rajes Khanna, Simmi Garewal
Não acons. men. de 13 anos
Às 15, 18.15 e 21.30 h
2.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
N. ac. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
Um filme musical de grande sensibilidade e suspense!
SINFONIA DA VIDA
c/ Simi Garewal, Vishal e Nazneen

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
John Travolta e Olivia Newton-John em
GRESE
(BRILHANTINA)

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
2.ª Semana
O BEIJO DO ADEUS
(LE DERNIER BAISER)
c/ Annie Girardot e Bernard Presson
Um filme de Dolores Grassian
Colorido

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 a.
Pornográfico
BOCAS GULOSAS
As 24 h. N. acons. men. 18 anos
MATAREI UM POR UM

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Sessões 14.15, 16.30, 21.30
Não acons. men. 13 anos
Melhor filme indiano do ano de 1977 — 150 semanas numa só sala num dos cinemas da Ásia
AMAR É VIVER
Um filme de Nazrul Islam com Shabnam — Nadeem — Qavi

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 15.00, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
O inesquecível clássico de John Sturges
A GRANDE EVASÃO
As 24 h
IRONIA DA SORTE

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
14, 16.30, 19.00 e 21.30 H
Int. m/18 anos
A BRIGADA MUNDANA
um filme de Jacques Scandelari

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
Às 15.30, 18 e 21.30 – Int. men. 13 a.
PAIXÕES ESCALDANTES

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
As 21.15
Int. men 13 anos
AMOR SUBLIME
Drama indiano

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Sessões às 14.00 16.30, 19.00 e 21.30
Anthony Quinn James Mason Kay Lenz em
A PASSAGEM
Um filme de J. Lee Thompson
Technicolor
Interdito a men. de 13 anos

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30, 21.30
Não acons. men. 13 anos
Quando ele raptou a rapariga fez desabrochar a mulher!
Linda Blair e Martin Sheen em
DOCE REFEM

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30
N. ac. men. 18 a.
RUBY
c/ Piper Laurie e Stuart Whitman
Um encontro de amor com o sobrenatural!

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões 15.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
ARRASADOR AMOR E BALAS
Charles Bronson Rod Stteigar Jill Ireland
4.ª-feira às 18.15
Não acons. men. 18 anos
HISTÓRIA DE UM FOTOGRAFO

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 36
Todos os dias
À noite filme após início da sessão
Às 15.15, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
O mais espectacular acontecimento da história do cinema
Marlon Brando, Gene Hackman e Christopher Reeve
SUPERMAN

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O AMOR VIOLADO
Colorido

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. Men. 13 anos
Um filme de Georges Lautner
MORTE DE UM CANALHA
Alain Delon, Ornella Muti e Maurice Ronet

MONTECARLO Tel. 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
15.30, 18.30 e 21.30 h
N. ac. men. 13 anos
AQUELE VERÃO
Um filme de Martin Davidson com música dos Beach Boys

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Hustin Heiffan e Vanessa Redgrave
3.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje, às 15.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
O Campeão dos Campeões
BRUCE LEE VOLTA AO ATAQUE
com: Bruce Lee e Lung Fei

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
AQUELE MOVIMENTO DE QUE TANTO GOSTO!
Uma comédia alegre e picante
c/ Martine Brochard e Carlo Giuffré

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
Um mundo exótico e sensual
VELUDO PRETO SEDA BRANCA
c/ Laura Gemser e Annie Belle

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
UM ASSASSINO DENTRO DE MIM
c/ Stacy Keach e Susan Tyrell

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
Sala 1: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
N. ac. men. 18 a.
SEGUNDA DIMENSÃO
Real.: Rainer Werner Fassbinder
Sala 2: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 18 a.
O XERIFE
Real.: Yves Boisset
Sala 3: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
N. ac. men. 18 a.
CAVALEIROS DO ASFALTO
Real.: Martin Scorsese
Sala 4: Às 15, 17, 19, 21, 23
Int. men. 13 a.
DUAS MULHERES EM NEW YORK

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Uma espantosa explosão de alegria e divertimento!
A GRANDE CARRAPATA
c/ Pierre Richard
Amanhã o mesmo programa

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Int. men. 13 a.
às 15.30, 18.30 e 21.30 h
uma superprodução espectacular!
A PASSAGEM
com Anthony Quinn Malcolm McDowell e Kay Lenz
2.ª Semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14.30, 18.45 e 21.30 – (Para Todos)
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
(primeira parte)
Um filme de Franco Zefirelli
Colorido

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
AS 4 PENAS BRANCAS
Beau Bridges, Robert Powell e Jane Seymour

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Hoje e amanhã às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 horas
Int. m/13 anos
A história de um adolescente tímido e inexperiente
O AMANTE DE BOLSO
Nimsy Farmer, Pascal Sellier, Andrea Ferreal

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19 e 21.45
Um filme notável
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
com: Bibi Andersen Katleen Quinlan

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. ac. men. 13 a.
AS 4 PENAS BRANCAS
Nova versão de um clássico da aventura
c/ Beau Bridges, Robert Powel e Simon Ward

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
CINEMA À MARGEM
O cinema experimental/abstracto
Classificação: Int. men 18 anos
Sessões as 15.15 e 21.15
Iniciativa da Direção-Geral da Acção Cultural em colaboração com o Núcleo dos Cineastas Independentes — FPCA

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
15, 18.15 e 21.30 h
N. ac. men. 13 anos
A GRANDE EVASÃO
Projecção do filme no início das sessões

ZODÍACO Tel. 570551
Rua Conde de Redondo, b
Hoje e amanhã às 13, 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
Inacreditável! O Exército chinês invade Paris...
VÊM AÍ OS CHINESES
c/ Jean Yanne
Atenção ao novo horário a partir do dia 15: 14.15, 16.30, 19 e 21.30

teatros

Lisboa

ADÓQUE – «1926, Noves Fora Nada», **às 20.30 e 22.45 (18 anos)**

Outros Espectáculos
Lisboa

CAPITÓLIO – «Sexo Oriental», às 19, 21 e 23 (18 anos)
PARIS — «O Homem das Duas Faces», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA — «Tentações sexuais», Sessões permanentes 18 anos
ROYAL — «Sexo Selvagem», 21.30 (18 anos)
LUMIAR — «Africa Expresso», 21.30 (13 anos)
CINEARTE — «Demónios do Kung-Fu» 21.30 18 anos)
PROMOTORA — «Matar para não morrer», 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Ai se Te Agarro», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Grande Decisão», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

CASCAIS —Oxford — «Par ou impar» 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «A Ilha do Dr. Moreau», às 21.15 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Os Olhos de Laura Mars», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «A Lenda do Xerife Pusser», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Os Filhos de Ninguém», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «O Sabor da Vingança», às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «O Gendarme e os Extra-Terrestres», às 21.15 (13 anos)

Porto

LUMIERE — Sala A — «O Homem Terminal» 21.30 (18 anos)
LUMIARE — L — «A Criada», 21.45 (18 anos)
CARLOS ALBERTO — «Os 39 Degraus», 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Jesus de Nazaré» (2.ª parte) 18.15, 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA – «A Hiena do Karate», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Os 39 Degraus», 21.45 (18 anos
SÁ DA BANDEIRA — «Sexo no Colégio», 21.30 (18 anos)
SALA BEBÉ — «A Via Lactea», 21.45 13 anos)
CHAPLIN — «A Vingança da Pantera» 21.30 (13 anos)
CHARLOT — «Os Comandos da Morte», 21.30 (18 anos)
RIVOLI — «Os Comandos da Morte», 21.30 (18 anos)
COLISEU – «A Passagem», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Os rapazes da companhia C», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Lutando pela Justiça», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Em Busca do Passado», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Grease», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA — «A Amante Muito Louca», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «A linguagem do amor», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO – «Grease», às 21.30 (13 anos)

Coimbra

TIVOLI — «Os Cavaleiros do Asfacto», 21.30 (18 anos)
AVENIDA — «O Gendarme e os Extra-terrestres», 21.30 (13 anos)
S. TEOTÓNIO — «A Vida intima de um casal», 21.30 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

● ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º
TELEFONES 654531/2/3

● REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS

RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154/5 328271/2/3 328229 372181/2
[illegible]

● SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)

PORTEIRO 321154
[illegible]

● ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA TELEX 12383
[illegible]

● DELEGAÇÃO DO PORTO
RUA DO ALMADA 30 2.º TELEFONES 20954/5

Decreto-lei descongela contas bancárias

Promulgado **exactamente no dia 25 de Abril de 1979** pelo actual Presidente da República, general Ramalho Eanes, foi hoje publicado na folha oficial o Decreto-Lei n.º 130/79, que revoga os diplomas (D-L n.º 313/76 e D-L 75-A/77) do VI Governo Provisório referentes ao congelamento das contas bancárias dos principais agentes do regime fascista. Pela presente disposição do Governo Mota Pinto, grandes figuras do 24 de Abril como Marcelo Caetano, Rapazote, Silva Cunha, Rebelo de Sopusa, Sá Viana Rebelo, César Moreira Baptista, Silva Pinto, Silva Pais (e outros grandes responsáveis da PIDE) Champallimaud, Mellos, etc., poderão, a breve prazo, dispor de quantias (nalguns casos bem avultadas) ganhas à custa de violenta exploração do povo trabalhador português.

O citado diploma estabelece, pois, a cessão da «eficácia de todas as medidas e providências» respeitantes ao «congelamento de contas bancárias e ao arrolamento, apreensão e proibição da disponibilidade de bens» das pessoas indicada no «DL» agora revogado, que «tenham sido tomadas por via administrativa, ainda que executadas por via judicial».

No articulado do mesmo decreto-lei que abrange, designadamente, dezenas de importantes responsáveis políticos, policiais e económicos do fascismo, considera-se, entretanto, que tal cessão de eficácia do diploma revogado ocorrerá «desde que as mesmas não sejam renovadas judicialmente através de instauração de procedimento cautelar nos termos gerais da lei processual». Tal cláusula que visa, aparentemente, garantir a possibilidade de manutenção do congelamento dessas contas bancárias ou apreensão de bens, não deverá, porém, ter efeitos praticos salientes, pois remete exclusivamente para a «via judicial» (através de novos procedimentos cautelares) a iniciativa de tais medidas. Ora não é de admitir que da parte dos órgãos e agentes dependentes do actual Ministério da Justiça, do Governo Mota Pinto, possam ocorrer actos dessa natureza, destinados a salvaguardar os interesses do Povo português e punir os seus principais exploradores no passado.

Registe-se, entretanto, que tais disposições vêm culminar a actuação do II Governo Constitucional (PS-CDS) que nos primeiros seis meses de 1978, descongelou, através do Banco de Portugal, as contas bancárias de numerosos ex-«pides», latifundiários (Maldonado Pessanha, entre outros), sabotadores económicos (João Pimenta, que continua no Brasil a utilizar dinheiro oferecido...) e de deputados fascistas (como Elmano Alves) e ministros de Salazar (Santos Costa).

É de crer, ainda, que a recente viagem de Mota Pinto ao Brasil tenha – através dos contactos que manteve com representantes da «colónia» portuguesa naquela país – contribuído para a recente decisão, avalizada pelo Chefe de Estado. Recorde-se que aquando da visita de Eanes ao Brasil em 1977, Mota Pinto que acompanhou a comitiva presidencial na qualidade de ministro do Comércio foi o signatário do protocolo que levou à escandalosa desintervenção do Pão de Açúcar.

Oitenta petardos apreendidos

Oitenta e uma vela gelamonite, diversos detonadores e cordão detonante, eis o material recentemente apreendido pela Polícia Judicária de Lisboa, junto à raia da Trafaria.

Uma nota agora distribuída pela PJ refere que aqueles explosivos, apreendidos no passado dia 10, haviam sido roubados de uma pedreira «e destinavam-se a rebentamentos em cadeias para fuga de presos». Aliás, acrescentava a Judiciária, com aquela finalidade explodiram há tempos algumas velas na Penitenciária de Coimbra. Alguns dos autores das explosões foram entrentanto detidos por crimes de furto.

Embora a PJ não relacione este material explosivo com os rebentamentos que alarmaram Lisboa na noite de sábado, podemos aqui adiantar que os quatro petardos que ultimamente deflagraram eram também de gelamonite, armadilhados de forma rudimentar. Na circunstância foram usados cordão detonante e detonadores em tudo semelhantes aos agora apreendidos.

Os alemães dão o terreno para a Universidade do Algarve

FARO, – Uma empresa alemã, proprietária de vasta área na zona de Faro, anunciou que poria à disposição do Governo português o terreno necessário à edificação da Universidade do Algarve.

A oferta foi transmitida ao deputado do PSD José Vitorino, um dos autores da proposta de criação da Universidade, aprovada em Fevereiro passado na Assembleia da República.

(Hoje 28 páginas)

LISBOA, VERBO AMAR

O percurso

– Olhe cá – começou ele – olhe que eu não quero meter a política nisto, está a ver?

Suspendeu o discurso no tempo em que o táxi levou a subir a Calçada da Pampulha. Era um automóvel velho, tinham de compreendê-lo. Retomou a palavra já quando estávamos diante do quartel da GNR.

– Que mesmo que fosse política não tinha mal nenhum. Estávamos bem arranjados da vida. Cada qual que pense o seu...

Chegávamos ao Jardim 9 de Abril conhecido em todo o mundo por Jardim da Rocha.

– Vou-lhe falar disto sabe porquê? Porque sou vaidoso da minha gente. Quero-lhe tanto, tanto, que já tenho feito dez horas de estrada para estar duas horas com ela.

Passávamos rapidamente o Museu de Arte Antiga, o chafariz das Janelas Verdes.

– Ora bem. No meu povo, há três anos, os rendeiros fizeram uma cooperativa. Havia muito veneno contra eles. Nós cá em Lisboa fizemos um «grupo de amigos». Andámos por aí de porta em porta de conterrâneos e próximos. Fizemos qualquer coisa como quarenta e seis contos. Era a nossa obrigação.

Estávamos em Santos. O táxi parou atrás de um «eléctrico».

– Só me falta dizer uma coisa. É que eu era contra aquela história da cooperativa. Mas um dia fui à terra, enfim, fui lá encher o peito de ar. O ar do nosso povo tem outro, como é que hei-de dizer, tem outro paladar...

O trânsito complicava-se. Camiões, «eléctricos», muita gente que saía dos seus empregos. O discurso só regressou quando já íamos a caminho da Calçada do Combro.

– Fui à terra e quem vejo eu logo à entrada? O Luís. Tem apelido mas pra mim é sempre Luís, andámos juntos à escola. «Ó Luís, onde é a ida»? «Vou pró Alto». «O Alto não é da cooperativa?» «Eu sou da cooperativa».

Quase gritava para safar a voz do reumatismo do motor. Fez uma pausa quando já dobrávamos para a Rua da Rosa.

– «Tu és da cooperativa?» «Claro, homem, se as pessoas não se juntam, vem um vento e leva tudo». «Olha lá, e o teu tractor?».

Guinou pela Travessa dos Inglesinhos.

– Era um tractor comprado há pouco tempo com os dinheiros ganhos na emigra. «O tractor? Entreguei-o à cooperativa».

O carro parou na Luz Soriano, à porta do jornal.

– O tipo tinha dado o tractor à cooperativa!

Fazia o troco.

– É de homem, não?

Automóveis atrás de nós apitavam a dar pressa. Passamos a vida a correr. Tive, nessa altura, uma pena danada de não conhecer o resto da história. Só mais tarde reconheci que nada mais faltava à história para ficar completa.

Ou seja, para ficar viva.

MÁRIO CASTRIM

COOPERATIVA DE CASEBRES

Reservas não matam a esperança de 250 trabalhadores

A cooperativa agrícola de Casebres, no distrito de Setúbal, foi notificada para entregar, hoje, duas reservas que abrangem uma área com cerca de 800 hectares. Segundo o despacho do MAP Augusto Marques Veredas deverá receber 69.484 pontos, na herdade Gargolim de Cima e Serrinha, da qual foi rendeiro. A mesma decisão governamental atribui, em sobreposição, uma outra reserva à antiga proprietária da terra, Maria Ana Branco Gentil Pimentel que, assim, ficará a explorar um montado de sobro com a pontuação de 41 mil pontos.

A referida agrária, de acordo com o documento do MAP, possui diversos prédios rústicos na zona de intervenção da Reforma Agrária que somam 109 mil pontos.

Na cooperativa de Casebres já tinha sido demarcada uma reserva a favor de Custódio Manuel Danado e determinada uma desanexação, em nome da família Ferrajota Aleixo, o que reduziu a sua área inicial de 4070 hectares para 3000.

«Dizem eles porque nós não assinámos nada...» – afirmou António Caramelo, membro da direcção daquela exploração agrícola colectiva.

Tal como sucedeu, agora, os trabalhadores contestaram as resoluções do MAP com base no facto de Custódio Danado não ter sido nem proprietário nem rendeiro na herdade Gargolim de Baixo onde recebeu a reserva e ainda fundamentando-se na razão dos outros agrários serem absentistas.

Apesar de dispostos à luta, os 250 trabalhadores da cooperativa de Casebres pensam alto: «parecia-nos que defendiamos isto com o trabalho mas estamos a ver que o Governo faz tudo para nos liquidar...»

Os trabalhadores da cooperativa de Casebres apontam as ilegalidades cometidas pelo MAP, dando o exemplo da reserva entregue a Custódio Danado que dantes fazia, na qualidade de seareiro, seis hectares de regadio na herdade de Gargolim de Baixo. Aliás, a história deste indivíduo, no processo, é bastante curiosa.

Francisco António Ribeiro Pombinho, cooperante, explica o caso com pormenores.

«Eu fazia searas com Custódio Danado naquela herdade. Não percebo porque é que o MAP lhe entregou uma reserva. Ele tinha tanto direito como eu. Aderi à cooperativa a quem entreguei as minhas duas máquinas. Agora se acabarem com ela o que faço ás máquinas? Como-as?»

Na verdade o seareiro, promovido a reservatário pelo MAP, estava precisamente nas mesmas condições do Francisco Pombinho. Também ele, de início, aderiu à cooperativa mas depressa mudou de ideias.

«Esse tipo até participou na ocupação da herdade de Gargolimde Baixo e das Parcas. Depois começou a andar para trás e para diante, de carro, com o patrão e meteu-se-lhe na cabeça que poderia transformar-se num burguês» – conta Vitorino José, da comissão directiva da cooperativa de Casebres.

Claro que o MAP, sempre na na mira de destruir a Reforma Agrária e no seu ódio vesgo aos verdadeiros trabalhadores, aproveitou-se da disposição de Custódio Danado. E desta forma no ex-CRRA de Alcácer do Sal se forjou um reservatário, em conluio com os antigos patrões.

Entretanto a cooperativa criou postos de trabalho, dinamizou a vida da povoação de Casebres, deu aos trabalhadores agrícolas poder de compra – restitui-lhes a dignidade e a possibilidade de comerem todos os dias.

«Empregamos grande parte da população. E há imensas inscrições de pessoas que querem trabalhar connosco na primeira oportunidade. Pessoas que iremos chamando à medida que aumentarmos os postos de trabalho com o regadio. Se a barragem, projectada para regar 600 hectares chegar a ser construída teremos de contratar pessoal fora da aldeia...»

Oxalá os planos da cooperativa de Casebres se concretizem. Basta, apenas, que no Governo deste País, estejam democratas empenhados em levantar a economia nacional. Gente que nada tenha a ver com a camarilha que agora nos governa...

HABITAÇÃO-PRECISO

4 div. em Lisboa. Dou indemnização, ou compro recheio da casa. Tel. 846373

Pretende decorar a sua casa?

Visite a nossa enorme exposição de mobílias, estilos: D. José, D. João V, louceiros, armários de vidrinhos, cantoneiras, estantes, papeleiras, cómodas de salão, camas de bilros e de latão, roupeiros, móveis para TV, consolas e credências lacadas e douradas, relógios de caixa alta, jogos maples em veludo e em pele, sofás-cama, lustres, candeeiros, estatuetas, bibelots, quadros a óleo, etc

Galeria Actual-Móveis e Decorações

AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (JUNTO SALDANHA)

NO PALÁCIO DOS CONGRESSOS

PMCI's discutiram os seus problemas

–Somos nós pequenos e médios comerciantes de Norte a Sul do País que nos preocupamos com o abastecimento dos nossos estabelecimentos. Fomos nós, somos nós e seremos nós que asseguramos uma parte da economia nacional. Somos nós, merceeiros, na maioria dos casos, que, a partir da madrugada, entre as quatro e as cinco horas, quebramos o silêncio nas ruas e estradas para irmos à procura de produtos para os nossos estabelecimentos, principalmente frutas, hortaliças e outras, para servirmos o público. Somos como as formigas, uns para um lado, outros para outro, sempre à procura dos produtos melhores e mais baratos para trazermos para os nossos estabelecimentos.»

Estas foram as palavras de um pequeno comerciante de S. Domingos de Rana (concelho de Cascais), no II Encontro do Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais do Distrito de Lisboa, que ontem decorreu no Palácio dos Congressos do Estoril.

A finalizar a sua intervenção, afirmou: «Só através do nosso Movimento podemos finalmente ver dissipadas todas as injustiças de que vimos a ser vítimas há dezenas de anos».

A necessidade de se abrir o crédito às pequenas e médias empresas, de se reduzir os juros e recuperar os objectivos que presidiram à criação do IAPMEI, bem como a revisão das condições e consequências que a entrada de Portugal para o Mercado Comum traria às Pequenas e Médias Empresas, foram algumas das conclusões a que chegaram os 550 pequenos e médios comerciantes e industriais presentes no Encontro.

Trabalhadores reagem contra repressão nas empresas

Continuação da pág. 1

namente denunciadas pelas organizações sindicais junto dos órgãos de soberania, designadamente o Presidente da República, a Assembleia da República e o Conselho da Revolução. Também o Provedor de Justiça será informado sobre a questão.

O plenário da Mague aprovou ainda uma moção em que se reafirma a exigência feita por centenas de milhares de trabalhadores durante as comemorações do 1.º de Maio, no sentido da demissão do Governo Mota Pinto, um Governo que «está a mais no 25 de Abril», totalmente «desacreditado, desapoiado e derrotado».

Outro documento aprovado na mesma altura, manifesta oposição total ao teor do projecto de lei do PS sobre as associações sindicais, dado o seu «carácter inconstitucional».

ANO 34.º — TERÇA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1954 — N.º 11.492

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

O presidente do Conselho discursando na Assembleia Nacional

O caso de Goa na Assembleia Nacional

Estamos prontos a negociar

mas não podemos ceder sobre a soberania portuguesa

— afirmou esta tarde o chefe do Governo depois de analisar a situação criada pela União Indiana

Publicamos em seguida o notabilissimo discurso que o sr. presidente do Conselho proferiu hoje na Assembleia Nacional acerca do caso de India Portuguesa, conforme a noticia que noutro lugar inserimos:

«*Senhor Presidente:* A Camara desejará ser informada, por declaração directa do Governo, acerca da questão de Goa ou, seja, de conjunto de problemas suscitados pelas pretensões da União Indiana á integração, debaixo da sua soberania, do Estado Português da India. São conhecidos os principais factos e mesmo as posições fundamentais e atitudes assumidas pelos dois governos. Não cansarei a Assembleia com o seu relato nem repetirei o que em declarações anteriores pude dizer dos principais aspectos, politicos e juridicos, desta questão.

Depois dessas minhas declarações, porém, verificaram-se e estão decorrendo factos da maior gravidade relativamente aos territórios portugueses; nota-se excepcional virulência em campanhas conduzidas por elementos mais ou menos responsáveis da política e da Imprensa da União Indiana; desenvolve-se toda uma teoria de reclamações e protestos infundados, ao mesmo tempo que chegam a desconcertas as respostas ás queixas por nós apresentadas contra a violação de direitos que se suporiam por toda a parte reconhecidos e respeitados; conhece-se a reacção internacional a este propósito: estamos talvez em condições de formar um juizo acerca da situação, nascendo a minha duvida apenas da dificuldade de pôr de acordo, á face da lógica ocidental, o pensamento, as afirmações e os actos do primeiro-ministro da União Indiana e do seu Governo.

Goa e a União Indiana

Duas posições parecem nitidas e incontestadas do lado da União: a primeira é a afirmação do direito da União Indiana a que o Estado da India se integre nos seus territórios; a segunda é que a mesma integração há-de fazer-se por meios pacificos, sem recurso portanto á violência. A integração de Goa na soberania de Nova Delhi não é uma perspectiva ou antevisão da evolução histórica: representa um objectivo politico que os actuais governantes supõem dever realizar em cumprimento da sua missão. Mas para que um objectivo político em que tão visceralmente se encontra envolvida uma soberania estrangeira possa vir a realizar-se sem violência, é necessário que uma de duas circunstancias se verifique: a possibilidade, juridica e de facto, de essa soberania ser espontaneamente abandonada ou a existência de uma vontade unanime, firme, irrefragável do povo goês, que tornasse impossível o exercicio do poder publico em Goa. Estas são as principais ilusões sobre que as construções politico-juridicas

(Continua na 3.ª página)

OS VELHOS

Churchill celebra hoje os seus oitenta anos—felizes, juvenis e combativos. E' um ancião que se bate energicamente e vitoriosamente por causas nobres, recusando invocar a desculpa da velhice para conseguir alcançar os seus triunfos. A sua biografia encerra esta bela lição—não se curva ao fatalismo da idade.

Quando tantos se calam, incapazes de reagir contra a decadência e a fadiga, ele, com a discreção de um sábio, mantém-se activo, estranho a confissões justificativas do seu vigor. Aos oitenta anos, quando a maior parte dos homens oscilam e vacilam, na realização dos seus cometimentos, Churchill não se dá ao incómodo de produzir as razões da sua virilidade.

E' um exemplo que muito importa estudar, a fim de que possamos aproveitá-lo. Na Inglaterra, há quem diga que ele se desactualiza, de ano para ano, sem que o publico perceba ao certo o que um jornalista chama a transformação de leão em timido cordeiro.

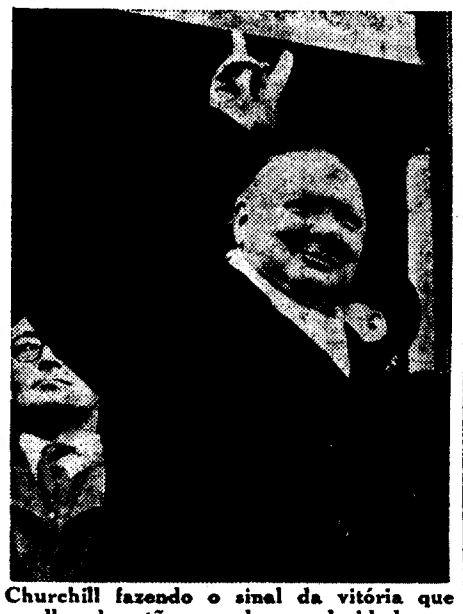
Não: Churchill não tem necessidade de sair da normalidade para mostrar aos cépticos que caminha, entre os homens, como um caso excepcional, quase miraculoso. A sua velhice é tão natural, como a frescura nos mancebos. Nunca viveu de esmolas, pedindo, suplicando ou copiando atitudes. As suas ideias e os seus sentimentos são frutos sãos que nada devem á imitação ou a influências misteriosas.

Em todas as épocas da sua vida, foi sempre causa de si próprio: na juventude, já era perfeito jovem, na virilidade, curioso e pensador com a dignidade que lhe pertencia, na velhice, velho com o caracter que não se justifica por motivos alheios á sua personalidade. As gerações fortes, não esmolam nem alma nem espirito.

Entre tantissimos dos seus contemporaneos, ele destacava-se como o roble na floresta: a sua figura e, sobretudo, a sua cabeça dominavam, talqualmente a sua eloquência que, apesar de convincente, tem qualquer coisa de parecido com uma acha. Nunca pendeu para os efeitos emolientes, para a persuasão demorada, sem nervo nem calor.

Conheceu também, nos periodos vibrantes da sua vida, o sonho e o entusiasmo, nas suas formas mais ousadas.

(Continua na página central)



Churchill fazendo o sinal da vitória que lhe deu tão grande popularidade

Sir Winston Churchill

o grande «leader» do tempo de guerra

por Sir LLEWELLYN WOODWARD

As três caracteristicas proeminentes evidenciadas por sir Winston Churchill durante a guerra foram: a sua faculdade de despertar as mais elevadas qualidades no povo inglês; o seu dominio da situação estratégica; e o seu sensato e generoso critério politico. O próprio povo inglês apercebeu-se destas qualidades de um grande homem de Estado pela ordem em que as refiro.

Traduzia imediatamente as suas palavras em actos e com uma compreensão inteligente da situação estratégica—algo de muito diferente do nervosismo temerário de Hitler. Nos cálculos inteligentes de Churchill, havia que correr certos riscos e que fugir a outros. O reforço das tropas britanicas no Mediterraneo, numa altura em que a Grã-Bretanha continuava sob a ameaça de uma invasão, constitui um dos exemplos mais notáveis dos riscos que, ao tomar o pulso á situação em geral, sir Winston Churchill estava disposto a correr. Os historiadores do futuro considerarão provàvelmente como não menos notável a recusa do primeiro-ministro de correr o risco de destruir na batalha da França as ultimas reservas combatentes da Real Força Aérea. Dois ou três meses mais tarde, a decisão do primeiro-ministro foi justificada pelos acontecimentos. No entanto, em Junho de 1940, não era fácil prever que a retenção dessas reservas derra-

(Continua na página central)

Dulles expõe as condições

que os Estados Unidos põem *para negociar com os Sovietes*

CHICAGO, 30—No discurso de politica externa que proferiu em Chicago, na Associação da Juventude Agricola Americana, o secretário de Estado declarou, a noite passada, que a «politica dos Estados Unidos não exclui as conferencias internacionais, mesmo com quem nos é hostil». Foi assim, acrescentou, «que se pôs termo á guerra da Coreia».

Foster Dulles expôs então as condições em que se poderá encarar uma conferencia com o Governo soviético, começando por dizer:

«O campo de acção de conferencias com o Governo soviético é necessária-

(Continua na ultima página)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

O SUCESSOR DE MALAN

PRETÓRIA, 30 — Os chefes do Partido Nacionalista Sul-africano elegeram hoje Johannes Strijden para suceder ao dr. Malan no cargo de primeiro-ministro.—(Reuter).

Como de costume neste dia e por convenção de trabalho, sancionada pelo I. N. T., não se publica amanhã o

Diario de Lisbôa

encontrando-se fechados os nossos escritórios e oficinas.

Os últimos momentos de

Evocação dram

A visita da viscondessa da Luz, que e

A Júlio Dantas, glorioso émulo de Garrett, que tão notavelmente evocou a sua obra e o seu génio, na memoravel oração, de 9 de Outubro de 1954, na Assembleia Nacional.

E' num dia triste de Outubro, repassado de chuva que Garrett entra, finalmente, na pequena casa de Santa Isabel, que lhe vai servir de tumulo.

As obras demoraram muito tempo. Apelou para Francisco Gomes de Amorim, seu dedicado Cirineu, que o há-de assistir até á morte, e Manuel José Gonçalves, tesouro de bondade, para que ali dessem os ultimos toques. Vem cansado, preocupado com o cheiro das tintas da casa nova, sobre cujos trabalhos tanto escreveu aos dois amigos, com infinitas minucias do seu espirito requintado de artista. Tem gosto, que é uma coisa que, naquele tempo, não havia em Portugal.

—Os fogões estão acesos?

—Sim, João! Há dois dias, o da sala e o da livraria!—responde Amorim.

Era cuidado do médico assistente dr. Barral, que o via com aquele defluxo constante, embora a sua doença fosse outra—mais grave, a prazo, com um espada, presa por um fio, suspensa da sua bela cabeça romantica. O vento fustiga as franças dos ciprestes esguios, no cemitério dos ingleses, mesmo em frente das suas janelas. Mas ele não tem medo de presságios. Ficaram-lhe todos no «Arco de Santana». O que Amorim pretendia ser um sinal do destino, para ele não passava de um epigrama elegante:

—Nada mais discreto do que um inglês morto! E não te esqueças que dorme ali o se ultimo sono o meu queaido Fielding!

A sua tez macilenta mais destaca o colar negro da barba. A figura altiva, abotoada numa casaca negra, cortada pela sumptuosidade de umas luvas brancas de Jouvin, dobra-se com desalento.

Ainda pretende sorrir. Pára no passeio, com a mão metida no rebuço da vestia, para aquietar o coração descompassado, como quando subia o Chiado, a passo vagaroso, esplêndido de *morgue*, vendo as montras, ou falando com as damas casquilhas, que o saudavam num gesto de exaltação amorosa: *cá está o nosso egrégio poeta!* Mas agora já não pode representar.

A lama cresce na rua; os jardins, ao lado, da condessa de Antas, deixam tombar, do alto do muro as folhas doiradas das trepadeiras, que o Sol do Outono queimou. E o «divino» murmura, sem se dar conta de que os outros o escutam:

—Folhas caidas como eu!

Mas Gomes de Amorim é exuberante. Quer ouvir os elogios do Mestre á sua obra. O que fez ali! Como dispôs os móveis! Faz sinal ao Gonçalves para que nada diga sobre o «descalçador», estranho móvel, de invenção russa, que servia para arrancar as botas altas de Garrett, e que os dois, numa brincadeira, partiram. O poeta não lhes perdoaria!

Os olhos garços do escritor brilham agora de uma luz estranha. Gostou de ver o seu brasão esquartelado, com a divisa «semper fixa» nas portas do vestibulo. Com a sua vaidade de «enfant gaté» do século dá mais importancia áquela aristocracia de pé fresco liberal, tão regateada por D. Maria II, do que á sua realeza de espirito, que o sagra primeiro romancista, poeta e orador do século na Peninsula.

—Aquele candeeiro ainda não é o que eu quero!

E um candelabro, que está á volta da escada, o segundo ou o terceiro que fere, pelo seu preciosismo barroco, a sensibilidade de Garrett.

Ele quer viver numa ruazinha branca e sossegada de Lisboa, entre velhos palácios e muros altos de quintas, como se estivesse em Mayfair, num caracteristico «home» inglês. A visita é demorada. Ao chegar á saleta, senta-se, exausto, com uma lividez mortal. Mas os outros fingem não reparar. Na livraria, entre as estantes de pau santo, que lhe ofereceu Palmela, e a sua esplendorosa cadeira abacial, de leões rompantes, espaldar alteroso, forrada de damasco—trono de um rei!—a secretária imensa, onde tantas vezes trabalhou como ministro, embaixador e par do reino.

Lá estão as pinças, com que prende os cigarros para fumar; a boceta quadrilonga, de tartaruga, ornada de espelhos, selada com as armas dos Garrett, onde guarda os seus titulos honorificos, as condecorações, os diplomas académicos e, num saquinho de seda branca, assaz feminino, a carta do sultão e as bizantinas insignias de Nicham Iftiar.

A banca do escritor é outra, aquela escrevaninha alta, com um oleado verde e negro, para as «suas nigromancias literárias», que está ao fundo da sala, e onde agora pousa os óculos.

A cada passo sente o coração exausto, de tanto viver, de tanto sofrer, de tanto amar, na arrebatada existência: como dizendo:

—«Pára, descansa, já é tempo!». Senta-se outra vez, agora na cadeira do tio-bispo, que ele comprou, na alamoeda dos bens do convento de S. Bento. Parece o seu próprio retrato, num daguerreótipo romanesco, com aquelas suiças lavradas de negro que o fazem lembrar o elegante e parisiense Conde de Orsay.

Já pouco fala. Deixa os outros conversar. Apenas sorri. O piso da casa é suave, abafado por tapetes espessos, de um vermelho estridente e opulento. Vai á casa de jantar, de mogno velho, severos aparadores hamburgueses, com alguns quadros ainda por pendurar; ao quarto da filha, que não está arranjado; assoma a uma janela para ver o jardim exiguo, onde o bom Amorim, sempre prestável, plantou um pé de pitanga, arbusto brasileiro, sensivel e melindroso, igual á nossa flor da murta, que há-de definhar, durante toda a doença do poeta, e morrer com ele, no mesmo dia.

—E os cavalos?

—Estão do outro lado, ao cimo da rampa!

E' uma bela parelha de baios, com-

O cemitério dos Ingleses

prados por D. Pedro Moscoso, que nunca chegarão a puxar as duas carruaguens de Garrett.

Pobre *dandy!* De relance, olha-se num espelho de Veneza, e tem um estremecimento. Como está velho! Aquela face terrosa, os olhos encovados, o traço largo e enérgico da boca, agora mais leve, sem a firmeza dos grandes reptos oratórios, aquele coração hipertrofiado, cansado, a trabalhar mal, cuja lesão os médicos vão escondendo com piedosas mentiras.

Durante alguns dias ainda se levanta cedo, como de costume. Enfia um largo camisão branco, e, de barrete, que põe muito direito, sem uma ruga, barbeia-se com uma navalha inglesa. Depois, ordena os papeis. Alguma coisa lhe segreda, que tem de se preparar para a posteridade. Montões de manuscritos, que ele arruma nas gavetas da biblioteca, alfabetando-os. Os dois fogões sempre acesos, o da sala, a lenha, o da livraria, a coque, criam na casa uma atmosfera agradável. A chuva, com os dedos gelados, tamborila nas vidraças, mas os cortinados estão corridos, e ele não a vê, cinzenta, nevoenta, como se o Ceu chorasse, num dramático *requiem* de exéquias.

Mas os sinos da igreja de Santa Isabel espicaçam-lhe os nervos, com as suas cavas badaladas. Como um tocar a defuntos. O hora a hora, irrevogável, lento, constante, a contar o tempo!

Sempre com a mão no coração, o torpor do figado congestionado, os pulmões a quererem beber, ávidamente, o ar, sem poder... sem poder!

Mais uns dias e cai á cama. Manda afastar as cortinas brancas, que caem do dossel. Queria-as de chita, alacres, pintalgadas, bem portuguesas, mas Amorim, dissera-lhe que nem para o leito nupcial de um boleeiro serviam. Garrett já não tem vontade. Deixa-se guiar pelos outros. O seu pobre biógrafo não compreende o que havia naquele desejo. E' âssim que ele viu em casa de mister Hadley, na Inglaterra. Salvou, a custo, o papel das paredes da alcova, todo verde, com florinhas de Primavera, como o quarto virginal de uma *misse* que lesse o doce e embalador Longfellow.

A camara dá para a biblioteca, de onde recebe a luz do dia. A pequena fresta, que fica ao fundo, dificilmente, rompe as sombras da quadra. Ele bem a queria mais larga, mas a vizinha, a condessa das Antas, não consentiu. Disfarçou-se aquela lucarna de prisão, com um encaixilhado de madeira escura. Dois contadores preciosos de pau santo: num, pousam uma estante de missal, as ambulas para os santos óleos, dois vasos, uma palmatória de prata, e outras reliquias do tio-bispo, D. Frei Alexandre de Sagrada Familia; no outro, o estojo inglês de barbear, que ficará para Gomes de Amorim; e, em frente mesmo dos seus olhos, divino raio de luz, um grande Cristo, mutilado, com uma coroa seca de flores, que a mãe lhe deu um dia, e agora se desfazem, pulverulentas, como o seu corpo exangue e prostrado. Coroa de martirios! A coroa, afinal, do poeta, que a Morte ronda, devagarinho, em bicos de pés, pelos tapetes vermelhos, ora ali, ora aqui, por toda a casa em silêncio, como que abandonada.

Ao lado, da banquinha, uma poltrona estofada de lã verde, onde todos os dias se senta o médico, e Gomes de Amorim, passa longas horas, lendo-lhe peças francesas, livros de viagens, e conta também os «potins» da cidade.

Um dia chama a filha, a Maria Adelaide, treze anos tristes da orfandade da mãe, de clausura conventual, daquele pai, que só conhece agora, inerte, sucumbido, e diz-lhe:

—Animo, filha! Põe o coração em Deus! Lembra-te de que, nestes ultimos momentos, teu pai que te adora, que te ama, com tanto extremo, teu pai precisa de ti, e que não tem mais ninguém para o confortar!

Ela não compreende. Fica banhada em lágrimas. Parece que o pai lhe está a recitar o «Frei Luis de Sousa». Não tem o seu nome fatidico, aquela desgraçada e inocente Maria, que morre no ultimo acto?

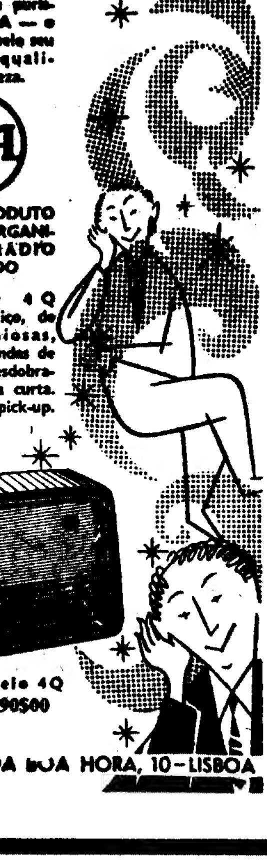
Nesse dia passa pior. Apesar dos fogões crepitarem, tem frio. Qualquer variação atmosférica repercute-se nos seus nervos doentes. A circulação não se faz, e o edema das pernas começa, arroxeando-lhe as carnes, paralisando-lhe os movimentos.

Vestem-no um pouco ridiculamente, com um casaco de casimira grossa, de xadrez vermelho, abotoado até ao pescoço, e, como já não põe cabeleira, o invariável barrete branco. Mas deixam-no muitas horas sózinho. Puxa um dos cordões verdes da campainha, que tem á cabeceira, e toca para a cozinha.

Ninguém acode. A criada saiu, o criado anda no jardim, e a filha deve estar, na mansarda, a ver estampas. E' a mais inocente! Não sabe ainda o que é a morte. Que um raio de fogo

Sonhe acordado...

271



Ouvindo o som puríssimo de um RCA — o rádio preferido pelo seu funcionamento, qualidade e beleza.

RCA

— UM PRODUTO DA MAIOR ORGANIZAÇÃO DE RÁDIO DO MUNDO

MODELO 4Q
Caixa em plástico, de linhas harmoniosas, 5 válvulas, 2 bandas de onda com desdobramento em onda curta. Tomada para pick-up.
1.790$00

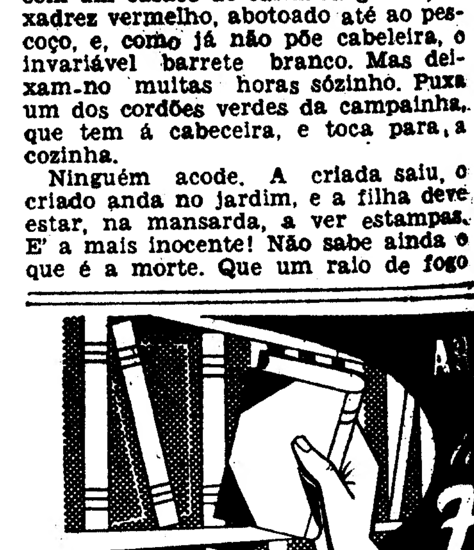
Modelo 4Q
1.790$00

RCA • L. DA BOA HORA, 10-LISBOA

ESTORIL

ALUGA-SE OU COMPRA-SE CASA SEM MOBILIA CERCA 25 DIVISÕES, AQUECIMENTO, GARAGE, JARDIM, ETC. BEM LOCALIZADA. RESPOSTA A ESTE JORNAL, AO N.º 200.

Açorda de Savel?



MERKER

O esque…
por aque…
SEGUR…
CIDAD…

Almeida Garrett

ática da sua longa doença

ige a devolução das suas cartas

he vai escancarar, não tarda, um abismo aos pés. Quando Amorim aparece, confessa-lhe, miserávelmente:

—São duas horas e ainda não tomei um caldo!

Dedicado amigo. Serve-lhe para tudo. Vai á cozinha. O fogão está apagado. Ordena ao criado que vá comprar uma galinha, e volta á alcova a entreter o poeta, cada vez mais apático, absorto, como se o seu espirito vogasse fora dali, pelos fantásticos jardins da meninice encantada, prendendo malmequeres nas tranças da sua Anália; as reminiscências da juventude, garboso, esbelto, com a capa

A morte de Almeida Garrett entre as duas irmãs de caridade e Gomes de Amorim, o discipulo querido

ao vento, nas congostas de Coimbra, desferindo a sua lira de oiro, em trenos de amor, como o seu estremecido Camões; os seus triunfos de orador, na Camara baixa, fulminando, cruel, implacávelmente, Rodrigo da Fonseca, que cravava as unhas no peito tingindo-se de sangue, estorcendo-se espumando de raiva impotente; os negros barracões do desterro de Plymouth, de piolhos e fome; todas as misérias do Havre, curtindo, numa água furtada da Rue Coq-Saint-Honoré, num lobrego e desolado Inverno, as mais infimas privações, e bebendo o fel das mais vis ignominias.

Amorim fala-lhe num lindo poema de Mendes Leal, e recita-o com ênfase, sonorizando as silabas.

—Muito belo! Já se sabe fazer disso em Portugal?!

Talvez que um oculto espinho lhe ferisse a vaidade, porque após o florilégio pediu ao amigo dilecto que lhe recitasse «As minhas Asas». E num murmurio:

—Não está mau de todo!

Amorim faz tudo para o tirar daquela apatia, galvanizá-lo, despertar nele o orgulho.

—Gosto mais dos «Cinco Sentidos» e da «Rosa Pálida», que vêm nas *Folhas Caídas*. Como esses ainda ninguém os escreveu na nossa terra!

O poeta sobressalta-se, como se um fogo interior lhe devorasse as entranhas. Os seus olhos brilham, faiscam. Leva a mão ao peito, e, arquejante, a gotejar suor, pelo choque da emoção, exclama:

—Você não me fala mais nas *Folhas Caídas*. Se soubesse o que eu sofri e amei quando o escrevi. Foi o Ceu e o Inferno! Odeei essa mulher, tanto como a estremeci! Disse um dia que havia de morrer com uma pétala do seu nome nos lábios, mas se ela agora entrasse por aquela porta esbofeteava-a!

Amorim compreende aquela dura cólera. Sente que foi a «ignota dea» (e não o «ignoto deo») que esfacelou as ultimas fibras do coração do poeta. Como brincou com ele, a «coquette» galante, de colo languido e olhos de luz obliqua!

Pelas nupcias clandestinas de Cascais, entre arribas desertas, pinheiros gemebundos, ardendo como archotes, ao clarão vermelho do poente —quantas penas! quantas angustias! quantas ansiedades!

E porque mãos andavam as enamoradas cartas de Garrett, gritos de alma, em que o poeta divino, num estilo de colegial, se confessava, se lhe entregava de corpo e alma. Até em Madrid, mostradas á amante de Castelar (?).

O criado trouxe o caldo, mal apaladado, que o poeta enguliu devagar, como se fosse triaga:

—Então a Tomásia?

—Chegou agora mesmo!

—Chame-a!

A mulher entrou como um tufão, a vociferar. Pós as mãos nas ilhargas e, aos gritos, sem respeito pelo doente, declarou que saira para ir tratar da vida.

—Mas quem lhe deu licença?!

Foi o diabo! A megera destemperou ainda mais em frenesins de colareja. Que miséria a dele! A que estava reduzido o pobre Lelian: ao cheiro da pia!

—Amorim, mande sair esta mulher!

O discipulo, num acto de energia, pô-la na rua, ameaçando-a com a Policia. Mas a casa não tinha quem a governasse. Não era a Maria Adelaide, sempre pelos cantos, sempre timida, como que oprimida pelo silêncio abafado do ambiente, que podia dirigi-la. Roubavam-na. Quando Garrett morreu encontraram nos armários do homem mais elegante da sua época, que batia de longe, as dez casacas e os vinte fraques de Cunha Sotto Maior, o tal que queimava charutos, no Passeio Publico, embrulhados em notas de quatro moedas (19.200)—apenas umas calças e as fardas chamarradas de académico e de par do reino.

Deixavam-lhe os portões abertos da cocheira e do jardim. Levavam em trouxas o bragal, e até o penso dos baios.

Manuel José Gonçalves e Gomes de Amorim decidiram, então, chamar duas irmãs de caridade. O poeta aquiesceu. Tanto um, como outro, não podiam passar ali o dia e a noite, mesmo revezando-se, e Garrett piorava, enfraquecia a olhos vistos. Mal dormitava, sempre aquecido com botijas, molemente reclinado em almofadões altos.

Já Novembro entrara, mais frio e desabrido. Os ciprestes do cemitério dos ingleses, como de baioneta calada, fazendo guarda aos muros da necrópole, inclinavam-se, por vezes, açoitados pelo vento, e quase vinham bater ás janelas do poeta.

Mas o que mais o doia era o ranger das seges, na calçada, a caminho do cemitério — em longos préstitos funerários.

—Mais um! Quem seria?

Os nervos crispavam-se-lhe aguçados, estridentes, numa sensação auditiva de diamante raspando, cortando o vidro..

Amorim, sempre diligente, pediu ao Municipio para que o troço da rua fosse coberto de areia. O génio na agonia, com a sensibilidade excruciada, captava os mais pequenos rumores, na sua camara ardente. Secretamente, porém, tinha ainda esperança de vencer a crise. Pediu a D. Pedro Brito, sempre de pé, alto, seco, esgrouviado, trinta libras emprestadas. E o outro que era de poucas palavras, replicou com simplicidade:

—Vou buscá-las a casa!

Julgava Garrett que, se estivesse perdido, não lhas emprestaria, mas ao ouvir a resposta, pronta e franca, desviou a conversa, e não voltou a falar no assunto.

Mais tarde embirrou com ele. Não o queria ver, ali de pé, na penumbra da alcova, «plantado como um pinheiro», como dizia, ou a passear de lá para cá, e pediu a Amorim que não o deixasse passar da quadra contigua, a biblioteca. Quando lhe diziam que ninguém tinha ido saber do seu estado—e tantos dias foram!—queixava-se baixinho!

—Mundo enganador! Mundo enganador!

Ele que fora o mais orgulhoso principe das letras, a coroa realenga da poesia peninsular, o homem mais querido e temido do seu tempo, a primeira voz no Parlamento, o mestre do Romantismo, o renovador do Teatro português —para ali estava, inerte, abandonado, na alfandega da morte, á espera de ser despachado.

Mas um dia teve uma descarga eléctrica. Um pressentimento terrivel. Sentiu uma sege estacar á porta. Um rumor confuso de vozes, onde se destacava a de Gomes de Amorim, solicita e atenciosa, e outra feminina, guiso de oiro no aro de uma pandeireta andaluza, que ele bem conhecia. E antes que tivesse tempo de dar uma ordem, de fechar a porta do quarto, a «leoa» entrou, bela e majestosa, com um falso sorriso de alegria preso nos lábios chamejantes, o colo nu, emoldurada pelas rendas de bretanha do decote, chapelinho de seda preta, com plumas na cabecita airosa de colibri, e um longo vestido roçagante de veludo negro, que as anquilhas empolavam, engrinaldado, até abaixo, de tafuis laçarias de seda azul.

Empalideceu! Ela vinha passar as garras, uma vez ainda, pelo seu corpo moribundo. Ela que o aniquilara! Que lhe roubara a alma, o coração, a vida! Já era impudor!

—Que vieste fazer aqui?

A dubia claridade que entrava pela biblioteca a custo deixava divisar o rosto da viscondessa da Luz—a Rosa bela e fragrante, alvoroçada, pura, candida, como ele a cantou em quase todas as poesias das *Folhas Caídas*. Agora era «vibora» das ultimas páginas, a querer enroscar-se, voluptuosamente, por mero capricho feminino, nas ruinas daquele corpo moribundo.

—Porque me tratas assim? Soube-te doente, não é natural que te visite?

—Depois de tudo quanto se passou! Depois de me teres despedaçado a existência! Depois de a perder *por ti, de tudo que vem de ti!*

E, num arranco profundo:

—Sou um cadáver que se chama Almeida Garrett. Mais nada! Nem para a senhora, nem para o Mundo. Talvez para a Posteridade!

ARTUR PORTELA

Na primeira página: Oliveira Salazar e Winston Churchill. O ditador que sobreviveu à derrota internacional do nazifascismo e que, obstinadamente, se recusa a escutar as reclamações da União Indiana e a compreender os sentimentos da população de Goa.

De Garrett, numa página ilustrada, nos fala o grande jornalista que foi Artur Portela. De Garrett o homem e o ecritor; de Garrett o político e o combatente liberal.

E a fechar o Caderno Especial recordando o que foi o «DL» nesse ano de 1954, palavras sobre o Natal, com algum angelismo poético e um belo desenho de Carlos Botelho — o grande artista que honrou o «Diário de Lisboa» com as suas ilustrações e que nos honra ainda hoje com a sua amizade.

IME AS SUAS
IDEIAS
ando
storo Ferrero
DA EM TODAS AS FARMACIAS

or-distribuidor suiço que é preferido
que pretendem:
ABSOLUTA, GARANTIA, SIMPLI-
DE FUNCIONAMENTO E BELEZA
xposição — R. de S. Paulo, 142

Tágide
O
Restaurante
dos bons
«GOURMETS»

A ALEGRIA desce á cidade! Como que se introduz nas almas! Penetra devagarinho nos corações, e com um calor brando, a melodia de um beijo, parece dizer, borralheira e feliz: cá estou!

Que linda árvore de Natal, coruscante de lhamas, fazem as estrelas no Céu! Até a Lua, num reclamo luminoso, parada ao fundo da nossa rua, parece sorrir á felicidade que os homens, um dia, ao menos, á roda do triste ano, espalham pela Terra, sem regatear o preço.

Lisboa parece diferente! As ruas da Baixa engrinaldam-se de luzes. A multidão já se comprime nos passeios, espessa, grossa de embrulhos, cortada pelas lampadas refulgentes das montras, que parecem pequenos palcos.

Todas têm os seus actores, numa feerica representação de sonhos e ambições, que nos enchem a cabeça louca.

E se fosse possivel? Para muitos é! Entram nas lojas e compram a felicidade do filho pequenino, que já não é —benza-nos Deus!—a boneca maravilhosa, que fala, de vestes de comungante, toda em rendas de neve, mas o avião de jacto, de velocidades meteóricas, a supermetralhadora, capaz de matar todos os leões da selva, ou o automóvel vermelho e infernal, no qual se pode dar a volta ao Mundo, sem sair do estreito corredor, das casas em série, a oitocentos escudos por familia, nos bairros novos.

E mais coisas: as jóias que cintilam coruscantes nos escrinios de veludo azul, que nem sempre são para as mulheres mais belas, mas para as Ritas Hayworths incandescentes; os veludos roçagantes que na sua sumptuosidade podem cobrir corpos de rainha; as porcelanas preciosas e os cristais nititantes, de que o Chiado está repleto, e que só vão á mesa dos ricos.

Mas quantos não ficam para cá da montra, com o nariz esborrachado no vidro, gulosos de tão copiosos e generosos bens da vida. Será sempre assim —infelizmente!

Mas também esses terão o seu Natal, um Natal, presépio dos pobres, como os fazia Machado de Castro, modelando as figurinhas populares: o calafate, a leiteirinha, o picheleiro, o carpinteiro,—que Jesus, afinal, desde pequenino, andou sempre com os humildes e os deserdados e foi, entre eles, que escolheu os Seus discipulos.

E reparem, a Virgem Maria nem sequer O vestiu quando, de longe, por perdidos caminhos, guiados por uma Infinito, como a mais maravilhosa esperança humana, os reis magos surgiram com o incenso, a mirra e o oiro da Epifania.

Como será o Natal dos pobres? E o Natal dos enfermos, dos encarcerados, dos ausentes? O caldo mais quente e o pão mais avonde, o sorriso bom do médico a animar o que está perdido; a carta enternecida que se recebe ás grades, que não parecem frias; a saudade boa e doce, lá longe, do outro lado do mar, que flutua, como uma aragem, que levasse nas suas volutas, o perfume das giestas, o aroma da resina dos pinheiros, até mesmo o cheiro de lavanda dos trigais maturados, que lembram a Pátria distante. O Natal é eucaristia que se reparte por todos. As outras festas podem ser deste ou daquele, mas o Natal, não; é de todos, no seu transcendente simbolismo cristão.

Ninguém o pode roubar, guardar avaramente como um tesouro num cofre de ferro.

E' a fogueira que aquece todas as almas, que banha de calor todos os corações! Ninguém lhe fecha a porta, nem os braços, quando ele desce do Céu como uma suave e reparadora benção de paz!

Fulge de esperanças. Tem, nesse dia, pelo menos, horas em que tudo é diferente.

Reparem neste homem grosseiro, impenetrável, endurecido, de perfil rapace, que vai pela rua. Conquistou, com as mãos ávidas tudo quanto desejou. O Destino, muitas vezes, tem destas ironias.

Ele não escuta a valsa doirada que os empurrões da multidão entrecortam, que o cego da esquina toca com o seu velho plectro no violino, nem na criança, rotinha, que ele podia fazer feliz, dando-lhe anonimamente um dos bonecos da loja sumptuosa de novidades que parece o reino da fantasia, de um principe feliz, recortado de um conto de Walt Disney. Aperta melhor o casaco, não para fugir á tentação da esmola, mas porque o ar regela e deixou lá, muito em baixo—o transito aumentou—o automóvel super-aquecido. E, no entanto, aquela máscara dura, implacável, mesmo brutal, que sabe dizer terminantemente «não» a todos, que é um vencedor da gigantesca batalha do mundo, —foi também uma criança, soube sorrir, namorar uma flor, prender na boca da mãe um beijo puro e inocente, que brilhava como uma estrela! Mas já não se lembra! Só na infancia, já o disse alguém, se encontra o homem verdadeiro. O resto—o carinho, o amor, o perdão, tudo a vida levou!

Nem cinzas ficaram! E' triste!
E' triste!

O que vale são os anjos.